

Cirandas feministas

experiências que se entrelaçam



edições
sos corpo

Cirandas feministas

experiências que se entrelaçam

Obra coletiva

Recife, 2016



edições
sos corpo

Cirandas Feministas: experiências que se entrelaçam

Obra coletiva

Revisão: *Sidney Wanderley e Cristina Lima*

Edição: *Carmen Silva e Cristina Lima*

Projeto gráfico e ilustrações: *Paula Tabosa*

Fotografias: *Acervo SOS Corpo*

Tiragem: *1.000 exemplares*

*Sugerimos e motivamos a reprodução total ou parcial
das ideias aqui expostas por todos os meios (conhecidos
ou desconhecidos). Para cópia e difusão dos materiais
publicados, favor citar as fontes.*

**SOS Corpo
Instituto Feminista
para a Democracia**

Rua Real da Torre, 593, Madelena
CEP: 50.610-100 – Recife/PE
Tel.: +55 81 3087-2086
FAX +55 81 3445-1905
e-mail: sos@soscorpo.org.br

www.soscorpo.org.br

Apoio:



União Europeia

*Este trabalho foi desenvolvido com o apoio financeiro
da União Europeia. Os conteúdos expressos são
de responsabilidade do SOS Corpo e não refletem
necessariamente a posição oficial da União Europeia.*

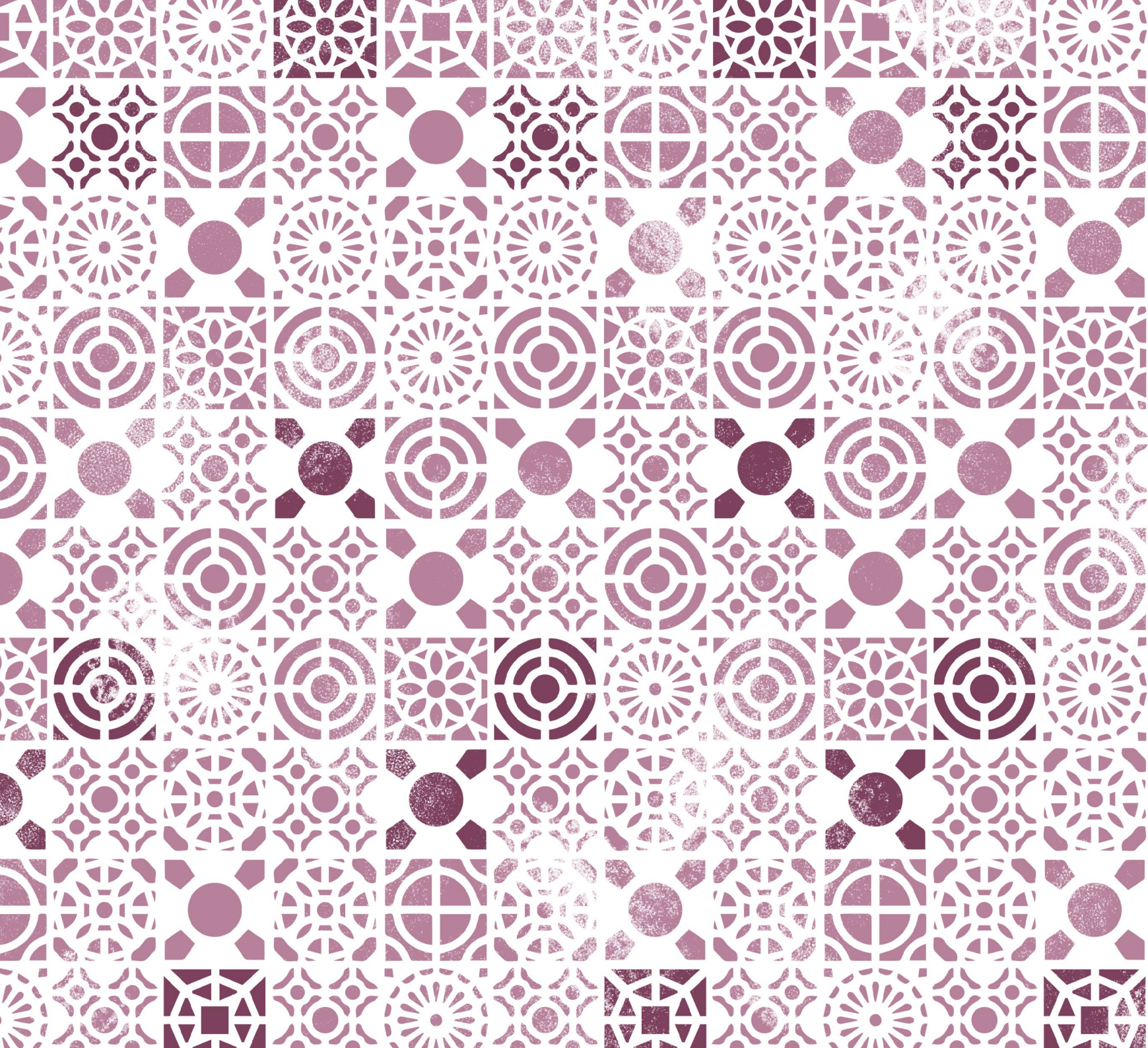
**Brot
für die Welt**

Pão para o Mundo –
Serviço Protestante
para o Desenvolvimento

*Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca
Central da Universidade Federal da Paraíba*

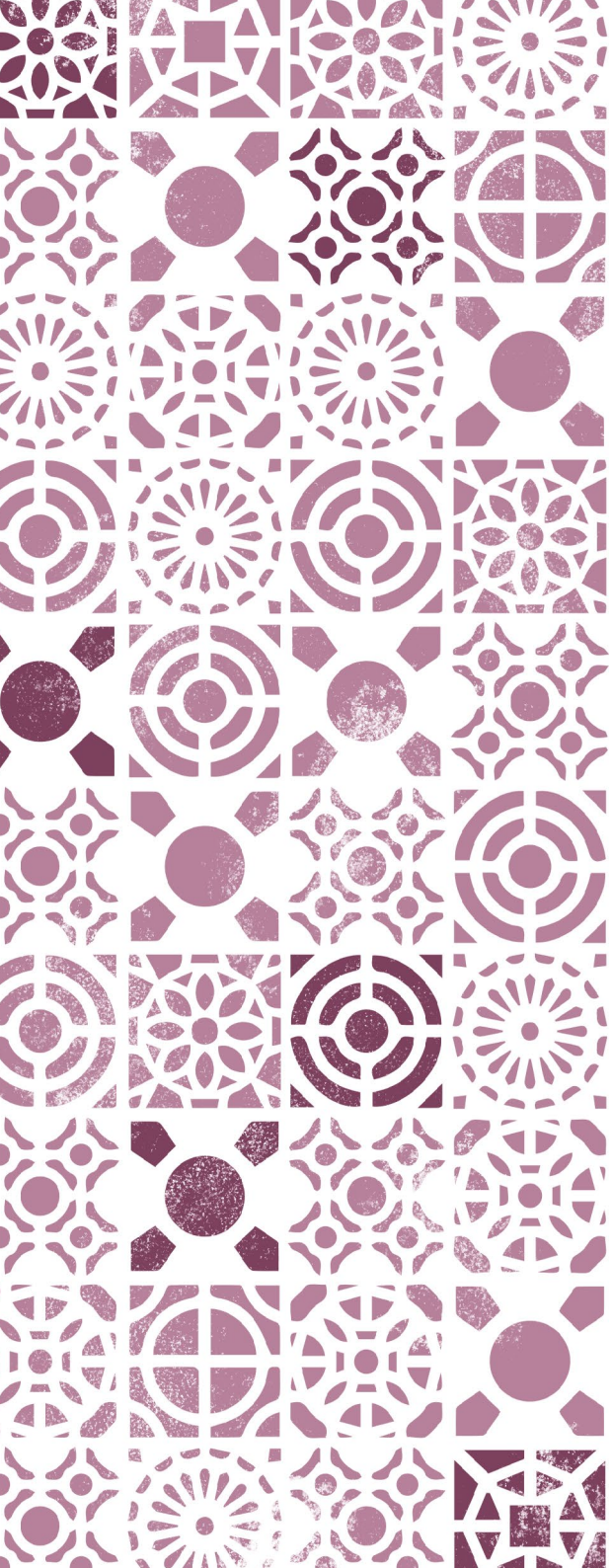
C578 Cirandas feministas: experiências que se entrelaçam / Carmen
Silva, organizadora. - Recife: Edições SOS Corpo; Instituto
Feminista para a Democracia, 2016.
160p.
ISBN:
1. Feminismo. 2. Movimento de mulheres. 3. Educação
feminista. I. Silva, Carmen.

CDU: 396



índice

6	Cirandas Feministas: experiências que se entrelaçam <i>Carmen Silva</i>	67	Nossa raça, nossa resistência <i>Edicléa Santos</i>	103	Casa Lilás, Mulheres guerreiras <i>Irani Brito, Pergentina Vilarim, Cirene Mota e Adriana Moreira</i>
18	Por mais e melhores creches <i>Neide Silveira e Irani Elias</i>	75	É preciso se atrever para sobreviver <i>Josefa Conceição</i>	114	Viver na Vila <i>Áurea Araújo e Lurdes Feliciano</i>
27	Organizar a luta para desorganizar a vida <i>Mércia Alves</i>	79	Histórias de mulheres atrevidas <i>Maria Bernadete e Katia Solange</i>	120	Outras histórias <i>Veronica Pedro e Venuse Braga</i>
41	Desatando os nós da violência <i>Fernanda Alves e Isís Carina Braz</i>	85	Educar-se pelo feminismo: um gesto com as outras <i>Rivane Arantes</i>	127	Tudo ao mesmo tempo agora...uma coisa de cada vez <i>Simone Ferreira</i>
49	O feminismo nos deu ar <i>Miriam Florêncio, Odilene Florêncio e Maria José dos Santos</i>	98	Uma experiência a ser contada <i>Beth Amorim</i>	137	O pontapé, FeminismoAgora! <i>Camila Santana</i>
58	Ocupe Passarinho <i>Analba Brazão</i>			144	Sentir, pensar e agir <i>Carmen Silva</i>



Cirandas feministas

experiências que se entrelaçam

Carmen Silva

Ciranda é uma dança em roda muito comum no nordeste. Contam que ela começou nas praias, diante da imensidão do mar, e que imita as ondas no seu vai e vem permanente, às vezes, fortes, revolvendo as areias, às vezes, uma marola acariciando os nossos pés. Quem já dançou ciranda sabe, é um fluxo contínuo de energia, pra dentro e pra fora, circulando pelos corpos que se encontram na roda, próximos o suficiente para estarem juntos e, ao mesmo tempo, longe ao ponto de se entrelaçarem apenas pelas mãos. É como o movimento feminista, tem momentos de grande força coletiva, capaz de impulsionar nossas lutas e arrancar algumas conquistas do sistema que nos oprime, e tem outros momentos em que parece tão frágil, nos quais ficamos juntas resistindo, mas, mesmo assim, ele nos toca no mais profundo de nós mesmas. Quem participa sabe. Ser feminista é um esforço permanente para não se ver arrastar pelas normas que dizem o que deve ser uma mulher, e é também um deixar fluir de nós mesmas, na floração de nossos desejos e na conquista coletiva de nossos direitos. Seguimos juntas, fazendo girar a energia que nos mobiliza, nos fortalecendo dentro de nossa rede, e, para fora, atuando no mundo com toda a garra que o enfrentamento à dominação e à exploração

exige. Não queremos muito, apenas transformar o mundo pelo feminismo. Por isto, trazemos aqui essas experiências que se entrelaçam, histórias e reflexões dos grupos populares feministas.

Com as cirandas na cabeça, a equipe do SOS Corpo iniciou em 2013 uma experiência político-pedagógica junto aos grupos de mulheres da região metropolitana do Recife. Na verdade, começou um ano antes, quando nos reunimos com alguns grupos populares e com o Sindicato das Domésticas, para começar a planejar esta ação. Logo ficou nítida a necessidade de incluir outras mulheres que ainda não participavam de grupos, mas que queriam muito iniciar um processo de auto-organização em seus territórios ou em suas categorias. Foi assim que tudo começou. De 2013 a 2015, realizamos um processo de fortalecimento de 13 grupos de mulheres, organizados em bairros da periferia e municípios da região metropolitana do Recife e em categorias. Mulheres que vivem em situação de pobreza, majoritariamente negras, adultas e com reduzida escolaridade. Quando começamos, alguns ainda não eram grupos, eram apenas uma intenção; outros já tinham uma longa trajetória, mas precisavam se fortalecer. Com este desafio, de



fortalecer grupos para atuação na sua localidade e para o engajamento no movimento feminista, seguimos em frente.

Nos encontramos com mulheres que já atuavam no movimento feminista local, no Fórum de Mulheres de Pernambuco, e outras que nem o conheciam. Alguns grupos e articulações locais tinham uma longa trajetória: Coletivo de Mulheres de Jaboatão, Grupo Espaço Mulher (Bairro Passarinho - Recife), Grupo Cidadania Feminina (Bairro Córrego do Euclides – Recife), Fórum de Mulheres de Paulista, grupos de mulheres de Camaragibe e o Sindicato das Domésticas. Destes, apenas o Cidadania Feminina não compartilhou a experiência até o final, re-

tirou-se por não mais ser possível ou necessário continuar. E, em Camaragibe, embora tenha havido um esforço enorme de resgate da memória coletiva e uma forte experiência de cuidado entre mulheres, não houve condições de dar continuidade ao processo.

Esse trabalho voltou-se também para processos de grupalização de mulheres que ainda não estavam articuladas ao movimento feminista. Assim nasceu o grupo Liberdade Vamosimhora, em Jardim Monte Verde (Recife), a partir de agentes de saúde que atuavam na comunidade; o grupo Mulheres Atrevidas, de mulheres que vivem com HIV/Aids, que contaram com a experiência de uma delas, que já participava do movimento;

o FeminismoAgora!, grupo que se formou neste processo pedagógico a partir de algumas jovens que atuavam em outros coletivos e muitas que não estavam engajadas; e o Coletivo de Mulheres Casa Lilás, que surgiu da experiência da associação de mulheres de Lagoa Encantada, um bairro de Recife, e de sua participação na rede de Promotoras Legais Populares.

A tentativa de formar novos grupos se dirigiu também para outra categoria de mulheres: as catadoras de material reciclável. Depois deste período de formação, apesar de não terem gerado um coletivo, elas seguem engajadas nas cooperativas de catadores e atuando juntas. Na região metropolitana, a cidade de São Lourenço também foi um território inserido nessa experiência. A razão da escolha foi o fato de ser uma localidade duramente atingida pelas políticas voltadas para a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, mas nela não havia ainda um grupo de mulheres. Frente às dificuldades encontradas, o acompanhamento do SOS Corpo foi paralisado no meio de 2014, entretanto, em 2015, o movimento de mulheres naquela cidade ressurgiu com força, a partir da iniciativa de outras militantes do Fórum de Mulheres de Pernambuco. No

meio do caminho, entrou também Olinda, a partir da parceria com o Coletivo Mulher Vida e companheiras do Centro Nordestino de Medicina Popular. Nas iniciativas em Olinda, agregamos um grupo de Peixinhos, o Mães da Saudade, resultante de uma ação local do Grupo Comunidade Assumindo Suas Crianças.

E assim seguimos juntas. Esta experiência teve as marcas da pedagogia feminista, a educação entre mulheres. Desde a década de 1970, com o surgimento do movimento feminista como espaço de auto-organização das mulheres em torno das lutas por direitos e da participação na resistência à Ditadura Militar, a educação entre mulheres tem sido um elemento central. Os grupos feministas se consolidaram como espaço de reflexão, também chamados grupos de auto-consciência, e com ações para sociedade, a exemplo dos jornais *Brasil Mulher*, *Mulherio* e *Nós Mulheres*, e mobilizações nacionais em defesa de direitos, a exemplo da ação no processo constituinte de 1986-1988 – que ficou conhecida como lobby do batom – e, posteriormente, com incidência sobre o Congresso Nacional e o poder executivo, o que fez com que o governo Lula criasse a Secretaria de Política para Mulheres (SPM), possibi-

litou a conquista da Lei Maria da Penha e gerou o que hoje conhecemos como Políticas para Mulheres.

Hoje vivemos um momento difícil de crise institucional com riscos de impedimento do governo federal eleito pelo voto popular, com ameaças de retrocessos, no Congresso Nacional, nos nossos direitos duramente conquistados, com crise econômica e aumento do desemprego e com o crescimento das forças conservadoras e fundamentalistas na sociedade. Pra piorar a situação, a “epidemia do mosquito” tomou conta do país. Na região metropolitana do Recife, a situação é de calamidade com tantos casos de dengue, zica e chikungunya. A ausência de esgotos, o não abastecimento de água e a crise do sistema de saúde se somam à quantidade de crianças nascendo com microcefalia, piorando em muito as condições de vida das mulheres, que, ainda hoje, são responsabilizadas pelo trabalho doméstico e cuidados com os filhos, na maioria das vezes, sozinhas. É o momento de gerar uma onda forte de mobilização, capaz de juntar as mulheres em lutas locais e nacionais contra tudo isso.

Esta experiência que apresentamos aqui queria contribuir com o enfrentamento da

situação de vida das mulheres, a partir da sua própria organização nas localidades onde residem. Tendo em vista que as mulheres negras, que vivem nas periferias das grandes cidades são também as mais pobres, buscar contribuir com sua organização e ação no mundo é uma forma de ajudar a impulsionar sua presença como sujeito nos processos de superação das condições nas quais se encontram. A maioria das mulheres residentes na periferia da região metropolitana do Recife não tem acesso a informações sobre os seus direitos já conquistados formalmente e as políticas públicas que podem contribuir para a melhoria das condições de vida. Além disso, têm dificuldades para se auto-organizar coletivamente e para realizar mobilizações de pressão sobre os governos e de incidência sobre a sociedade. Este foi o problema que procuramos enfrentar. Ao término deste tempo, queríamos ter uma rede de organizações de mulheres fortalecida, com capacidade de luta por direitos sociais, ação comunitária, comunicação, e que realizasse a necessária pressão popular sobre o poder público. Esperávamos também que os grupos de mulheres já existentes, e aqueles que fossem criados neste processo, se constituíssem como espaços de convivência e acolhida de outras mulheres; fizessem

atividades educativas; organizassem as lutas locais e se integrassem às ações e lutas do movimento feminista como um todo.

Esta ação pedagógica tem três elementos-chaves: o acompanhamento sistemático aos grupos de mulheres organizadas em territórios ou por categorias sociais, o curso de formação política feminista e a formação em comunicação. O acompanhamento sistemático a grupos populares, caro à tradição da Educação Popular, foi desenvolvido durante esses três anos envolvendo os grupos de mulheres da periferia e as populações em geral das comunidades nas quais estes grupos atuam, nos seis municípios atingidos: Recife, Olinda, Jaboatão, Paulista, Camaragibe e São Lourenço da Mata. O acompanhamento é uma metodologia de grupalização de mulheres em torno de seus desejos e necessidades e de fortalecimento de grupos de mulheres em torno de suas lutas e da formação feminista. O modo de atuar da educadora que acompanha o grupo é diferente, de acordo com as condições que ela encontra – se está iniciando ou já tem uma trajetória de atuação, se é de um bairro, município ou de uma categoria, se tem definidas as suas prioridades ou se ainda está conhecendo melhor a realidade onde está inserido – e

de acordo com o perfil das mulheres participantes, ou seja, se elas têm mais ou menos escolaridade, trabalho formalizado, renda própria, filhos etc.

Para fazer a análise da situação das mulheres em cada contexto onde os grupos estão inseridos, a educadora organiza, em diálogo com o grupo, um processo de oficinas a partir de questões-chaves que, do nosso ponto de vista, são estruturantes da situação das mulheres: situação de trabalho, violência, controle sobre o corpo e a sexualidade e as relações de poder. A partir da participação nas atividades educativas, as mulheres produzem conhecimento sobre a realidade que vivem nos bairros e categorias. É um ponto de partida para discutirem suas prioridades de ação e sua forma de organização para envolver mais mulheres em suas lutas.

O acompanhamento é uma presença assessoradora de uma educadora feminista que participa do mesmo movimento social que as mulheres dos grupos populares, mas que tem condições de conhecimento e de ação diferenciadas e mais fortes. Daí a importância da permanente vigilância sobre si mesma para manter coerência com os princípios feministas de horizontalidade, autonomia, troca de

saberes e aprendizado coletivo. O cuidado com os processos democráticos no interior dos grupos e no movimento como um todo se soma ao cuidado entre nós, mulheres, como pessoas inseridas numa estrutura de dominação e exploração, esta teia forte que nos prende e da qual lutamos para nos libertar. Neste acompanhamento aprendemos a ouvir todas e a divergir umas das outras, de uma forma assertiva e respeitosa, buscando criar consensos que potencializem nossa ação coletiva, aprendemos a distribuir responsabilidades, avaliar as falhas e elogiar as nossas realizações. Assim, os grupos se fortaleceram na atuação em seus contextos e no engajamento no movimento feminista.

Nesta caminhada, encaramos grandes desafios, como as dificuldades de escrita e leitura de um grande número de mulheres dos grupos, o que exigiu realizar ações de comunicação possíveis e necessárias aos processos dos grupos populares. Também foi desafiante fortalecer as ações de exigibilidade de direitos como processos de lutas locais nos quais se insiram as ações de mobilização e os possíveis diálogos com o poder público, enquanto espaços de reivindicação, proposição e pressão, num momento em que muitos grupos são acostumados com processos de

participação social que não geram muitos resultados práticos para a vida cotidiana. Outro desafio foi ampliar a presença da juventude nos grupos populares de mulheres e fortalecer as ações articuladas em rede, ampliando as conexões na região metropolitana do Recife como um todo e desta com as outras regiões do Estado no sentido de consolidar a atuação do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE).

As ações de comunicação tiveram força no processo de formação e contribuíram para três elementos muito importantes: criaram laços entre as mulheres que em cada grupo atuavam ou tinham desejo de atuar nesta área; favoreceram que elas analisassem criticamente a comunicação de massa e a comunicação que realizamos nos movimentos sociais; e contribuíram para que trocassem experiências e aprendessem a produzir a comunicação de seus grupos. Isto foi feito através de várias oficinas de comunicação, umas para aprofundamento do tema e outras específicas por áreas, como rádio, boletins e internet.

Os resultados têm sido visíveis na ação dos grupos. Em conjunto, elas produziram a campanha “Deixa eu dizer o que penso

desta vida”, que cumpre um duplo objetivo. Ao mesmo tempo insere ativamente os grupos de mulheres na campanha nacional pela democratização da comunicação, com a coleta de assinaturas para o projeto de lei de iniciativa popular chamado lei da mídia democrática e, por outro, abriu um campo de possibilidades para que se faça ouvir as vozes das mulheres sobre as suas vidas. A campanha foi utilizada pelo FMPE para uma ação importante por ocasião de seu encontro estadual, que consistiu em uma “escuta às mulheres” realizada em espaços

públicos, na região metropolitana e nos sertões, e, posteriormente na apresentação desta escuta em um palanque feminista, que trouxe os depoimentos das mulheres para a praça pública, no centro o Recife, nas proximidades das eleições municipais. Os grupos pegaram gosto pelas ações de rua e afirmaram que nunca mais as vozes das mulheres serão caladas.

O curso de formação política feminista ocorreu em três edições, com quatro módulos cada, em regime de imersão, com três par-



ticipantes de cada grupo em cada edição do curso e, na última, foi aberta para os grupos que participam do FMPE em todas as regiões do Estado. O conteúdo foi desenvolvido a partir do enfoque feminista sobre a situação das mulheres, envolvendo questões relativas a poder, trabalho, corpo, sexualidade e violência. Todas elas contextualizadas a partir das condições de vida nos bairros periféricos do Recife e região metropolitana. O curso possibilitou também reflexões sobre a auto-organização das mulheres como movimento social. Nos grupos ficou visível uma mudança na qualidade da participação das que fizeram o curso, maior engajamento e adesão à proposta da vivência no coletivo. Para algumas é como se tivessem novo sentido, por compreenderem melhor o significado do grupo. É evidente que todas as ações concorreram para essas mudanças no engajamento, tanto o curso como a comunicação e o acompanhamento sistemático, mas as mulheres que passaram pela experiência do curso, se colocavam com mais desenvoltura nos processos de seus próprios grupos, algumas inclusive liderando ações nas suas comunidades e/ou categorias.

A ambiência de troca e aprendizado nesta experiência pedagógica favoreceu tam-

bém o entrosamento entre os grupos e o estabelecimento de relações entre eles, quer dizer, alguns grupos começaram a intercambiar ações, fazer incidências juntos, nas suas comunidades e categorias, a trocar informações e saberes e a atingir outras mulheres com suas atividades. Isso se estendeu também ao conjunto das ações do movimento feminista mais amplo na cidade, em especial ao Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE), mas, em ocasiões especiais, a todo o movimento feminista. Também ficou visível como mais mulheres dos grupos começaram a estar mais presentes no dia a dia do movimento, nas suas reuniões ordinárias, mas também nas suas expressões nas ruas, nos seus processos de incidência na cidade, e como passaram a liderar algumas ações. É o que aconteceu com o processo de articulação em torno do plebiscito popular por uma constituinte exclusiva pela reforma do sistema político e com o debate sobre a política pública de saúde no Estado. Mais recentemente cresceu o engajamento dos grupos no processo de articulação da Marcha de Mulheres Negras, na Conferência Livre por Políticas para Mulheres e nos protestos *Fora Cunha*, que envolveram o conjunto do movimento feminista na cidade.

Com todas estas experiências se entrelaçando, pensamos em contar para o mundo o que aconteceu. Queríamos uma publicação que narrasse o processo do ponto de vista das educadoras que construíram a proposta pedagógica e também das militantes dos grupos populares que dela participaram. Daí o caminho traçado foi um processo de sistematização, à luz da metodologia de educação popular. Reunimos os grupos, assim como fizemos antes de iniciar este processo e nos planejamentos anuais, e lançamos o desafio: vamos escrever esta história. O entusiasmo foi grande e os resultados podem ser apreciados aqui.

De julho de 2015 a fevereiro de 2016, nos reunimos com duas ou três mulheres de cada grupo em cinco oficinas de sistematização com o intuito de chegarmos a este livro. Na primeira oficina compartilhamos quem somos e refletimos sobre a importância de contar essa história. Foi um momento de muita emoção e envolvimento umas com as outras, pois, apesar de nos conhecermos e atuarmos juntas, temos pouco tempo e espaços propícios para partilharmos nossas vidas. Fizemos também vários exercícios com música e com contação de histórias, discutimos sobre os sentidos de sistematizar, es-

crever e difundir esta experiência para mais mulheres, e vimos como esta sistematização poderia contribuir para aprofundar e fortalecer o nosso feminismo. A ideia forte neste momento foi a de que um feminismo que se confronta com o patriarcado, o racismo e o capitalismo tem que estar fortalecido no meio popular, entre as mulheres que vivem do trabalho e que sustentam a luta nas suas comunidades. Com esse ponto de partida, cada grupo apresentou que experiência particular iria sistematizar para a publicação. A partir daí fizemos exercícios sobre memória coletiva e sobre o ato de escrever.

Na segunda oficina, alguns grupos trouxeram os seus primeiros escritos, mas a maioria falou de suas dificuldades para realizar este desejo. Quem trouxe algo para apresentar teve a oportunidade de ouvir os comentários das demais e saiu desafiada a aprofundar a sua elaboração. Juntas debatemos quais eram as principais dificuldades enfrentadas e isto deu o tom da terceira oficina. Na terceira oficina, trabalhamos o desafio da leitura e escrita. Conversamos sobre as dificuldades e fizemos vários exercícios sobre estágios de leitura, objetivos e estratégias ao ler, formulação de hipóteses no ato de leitura, como ler quando um texto

tem palavras difíceis, o que são conceitos e como usá-los, entre outras coisas. O mote que deu o espírito da oficina foi: escrever é a arte de dizer o que eu penso para muita gente. Como todas gostam muito de dizer o que pensam desta vida, a oficina gerou boas gargalhadas com os exercícios hilariantes e muita motivação para seguir em frente.

Na quarta oficina, quase todos os grupos trouxeram seus escritos e algumas participantes apresentaram também elaborações individuais sobre suas histórias de vida. Novamente nos comovemos ao ouvir os relatos dos grupos e das vidas de mulheres que decidiram partilhar suas experiências com muito mais gente. A emoção não impediu que todas discutissem os textos umas das outras, dessem opiniões e sugestões que poderiam ou não ser aproveitadas pelas autoras. Isto foi feito. Ao chegarmos à oficina final, a quinta, na qual exercitamos a edição deste livro, todos os grupos estavam com seus textos prontos. Nesta última oficina, discutimos exaustivamente o título da publicação, formato, características, imagens, e, claro, como seria a festa de lançamento. Chegamos ao final do processo unindo as sistematizações realizadas pelos grupos de mulheres que compartilharam esta ação du-

rante três anos às elaborações da equipe de educadoras do SOS Corpo sobre a metodologia construída. O SOS Corpo trabalha com educação feminista com grupos populares de mulheres desde que surgiu, em 1981, mas nesta experiência agregamos novos desafios. O nosso desejo era ampliar a formação feminista a partir da autorreflexão coletiva com compartilhamento de experiências das mulheres, algo que foi fundante nos grupos de autoconsciência da década de 1970. O acompanhamento sistemático de processos organizativos e de lutas locais também gerou muitos debates entre nós. A questão era como construir um processo de acompanhamento que não fosse dirigista politicamente, que potencializasse a autonomia do grupo e, ao mesmo tempo, discutisse os vícios predominantes derivados de nossa cultura política. A formação política feminista, realizada no curso, foi objeto também de profundos e acalorados debates. Enfrentamos o desafio de fazer deste momento uma troca de saberes, potencializando o gosto pelo conhecimento, e contribuindo para a capacidade de análise da realidade das mulheres e para as estratégias de luta de cada grupo. Por fim, favorecer a comunicação dos grupos, com voz própria, e a atuação em rede, no movimento feminista, foi igualmente desafiante. Os tex-

tos da equipe do SOS registram como cada uma de nós refletiu sobre um aspecto desta intrincada metodologia.

O nosso desejo é que esta ciranda feminista envolva mais e mais mulheres nesta grande roda, capaz de reconhecer as desigualdades entre nós e fortalecer o que temos em comum. O nosso feminismo se faz na nossa luta cotidiana, em casa, nos bairros, no trabalho e na cidade. Nos juntamos a todas as mulheres, do Brasil e do mundo, que em outros lugares, nas redes e nas ruas, colocam sua energia na construção de um feminismo popular, antirracista e anticapitalista, um feminismo que nos faz fortes e alimenta nossos sonhos de justiça e liberdade.

É com grande alegria que escrevo este texto, baseado em uma experiência vivida junto com as feministas que aqui escrevem também, que são mulheres dos grupos populares da região metropolitana do Recife e do SOS Corpo, minhas companheiras de militância e de trabalho, e em ideias construídas coletivamente por todas no processo de sistematização. Agradeço a todas as participantes a confiança, a partilha da vida e a energia boa que deixaram em mim neste momento.

Por mais e melhores creches

Irani Elias e Neide Silveira

Somos um grupo de mulheres feministas que tem crescido em número de participantes, como também se fortalecido e articulado a outras mulheres através das mobilizações de rua, oficinas, seminários, rodas de diálogos, dinâmicas de autoestima e formação política. Esse processo tem contribuído muito para repensarmos os conceitos machistas que tentam limitar nosso protagonismo e a participação na política, na economia e no mundo.

Nosso coletivo de mulheres é articulado ao Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE) e muitas outras instituições parceiras contribuem significativamente em nosso município, Jaboatão dos Guararapes, para o enfrentamento a todas as formas de violência e injustiças em nossas vidas.

Pensando no que nos limita, nos inquietamos, e a partir daí vamos articulando e construindo nossas lutas, afirmando que somos donas de nossas próprias vidas e que ninguém, além de nós mesmas, é capaz de organizar e conquistar.

Coletivo de mulheres do Jaboatão em cordel

*Nós que fazemos o Coletivo
De Mulheres do Jaboatão
Que é um grupo feminista
Lutamos contra a opressão.*

*Enfrentando o racismo
Combatendo a violência
Nosso lema principal
É despertar a consciência.*

*No início a mulherada
Militava no PT
Na secretaria de mulheres
Só fazendo acontecer.*

*Resolvemos nos juntar
Com mulheres da comunidade
Quando surgiu o Coletivo
Cuidando da nossa cidade.*

*Na luta pela educação
Dentro e fora das escolas
Empoderando as mulheres
Conversando toda hora.*



*Encorajando pra luta
Trabalhando a autoestima
Lutando pelos direitos
Da mulher e da menina.*

*Denunciando a violência
Combatendo o machismo
Liberando a consciência
Descobrimos o feminismo.*

*Foi assim desde 2000
Mais forte em 2003
Quando a política pública
Começou a ter mais vez.*

*E foi em 2003
Que o grupo decidiu
Lutar por políticas públicas
E Jabotão sacudi.*

*Na primeira Conferência
De políticas pra mulher
Estávamos fortes presentes
Pra meter nossa colher.*

*É nas rodas de conversas
Que escutamos a mulherada
Cada uma fala um pouco
De uma vida atrapalhada.*

*Com dinâmicas de autoestima
Alegria e animação
Brincadeiras na piscina
Andando na contramão.*

*Uma boa atividade
Foi a escuta na rua
No PSF foi novidade
A verdade nua e crua.*

*Enfrentamos o racismo
E a violência doméstica
Também a homofobia
E a luta é o que nos resta.*

*Durante a caminhada
Nós fizemos parcerias
Com grupos e sindicatos
Tudo com muita harmonia.*

*Tem o SOS Corpo
Sempre nos fortalecendo
Trabalhando a consciência
Sempre nos enriquecendo.*

*Dentro das comunidades
Nosso lema é atenção
Às mulheres violentadas,
Que sofrem muita opressão.*



*Falam de seus sentimentos
Desenganos e suas dores
Muitos descontentamentos
Ao lado dos opressores.*

*Cuidar da casa, das crianças,
Do marido opressor,
Vivendo sem esperanças
De um mundo promissor.*

*Mas chegando para o grupo
Elas sentem fortaleza
Elevam a autoestima
Distribuindo grandeza.*

*Nosso fortalecimento
Pras mulheres repassamos
Com muito empoderamento
Com alegria nos amamos.*

*Ter alguém pra conversar
Das torturas do opressor
Ajuda nossas mulheres.
É um bem libertador!*

*De 2013 a 2015
Nosso grupo só cresceu
Trazendo novas mulheres
Tudo nos favoreceu.*

*A pesquisa ação sobre creches
Atividades na praça
Escutando as mulheres
Com garra e muita raça.*

*Falando de suas dores
Tristeza e emoção
Livrando-se dos desamores
Abrindo seu coração.*

*Conquistando seu espaço
Com fé e muita esperança
Mulherada empoderada
E cheia de confiança.*



Por que decidimos retomar o debate sobre creches?

Foi através do encontro com vários representantes do governo municipal e das secretarias da Educação, da Mulher, no primeiro semestre do 2013, que foi divulgada a viabilização da construção das 12 creches no município, cujos locais, estrutura física e quantidade de crianças atendidas já estavam determinados na exposição apresentada.

A partir daí, nós, mulheres do Coletivo do Jaboatão, arregaçamos as mangas e retomamos o debate sobre a importância dessas creches para as crianças e para as mulheres, como também decidimos priorizar o acompanhamento da execução das ações realizadas pelo governo local.

Partimos imediatamente para planejar as nossas ações e qual seria a melhor maneira de desenvolvê-las. Primeiro, realizamos uma escuta no posto de saúde Mariinha Melo, coletamos informações em torno das necessidades básicas das mulheres e de suas

crianças. No início de cada conversa e a cada escuta, percebemos o medo e a insegurança; e veio a pergunta: por que vocês estão fazendo isso e para quê? Quem são vocês?

Depois de explicarmos o motivo e objetivo da escuta, elas sentiram confiança e logo expressaram seus sentimentos, revelando-nos momentos dolorosos que marcaram suas vidas. Percebemos que o pouco que lhes falta muitas vezes é alguém para escutar suas angústias e sofrimentos, pois pouco conhecem de seus direitos, muito menos do feminismo.

Foi durante estes momentos que presenciamos as mulheres carregando sempre suas crianças, o que comprova que elas não dispõem de um lugar onde deixar seus filhos e filhas. Entendemos então que a falta de creches nos bairros da periferia limita suas vidas em todos os sentidos: para trabalhar, estudar e se divertir.

Dentro de casa não têm com quem conversar, e ao saírem de casa com as crianças não dá tempo para conversar com as outras mulheres. Em casa, na rua, na igreja, em qualquer lugar, as mulheres sempre estão trabalhando, carregando sacolas, cuidando das crianças. Sempre ocupadas.

Entregamos então uma carta acerca da campanha sobre as creches. O texto dizia:

“Olá, mulheres. Estamos na campanha por melhores creches no município do Jaboatão dos Guararapes. O governo federal viabilizou a construção de 12 creches para nosso município. A nossa luta é para que a qualidade e o funcionamento dessas creches atendam às necessidades das mulheres e dos seus filhos e filhas, pois a ausência de creches nas comunidades contribui para aumentar as atividades domésticas destinadas apenas a nós, mulheres. Por isso, o Coletivo de Mulheres do Jaboatão convida você a participar conosco e contribuir com sua opinião e reivindicação”.

Fizemos o lançamento da campanha na Praça do Rosário, no mês de março, na Semana da Mulher. A praça, no centro do Jaboatão, nunca esteve tão bonita; faixas, cartazes, uma tenda, bandeiras, mesa com papéis, pincéis, varais, prendedores de roupas transformaram o local num verdadeiro lugar do protagonismo das mulheres. Construimos

um varal da cidadania, onde penduramos nossas críticas e reivindicações. Umas desenhavam, outras escreviam nos cartazes o que pensavam sobre a ausência de creches e de outras políticas públicas no município.

Lançamento da campanha por creches

As mulheres paravam para saber o que era aquilo, aquelas bandeiras, flores, bolas, o que provocava uma grande motivação. Muitas cores, sabedoria, resistência e alegria. O acolhimento a cada pessoa que passava na praça fez do dia 8 de março um marco na história do Coletivo de Mulheres de Jaboatão dos Guararapes.

Os depoimentos colhidos foram transformados em documento. Fizemos um vídeo, lançado no dia da criação do Fórum Municipal de Mulheres do Jaboatão, resultado do lançamento da campanha por creches, na praça. O vídeo foi entregue à Secretaria Municipal da Mulher num encontro com representantes das secretarias de Educação, das Mulheres e de Assistência Social.

Fizeram-se presentes ao encontro o Coletivo, o Fórum de Mulheres do Jaboatão, o Sinproja (Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Jaboatão dos Guararapes) e representantes da União das Entidades de Jaboatão dos Guararapes.

O ano de 2014 foi produtivo, ocorrendo vários encontros, oficinas, rodas de diálogos, conversas e seminários para a organização do questionário para a pesquisa. Cumpridas as etapas, chegamos à conclusão de que, para melhorar nosso planejamento, o ideal seria realizar uma pesquisa com as mulheres nos bairros de periferia mais pobres. Seria uma maneira de documentar informações mais completas. Pensamos em

dez áreas, mas o tempo não era suficiente, e o grupo de voluntárias reduziu para seis. Então decidimos aplicar a pesquisa apenas na Moenda de Bronze, em Jaboatão, Centro, por ser uma das comunidades mais desprovidas da assistência do poder público, localizada às margens do Rio Jaboatão.

A partir daí fomos construindo cada etapa necessária para a execução da pesquisa. Foi então que em 2015 o grupo decidiu dar nome à campanha. A campanha *Por Mais e Melhores Creches* tem sido uma atividade essencial para o fortalecimento do nosso grupo de mulheres, e através das Cirandas Comunitárias, promovidas pelo SOS Corpo, fomos aprimorando as nossas ações.

Antes de efetivar as pesquisas na comunidade, fizemos toda uma divulgação prévia com faixas, carro de som, entrega de panfletos no local, informando dia e horário em que aplicaríamos os questionários.

A pesquisa realizada na comunidade da Moenda de Bronze em Jaboatão, Centro, nos dias 15 de maio e 19 de junho de 2015, foi aplicada por um grupo de seis mulheres empenhadas com a luta. Esse trabalho mostrou de maneira mais evidente as dificuldades

que enfrentam as mulheres que carecem de atendimento de creches para seus filhos de zero a três anos em nosso município.

Percorremos praticamente todas as ruas e ladeiras. As perguntas que fizemos eram do tipo: Com quem ficam seus filhos quando precisa sair ou trabalhar? Como é o seu lazer? Como era sua vida antes de ter filhos? Quantos filhos você tem? Mesmo com a divulgação antecipada, as mulheres nos recebiam com desconfiança, mas aos poucos iam respondendo com certa reserva, deixando escapar frases do tipo: “não tenho tempo de me cuidar”, “queria mesmo ter um dia só pra dormir”, “dificuldade de ir ao médico”, “o marido não ajuda nas tarefas domésticas”. Era surpreendente a maneira que afirmavam como eram livres antes de terem casado e tido os filhos.

Em algumas casas, o comportamento dos maridos em acompanhar, questionar e até tentar responder às perguntas pelas mulheres era de incômodo. Grande era a quantidade de adolescentes grávidas, muitas sem experiência de maternidade, que deixaram de frequentar a escola, a maioria delas convivendo na casa de suas mães, não se preveniam sexualmente.

A pesquisa contribuiu para constatar a ausência de outras importantes políticas públicas, de cultura, saúde e lazer, pois, ao chegarmos às residências, observamos um grande número de crianças ociosas em casa ou na rua, por não existirem creches.

O resultado desse trabalho mostrou a importância que tem o debate das políticas públicas voltadas para a construção de mais creches no município e como a ausência ou a construção inadequada afeta de forma significativa a vida das mulheres e de suas crianças.

Aliado a todas essas experiências, tivemos um grande ganho de forças nesse momento, pois contamos com a participação do grupo Espaço Mulher, da comunidade de Passarinho, que se fez presente no relançamento da campanha *Por Mais e Melhores Creches* na Praça do Rosário, no Centro de Jaboatão. Chegaram e se juntaram a nós na defesa da mesma bandeira de luta, a luta por mais creches construídas, como também se fizeram presentes na roda de diálogo sobre creches, reforçando ainda mais a retomada de tão importante tema para a vida das mulheres. Diante dessa realidade, fomos percebendo a necessidade de ampliar a participação das



mulheres do Coletivo em outros espaços, a fim de buscar mais possibilidades de intervir. Aceitamos o convite da Secretaria de Educação para a divulgação do plano estratégico de construção de mais creches no município. A partir daí foi apresentada uma proposta pelo Conselho Municipal da Mulher para formar uma comissão de creches, composta por quatro mulheres do Coletivo e pelo Fórum Municipal de Mulheres do Jaboatão; as demais integrantes são de outras instituições.

A comissão de creche tem participado ativamente das reuniões realizadas pelo CMM (Conselho Municipal da Mulher), e em reunião sugeriu que fosse enviado ofício à Secretaria de Educação do município, solicitando lista com endereços das creches já construídas, as que estão em processo de construção e as que estão programadas para ser construídas, mesmo que representantes do governo estivessem nas reuniões para explicações. É nítida a falta de consistência das informações, as quais nos chegam

incompletas, apenas com breves exposições visuais. Até o momento não recebemos resposta por parte do Conselho Municipal da Mulher, ou mesmo da Secretaria de Educação, acerca das informações solicitadas pela comissão, na perspectiva do monitoramento dos encaminhamentos dados pelo governo à política de creches.

Muito nos preocupam os aluguéis de imóveis para funcionamento dessas unidades, assim como as parcerias público-privadas mantidas pelas empresas com a prefeitura. Isso não garante a efetivação dessa política pública em sua integridade. Mais uma vez as consequências dos desmandos de governo implicam seriamente a qualidade de vida das mulheres e de seus filhos

É visível que ainda temos muito que avançar no debate, no entanto não nos falta garra. Entendemos que a participação amplia horizontes e nos fortalece na luta, à medida que juntas vamos protagonizando nossa própria história.

*Organizar
a luta para
desorganizar
a vida*

Mércia Alves

Quando pensamos em escrever sobre determinada questão, sobretudo em se tratando da luta das mulheres, várias ideias perpassam nosso juízo, pensamento. E divagamos sobre o melhor caminho a perseguir. Nem sempre temos sucesso, porque falar sobre nossa vida em suas múltiplas expressões de ser mulher, negra, educadora, militante feminista, requer organizar os pensamentos para desorganizar o que está instituído como pensamento pensado sobre nossas vidas. Mas, quando estamos na condição de educadoras e responsáveis pela condução de processos político-pedagógicos, os desafios se acentuam para que possamos, ao vivenciar tais processos, refletir como a práxis feminista traz contribuições para o fortalecimento da luta das mulheres em suas várias dimensões.

É sobre este enfoque que pretendemos escrever – acompanhamento político-pedagógico para o fortalecimento da luta feminista promovido por grupos de mulheres – como parte de um processo coletivo de sistematização da experiência com as mulheres na Região Metropolitana do Recife (RMR). E o importante desta experiência comum e diversa, vivenciada nos últimos três anos, é a oportunidade de termos distintos olhares das mulheres/

educandas e das mulheres/educadoras que vivenciaram na ação político-pedagógica diferentes formas de aprendizados, parte da riqueza de ser mulher e em movimento e luta coletiva.

O enfoque dado visa abordar a dimensão metodológica no processo de acompanhamento de grupos e coletivos de mulheres como parte da ação feminista para o fortalecimento da luta por autonomia, autodeterminação, liberdade e transgressão, ante o sistema de dominação, exploração e opressão na vida das mulheres. Três questões estruturam nossa reflexão: a primeira, e de forma breve, as referências que dão base para a ação educativa no campo da pedagogia feminista; a segunda, o trabalho com mulheres e seus agrupamentos a partir do contexto local, municipal, para dar vida às suas demandas no campo da luta feminista; e a terceira, os nossos desafios na ação política e pedagógica no trabalho com mulheres.

A ação educativa feminista tem por base uma concepção pedagógica, política e educativa, mediante compromisso com processos que ensejam transformação, seja em sua dimensão subjetiva, seja objetiva, como parte da dinâmica das relações sociais. No pri-

meiro enfoque, uma perspectiva educativa que provoca no sujeito político, no caso, nós mulheres, inquietações ou revoltas, e nos tira do lugar-comum, rompendo com modelos sociais que nos creditaram o não lugar e a invisibilidade em vários espaços no mundo da vida, pública e privada.

Essa perspectiva educativa dialoga com um campo da produção teórico-política, que é a chamada pedagogia crítica, e nestas várias

experiências foram e são desenvolvidas para fortalecer a ação do sujeito político e seus espaços de interlocução para a luta coletiva. As pedagogias feministas, em suas múltiplas expressões e experiências, trazem um novo elemento neste campo educativo, e que vem agregando valor ao conhecimento produzido a partir do cotidiano e da vida das mulheres e suas conexões com as dimensões da estrutura social que promovem desigualdades. É a partir da realidade concreta, dos



vários elementos que interditam nossas vidas, que o processo educativo vai se desenhando e se constituindo como processo político que tem como referência a singularidade de ser mulher, pobre, negra, jovem, lésbica, na sociedade de classe. É um feminismo que caminha para a transformação de si e do mundo precisa considerar em seus processos educativos esta conexão, a reflexão sobre as desigualdades de gênero e sua articulação com as dimensões de classe e racial.

Neste sentido da pedagogia feminista está a afirmação da mulher como sujeito político fundamental no processo de transformação social, compreendendo aqui uma visão ampla do processo de transformação macrosocietário, que implica uma ação política, uma práxis, em que a nossa ação no mundo provoque mudanças nas dimensões socioeconômica, política e cultural. É na ação política-pedagógica, compreender a realidade social, tê-la como ponto partida, desvelando as condições de vida das mulheres, já é em si uma dimensão transgressora, uma vez que, ao percebermos essa realidade como parte de um sistema que estruturou o processo de dominação patriarcal, e ao tomarmos consciência dele, isto nos impulsiona a estarmos juntas, construirmos juntas um

movimento feminista que lute por igualdade de direitos, mas sobretudo por novos parâmetros de relações sociais, com igualdade real e com uma perspectiva societária mais horizontal, solidária, democrática no mundo da vida, da política.

Ao pensarmos em uma ação política feminista junto a grupo de mulheres, uma referência significativa foram os grupos de reflexão feminista, grupos de autoconsciência (anos de 1970) que promoveram um processo de revolução na ação política dos movimentos sociais, e em especial para a organização política das mulheres pela afirmação das mulheres enquanto sujeito político da sua ação. Foi, e ainda é, a partir dos processos das rodas de reflexão, uma metodologia e uma estratégia de profunda força política, pela possibilidade de fortalecimento das identidades e descobertas da condição de ser mulher numa sociedade marcada pelo recorte de classe, racista e lesbofóbico.

Tendo como referência as questões sinteticamente trabalhadas, trazemos um segundo elemento, que é a importância do trabalho educativo junto aos grupos, articulações e fóruns de mulheres, com o objetivo de fortalecimento da luta feminista e da auto-

-organização das mulheres. Na metodologia do trabalho de acompanhamento, experienciada junto às mulheres dos municípios de Olinda e Paulista no período de 2013-2015, a opção pedagógica para o desenvolvimento das atividades mesclou várias dimensões da ação educativa, como as rodas de reflexão sobre a vida das mulheres e os elementos de interdição para a sua participação e presença na dinâmica da vida social (mundo do trabalho, política, cultura); levantamento das condições dos serviços públicos; apoio ao planejamento das ações e às atividades de incidência junto ao poder público local; e o fortalecimento do trabalho do grupo local, articulador, da agenda e luta das mulheres. A conexão desses processos junto à inserção das mulheres em processos de formação política feminista permitiu vivenciar, a partir dos intercâmbios de experiências, as reflexões teóricas que balizam a pedagogia feminista de uma formação que contribua para o engajamento na chamada práxis feminista.

Compreende-se que a atividade de acompanhamento político-pedagógico tem várias nuances e pode se dar em diferentes escalas com grupos consolidados ou não, articulação, fórum de mulheres. Isto re-

quer diferentes abordagens tanto formativa, organizativa e de incidência política, sempre em estreito diálogo com suas reflexões e definições estratégicas para fortalecer a sua auto-organização.

O processo de acompanhamento para o fortalecimento da luta política das mulheres no contexto municipal, neste caso a experiência junto às mulheres militantes e feministas em Olinda e Paulista – municípios da região metropolitana do Recife –, teve como sentido político o fortalecimento da auto-organização e o engajamento no Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE). Esta estratégia visava ampliar e renovar a presença das militantes nos bairros, nas cidades, e também fortalecer o pertencimento a uma articulação estadual feminista, com atuação política autônoma e centrada na afirmação do protagonismo das mulheres para ampliar a luta por direitos e os enfrentamentos à estruturação de dominação patriarcal.

A experiência nesses dois contextos municipais apresentou diferenças significativas do ponto de vista do engajamento no âmbito do FMPE, mas com lastro comum na luta por direitos em ambos os territórios. Isto é revelado na construção da linha do tempo

da história de luta das mulheres nos municípios, nas contribuições na implementação de políticas públicas de atenção integral à saúde da mulher e na estruturação de centros de referência para o atendimento a mulheres vítimas de violência.

Como parte da metodologia de acompanhamento na ação pedagógica do SOS Corpo, uma referência é a compreensão de que no local há um movimento pulsante de luta pela vida e por direitos das mulheres. Para dar concretude à estratégia de fortalecimento e auto-organização das mulheres, é preciso identificá-las, os grupos e sua dinâmica organizativa. Este mapeamento dá-se de forma participativa e numa perspectiva política do campo de luta desses grupos, de forma a situar o debate da ação política feminista no âmbito do Fórum de Mulheres de Pernambuco e da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB).

A identificação das mulheres ativistas, organizadas ou não em grupos, permite construir a reflexão sobre a constituição de um núcleo de apoio que articule e mobilize as mulheres para a estratégia de fortalecer a sua ação feminista. Este núcleo para nós foi denominado de núcleo desejante, por repre-

sentar a reflexão coletiva quanto ao sentido comum de provocar e organizar a luta das mulheres e suas conexões com o feminismo em nível estadual e nacional. É fundamental na construção do movimento e como parte do sentido comum do protagonismo das mulheres que irão acompanhar e dar vida a este processo organizativo.

A história da luta das mulheres em Olinda e Paulista tem sua forte presença no contexto dos anos de 1990, um cenário de refluxo dos movimentos sociais, mas também de forte presença das mulheres na luta por direitos, na estruturação de políticas sociais e no enfrentamento às diversas formas de violência contra as mulheres. Em Olinda, a luta das mulheres teve início com a mobilização para a instalação de uma Casa Abrigo de atenção às mulheres vítimas de violência, o que veio a se consolidar na primeira gestão municipal de Luciana Santos (PCdoB), quando foi possível incorporar como parte da ação pública algumas das agendas políticas das entidades da sociedade civil e organizações de mulheres que atuavam na defesa dos direitos da mulher e no enfrentamento à violência.

Podemos citar, tendo por base a construção da linha do tempo da história da luta das

mulheres em Olinda, a criação da Coordenadoria e Ouvidoria da Mulher; a mobilização pelas entidades e mulheres das comunidades, principalmente em Peixinhos, contra a decisão da Prefeitura em fechar as creches comunitárias e a contribuição no processo de realização da I e II conferências municipais de política para mulheres (2000/2005), além da criação do Centro de Referência Marcia Dangremon e do Conselho da Mulher. A presença das organizações de mulheres feministas e ativistas no processo e nos ciclos de conferências de políticas públicas para mulheres, ocupando os espaços de conselhos a fim de estruturar a rede de atendimento e proteção de políticas públicas para mulheres no município, demonstra a forte presença da ação militante feminista.

Esses extratos da memória são referências de lutas das mulheres que marcaram o contexto municipal e agregaram mulheres de vários bairros e militantes feministas, sobretudo em torno de duas agendas políticas que são muito caras à vida das mulheres: a violência e o direito à creche. A primeira, por revelar e desvelar que a violência que ocorre no espaço doméstico, privado, é uma questão política e precisa ser enfrentada como parte da desestruturação do sistema de dominação

patriarcal. E a segunda, por revelar outra dimensão da luta feminista que é autonomia na vida das mulheres, entendendo o direito à creche como parte deste campo radical da luta feminista por liberdade, autonomia e autodeterminação das mulheres.

Este processo de contar a história vivida pela metodologia da linha do tempo com as mulheres de Olinda – que também estavam envolvidas no trabalho de algumas organizações, como o Coletivo Mulher Vida (CMV), Centro Nordestino de Medicina Popular (CNMP), Grupo Comunidade Assumindo suas Crianças (GCASC/Peixinhos) – contribuiu para a luta feminista na medida em que permitiu visualizar os ganhos e perdas no campo dos direitos, em particular no acesso aos serviços públicos que deveriam assegurar o atendimento integral à saúde da mulher e na rede de proteção às mulheres vítimas de violência.

Em Olinda, esse processo teve seus momentos em 2013 e 2014, e envolveu também várias mulheres que acompanhavam as atividades do Coletivo Mulher Vida. Em média, tínhamos cerca de dez a 15 mulheres. Como o foco do trabalho da organização é o enfrentamento à violência contra as mulheres e de



crianças e adolescentes, estes temas também permearam a roda de reflexão sobre as condições de vida das mulheres com temas geradores que nos permitiram compreender os mecanismos de dominação e opressão patriarcal e suas expressões na vida real, que muitas vezes são ocultadas, invisíveis.

A articulação das mulheres e a perspectiva de retomar o seu protagonismo enquanto movimento no município encontraram muitas dificuldades. A principal delas é que houve uma desarticulação desta ação do movimento de mulheres e feminista, no início

da década de 2000, pois parte das militantes foi incorporada na gestão pública municipal, e também a dificuldade de exercer a autonomia crítico-política em face das gestões públicas do chamado campo democrático popular. Então ser gestão e ter vindo desse lugar de movimento muitas vezes dificulta a relação e trava o processo de diálogo crítico-propositivo entre gestoras e militantes na luta por políticas públicas e por direitos.

Como aponta uma das companheiras da militância sobre o processo em Olinda, nos últimos cinco anos:

Esse esforço de rearticular os grupos de mulheres em Olinda tem sido desafiante em função da desarticulação dos movimentos e da cooptação de mulheres que atuam como lideranças nas diversas comunidades e bairros da cidade. A política partidária praticada nos últimos 11 anos fragilizou os movimentos de mulheres; apesar da implementação de alguns programas e políticas para as mulheres, os serviços não conseguem alcançar a qualidade e a efetividade necessárias para as mulheres que precisam e buscam acessar esses serviços. Várias lideranças foram contratadas para atuar nos programas governamentais e o reflexo dessa estratégia é a perda de autonomia, a não efetivação do controle social e a desarticulação generalizada. Diante do cenário, entendemos a importância da continuidade dessa ação de rearticulação e a necessidade de nos prepararmos melhor para os desafios do próximo ano, diante da conjuntura da Copa do Mundo e das eleições de 2014.

Outro elemento é que, no decorrer deste período, vivenciamos contextos políticos que nos exigiram, enquanto movimento, a presença e a ocupação nas ruas, para dar voz as nossas lutas. O movimento de mulheres em nível estadual mobilizou várias atividades, fossem próprias, fossem em parceria com outros coletivos, em defesa dos direitos, da democracia; pela autonomia das mulheres; pela descriminalização do aborto; pelo direito à cidade, como o Ocupe Estelita; contra a criminalização dos movimentos sociais; em defesa da vida das mulheres e contra o Projeto de Lei 5.069/13, que proibia o aborto legal e seguro em casos de violência e abuso sexual; a presença feminista nas ruas contra o sexismo às mulheres que figuram em cargos públicos, entre outras. Essas ações mobilizaram as companheiras do grupo articulador – mulheres do CMV, CNMP e GCASC – para fortalecerem a luta das mulheres em Olinda e também para estarem presentes e engajadas na luta do Fórum de Mulheres de Pernambuco, e isto, por si só, demonstra a riqueza do sentido da construção política e pedagógica dessa experiência.

A rearticulação do movimento de mulheres em Olinda tem um aspecto significativo que é o compromisso das organizações que com-

põem o núcleo articulador, comprometidas com a luta e a agenda política feminista, e também pela capacidade técnica e política para conduzir o processo de luta e reflexão sobre os temas da agenda feminista. A nossa contribuição foi somar a estas intencionalidades e construir processos pedagógicos que favorecessem o engajamento e o intercâmbio com outras mulheres e militantes. Isto foi possível a partir da inserção nas ações de formação política feminista e no compartilhar da agenda feminista construída no FMPE. Observamos que isso contribuiu para maior presença das mulheres nos espaços de interlocução da militância feminista na região metropolitana e para a visibilidade no espaço do fórum das questões centrais da vida das mulheres de Olinda.

Outra dimensão dessa vivência foi o processo desencadeado junto às mulheres de Paulista e a sua rearticulação como Fórum de Mulheres. O Fórum desde sua origem se define como uma articulação feminista, e data dos anos de 1990. A sua história demonstra uma contribuição ativa no município na formulação de políticas públicas, sobretudo no campo da saúde, com a estruturação e a presença no comitê de mortalidade materna, na perspectiva de estruturação dos mecanis-

mos institucionais de políticas públicas para mulheres, como as secretarias.

Vale ressaltar que houve um recuo das suas ações em meados de 2005, em razão de disputas políticas internas e do contexto político municipal, o que resultou numa desarticulação da luta das mulheres no município. Várias militantes estavam presentes nos espaços de formulação de políticas de saúde, comitês, conferências, grupos produtivos, entre outros. Havia, portanto, o desejo de rearticular este protagonismo das mulheres e reavivar a pauta feminista no contexto local, mobilizando os diferentes grupos comunitários (mães, mulheres, saúde, produtivos de economia solidária, sindicatos, entre outros).

O ponto de partida para esta rearticulação do Fórum de Mulheres de Paulista, uma expressão da luta do Fórum de Mulheres de Pernambuco no município, foi o fato de termos mulheres ativistas, militantes feministas, autônomas ou vinculadas a grupos, com o desejo de retomar a pujança da luta das mulheres de forma mais organizada através do Fórum em Paulista. O contexto também exigia uma retomada da articulação das mulheres bem como dos grupos comunitários que se encontravam dispersos

em sua atuação, mas pelos relatos muito saudosos de uma época em que o Fórum contribuía para luta por direitos das mulheres e que articulava ações públicas como o ato do 8 de março.

Para este processo de retomada foi fundamental a identificação de mulheres, militantes feministas, com o interesse nesta reorganização do Fórum. Estas militantes, articuladoras, mulheres populares e feministas foram a referência para o diálogo e a retomada da luta política e feminista em Paulista. Este núcleo de referência de militantes atuava em grupos como o CESMAL, o CACTUS, na Associação de Aposentados, Pensionistas e Idosos(as) do Paulista (ASA-PI) e também era formado por militantes autônomas, com a tarefa de mapear as organizações e grupos de mulheres no município e articulá-las para as reuniões do Fórum, a fim de recuperar a sua história de luta e conquistas de direitos na cidade, num novo cenário de várias expressões e disputa da luta das mulheres no município por correntes político-partidárias que buscam fragilizar a autonomia política do movimento.

As reuniões de articulação do Fórum de Mulheres de Paulista ocorreram de forma

sistemática e mesclavam rodas de reflexão sobre temas que estavam presentes no cotidiano das mulheres, como a situação da violência; saúde; participação política e a história das mulheres e seus agrupamentos para garantia de direitos; o universo do trabalho e as informalidades a que estavam sujeitas; o diálogo entre estes elementos e a fragilidade no campo das políticas públicas para atender às demandas e necessidades das mulheres do município.

Assim como em Olinda, as rodas de reflexão sobre a vida das mulheres e os elementos que sustentam os mecanismos de dominação, aliados à metodologia da linha do tempo para recuperar a história de luta política das mulheres em Paulista, permitiram criar uma identidade pessoal e política com a luta feminista. Foi um processo em que, ao olhar para a história de vida e da política, uma vez que muitas delas se inseriram ainda muito jovens na militância política, em razão da exploração do setor têxtil no município, as mulheres eram protagonistas de muitas conquistas por direitos, como a luta por educação, creche, posto de saúde, asfalto, e, no âmbito das fábricas, a luta por melhores condições de trabalho e contra o assédio e a violência sexual a que estavam sujeitas.

As rodas de reflexão resultaram em ações de incidência política como as questões problematizadas pelas mulheres e a precariedade do acesso ao atendimento nos postos de saúde, além da inatividade do comitê de mortalidade materna do município, que foi questionada no espaço do conselho de saúde pelas militantes do fórum. Outra atividade realizada e que deu visibilidade ao Fórum de Mulheres de Paulista foi a realização de um Fórum de Diálogo com 42 mulheres no ano de 2015, com a presença das companheiras do Fórum de Mulheres de Pernambuco e a atuação nos grupos Liberdade, Vamosimbo-ra e Mulheres Atrevidas, com o objetivo de compartilhar suas preocupações quanto à política de saúde. Aproveitou-se a oportunidade para as mulheres conhecerem as ações da gestão municipal e denunciarem a situação de desarticulação entre as políticas públicas para mulheres e suas conexões com a saúde, por exemplo.

O Fórum de Diálogo – com mulheres dos diversos bairros do município e gestoras, secretárias da saúde e da mulher – permitiu definir por ação na conferência municipal de saúde e elaborar um documento, *Por uma Política de Saúde para Mulheres em defesa do SUS*, com 21 pontos que reivindicavam

melhorias no atendimento da saúde para as mulheres, entregue por ocasião da conferência municipal de saúde.

Estas ações caminharam juntas ao processo de (re)organização e visibilidade do Fórum de Mulheres de Paulista, o que permitiu que se visualizasse a importância das mulheres ativistas e militantes feministas, de trabalhar no fortalecimento de uma instância coletiva que permitisse o diálogo sobre a vida das mulheres e a organização da luta feminista no contexto municipal, e o diálogo da sua agenda política com o Fórum de Mulheres de Pernambuco.

O processo político-pedagógico produziu muitas riquezas e aprendizados pela trajetória das militantes e pela referência que cada qual trazia em sua “bagagem de viagem”



sobre o rumo do movimento. Essas experiências reproduziam os conflitos com os quais o feminismo precisa lidar para se fortalecer enquanto movimento autônomo, a exemplo das diferentes visões acerca das estratégias da luta feminista para ampliar os canais de interlocução com o movimento e instâncias no local.

Aliada a estas riquezas de convivência e às reflexões coletivas, a tendência contemporânea, no campo dos movimentos sociais, partidos e gestão pública, em incorporar como uma das suas estratégias a cooptação e/ou incorporação de militantes do movimento de mulheres e feministas às estruturas institucionais para dar legitimidade às ações destes setores gera uma desarticulação das mulheres enquanto sujeito coletivo, afirmando a lógica da personificação e do indivíduo para o diálogo com a gestão. Neste aspecto, cabe recuperar a reflexão de que:

“(...) o feminismo nasceu provocando conflitos, e o conflito é um lugar importante na metodologia da ação do movimento feminista. Historicamente, foi e é ainda o enfrentamento dos conflitos o que abre a possibilidade de transfor-

mação, sejam conflitos de cada mulher consigo mesma ou nas relações interpessoais e de intimidade, sejam conflitos nas relações sociais mais amplas” (SILVA; CAMURÇA, 2010, p. 25).

Esta questão do conflito, em suas dimensões sociais e interpessoais – que poderia ser vista como um problema, do ponto de vista pedagógico – é uma riqueza para a vivência de processos coletivos, por traduzir disputas de sentido sobre o caminho que o Fórum de Mulheres de Paulista precisaria tomar. Em alguns momentos, foi a falta de diálogo sobre os elementos conflitantes que travou o processo de mobilização, a articulação das mulheres e seus agrupamentos para retomar a agenda do Fórum. Mas, ao mesmo tempo, a presença desses conflitos fez com que as próprias mulheres demandassem a sua reativação e que os mesmos fossem tratados em meio ao processo de articulação.

Todo processo político-pedagógico, ao partir de uma perspectiva dialética, circular, considera a contradição como uma dimensão pulsante do repensar da ação coletiva e é marcado por muitas incertezas e possibilidades. A pedagogia feminista é um cons-

tante repensar enquanto método; é a partir da realidade concreta das mulheres e suas singularidades que se vai trabalhando essa construção de pertença e identidade. Foram muitas descobertas neste processo de ambos os lados, o que nos apontou desafios para romper com modelos e uma forma de fazer política que muitas vezes vai de encontro à perspectiva feminista de diálogo, solidariedade, horizontalidade e coletividade.

A célebre frase “o caminho se faz na caminhada”, em referência às reflexões de Antônio Machado, poeta espanhol, nos remonta a nossa busca pela utopia. E implica que esse processo nos apontou inúmeros aprendizados, como a necessária confluência de energia para a luta feminista; a ampliação do diálogo com o Núcleo de Gênero da Faculdade Joaquim Nabuco de Paulista, levando as

questões do feminismo para o ambiente acadêmico; e a ampliação da presença enquanto Fórum nos debates públicos, como conferências de política para mulheres, dando voz à vida e às demandas das mulheres.

Somam-se aos aprendizados os desafios de se trabalhar com a diversidade das militantes feministas e o que as descobertas da caminhada de formação e na ação política nos apontaram, seja individual ou coletivamente, para seguirmos firmes e fortes no trabalho de articulação das mulheres em Paulista, estimulando a participação e o engajamento nas lutas locais e no desenvolvimento de atividades formativas/políticas que estreitem as relações de identidade e pertença ao Fórum de Mulheres de Paulista, ao Fórum de Mulheres de Pernambuco e à Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB).

Referências

SILVA, C. (Org). Experiências em Pedagogias Feministas. Recife, SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2010.

SILVA, C.; CAMURÇA, S. Feminismo e Movimento

de Mulheres. Recife, SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2010.

SARDENBERG, C. M.B. Considerações Introdutórias às Pedagogias Feministas. 2004.

*Desatando
os nós da
violência*

Isis Carina Braz e Fernanda Alves

Vamos contar a história do Projeto Mães da Saudade, que reúne mulheres que tiveram seus filhos vítimas da violência urbana. O projeto “Mães da Saudade - laços e destinos que foram exterminados” surge em 2011 com a preocupação do Grupo Comunidade Assumindo Suas Crianças (GCASC) entidade que atua há mais de 29 anos com atenção às políticas de prevenção e valorização da vida, preocupado com o alto número de educandos que passaram pela instituição e foram assassinados. Com o crescimento da violência letal no bairro, decidiram realizar algo mais contundente em relação a essa naturalização da violência urbana. Daí surgiu a ideia de escrever o projeto, estimulados pela poesia do poeta Oriosvaldo, que deu nome ao projeto: “Mães da saudade, laços e destinos que foram exterminados”, ou seja, mães que perderam seus filhos prematuramente de forma covarde e brutal.

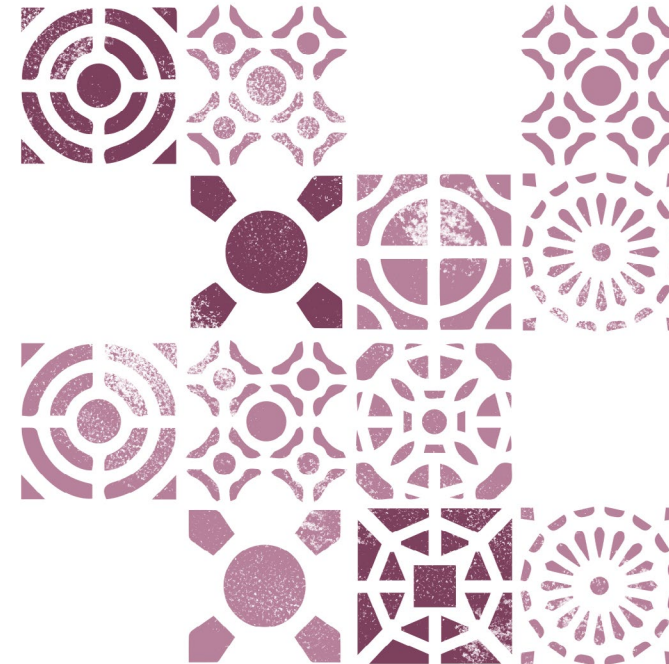
Com atenção às políticas de segurança pública e apoio emocional às mães, desenvolvemos no projeto visitas, encontros de integração, oficina de intervenção na violência urbana nas escolas públicas, atendimento psicossocial, terapia comunitária e círculos restaurativos, parcerias com entidades afins para o empoderamento político

e eventos reivindicatórios na comunidade e em outras localidades, com atuação na linha da prevenção e na formação de sujeitos políticos de direitos.

A equipe hoje é formada por uma coordenadora, um auxiliar administrativo, uma psicóloga, uma assistente social e nove jovens; entre essas jovens, Isis Carina e Fernanda Alves, que acompanham com as demais as ações do projeto Mães da Saudade, e escrevem este texto.

O Grupo Comunidade Assumindo Suas Crianças (GCASC) surgiu com a vontade de salvar vidas, pois nos anos 1985 e 1986, crianças e jovens da comunidade de Peixinhos envolviam-se com a cola de sapateiro, que era a droga do momento. Essas vidas eram exterminadas, pois os comerciantes e pessoas que tinham um pouco mais de dinheiro não queriam ser roubados e não achavam nada atraentes meninos sujos e drogados nas ruas. Quem realmente os assassinava, não sabemos até hoje.

Vendo as condições em que viviam as crianças e adolescentes, o ex-padre Joe Mackartey fez um convite a 11 pessoas que já participavam de trabalhos comunitários, em



igrejas, associação dos moradores, centros culturais e outros, para se unirem e tentar dar uma ocupação aos meninos e meninas que estavam em situação de risco, já que o tema da campanha da fraternidade era *Quem acolhe ao menor a mim acolhe*. As reuniões aconteciam na casa de Joe. Como voluntários, tínhamos Zuleide de Paula, Nilza Maranhão, Maria do Carmo, Elenilda, José Vasconcelos, Elizabete Veloso, Socorro Barros, Elisa Alves, Ildesê de Araújo, Helena, Oriosvaldo de Almeida, Joe e sua esposa Jackie, que foi quem deu nome ao Grupo, entre muitas outras pessoas que faziam parte do grupo de evangelização.

Nosso propósito é a promoção da vida e prevenção da violência através da cultura e educação, criando uma cultura de paz. Oriosvaldo fez parte da coordenação até o ano de 2014. Nilza passou pela coordenação, fazia oficina de artesanato com as adolescentes e ao mesmo tempo realizava conversas de maneira divertida – muitas histórias foram vividas por ela, mas no fim ela sempre trazia uma lição para as garotas: muitas vezes era de prevenção à gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, porque a mulher sempre saía como culpada quando engravidava ou contraía doença. O povo de padre Antônio dava apoio espiritual e material, o que faz até os dias de hoje. Clovis Pacheco, empresário, doou uma máquina de fazer picolé, que os meninos fabricavam juntos e eles próprios vendiam, ocupando o tempo e tendo um pouco de dinheiro para ajudar no seu sustento.

Pensando em sustento e ocupação dos jovens, outras atividades foram desenvolvidas, como ferro-velho, padaria, fabricação de sandálias etc. Sempre eram realizadas oficinas para conscientizá-los de seus direitos e deveres. No início as atividades eram na rua; depois conseguimos um espaço na descida da Serralharia, rua hoje conhecida como

Segunda Travessa do Condor por um erro de mapeamento. Padre Antônio estruturou o primeiro projeto e conseguimos financiamento com instituições internacionais como a CAFOD e Kinderifer. Com o financiamento da Kinderifer conseguimos comprar a Joe sua casa na Av. Nacional, nº 260, Peixinhos, onde nos encontramos até hoje. Com muito esforço, ajuda dos financiadores e doações, realizamos uma reforma e fizemos um primeiro andar, o que resultou numa casa maior e mais confortável para os educandos, desenvolvendo oficinas de leitura com a educadora Aurelina Barbosa (Nezinha), que antigamente fazia oficina de vassouraria com Zuleide de Paula, escritora do livro *Peixinhos*, que também foi coordenadora e mais tarde passou a organizar as oficinas de cultura, falando para os jovens sobre a importância das nossas raízes e que delas poderíamos fazer uma arma para reivindicar.

Junto com Zuleide estavam Aldenise Bernardo e Robson Ramos com a dança, e Luciano Rodovalho com a percussão – na época, ainda adolescentes, colocando em prática o que aprenderam no grupo e em outros espaços; Erivan Luiz, educador de serigrafia, hoje assistente administrativo e também

formado em Serviços Social, que já foi educando; Roseildo Vieira, educador de vassouraria ecológica confeccionada com garrafa pet, oficina que evidencia a importância de reciclar para manter o meio ambiente; Victor, educador de informática; Mira, nossa cozinheira; Fátima, mãe voluntária que auxilia a cozinheira; Ildesê (Dê), hoje psicóloga; Alessandra, assistente social; Edvaldo Maranhão (Dadado), educador de esporte; e por último, mas não menos importante, Elisângela Maranhão (Anginha), ex-educadora, hoje nossa coordenadora, irmã de Dadado, também frutos do GCASC e filhos de uma das fundadoras do grupo, Nilza Maranhão. Além das nossas atividades cotidianas, realizamos eventos reivindicatórios e mantemos parcerias com outras instituições para o nosso fortalecimento.

O Comunidade Assumindo Suas Crianças é um dos grupos que foi às ruas para a conquista do Estatuto da Criança e Adolescente, participando antes das reuniões que aconteciam no município para a estruturação do que viria com o estatuto, como os conselhos. Atualmente estamos nas ruas contra a redução da maioria penal. Nas datas comemorativas não deixamos de cultivar a tradição, como o Acorda Povo, Pastoril,

Frevo, Maracatu, entre outros. Hoje o perfil dos educandos mudou; na comunidade já não temos os cheira-cola, como os meninos eram chamados. No grupo, cada educador ou voluntário tem suas funções, mas nos desdobramos de acordo com nossa afinidade e prazer em fazer a diferença na vida de cada criança e adolescente.

Transformando luta em luto

Na época de 1980 e 1990, as violências eram invisíveis, jovens eram mortos por comerciantes ao se aglomerarem em seus estabelecimentos para consumir cola. Em 2000 não mudou tanto. Dos(as) jovens que passaram pela instituição GCASC, alguns morreram devido às drogas e outros(as) conseguiram tornar-se cidadãos, a exemplo dessas duas jovens, Isis Carina e Fernanda Alves. A instituição tem como missão transformar cidadãos e salvar vidas.

Não existe dor maior que a de uma mãe ao ver seu filho morto e não poder ao menos chorar a dor do seu filho. A sociedade o condena: “ele mereceu morrer”. O projeto Mães

da Saudade surge no meio de tantos conflitos que as mulheres enfrentam por falta de políticas públicas e porque o Estado não cumpre com seu papel de prevenção.

O bairro de Peixinhos é caracterizado por altos índices de vulnerabilidade social: 23,25% da população não possui água encanada, 10,43% não possui instalações sanitárias e 9,10% não possui coleta de lixo.

Os fatores que levam aos assassinatos estão quase sempre ligados à exclusão social, à ociosidade de jovens por falta de perspectivas de emprego, à dependência química do crack, a drogas altamente destrutivas que desorganizam toda a família dos usuários. A dívida com os traficantes acaba sendo paga com a própria vida.

A vulnerabilidade não é apenas o fruto da situação econômica, mas da forma como as pessoas lidam com as perdas, os conflitos e os amores. Se as condições de vulnerabilidade social tornam esses jovens vítimas de homicídios, também a sua perda contribui para aumentar o problema como um todo.

Diante desse cenário, o GCASC decidiu elaborar o projeto Mães da saudade: laços e des-

tinhas que foram exterminados, implementado ao longo de 2011, com o apoio da CESE e da Terra dos Homens. A ideia era envolver seis jovens e trinta mães em atividades conjuntas que embasassem uma campanha dentro das escolas e da comunidade contra a banalização da violência e da morte.

Os jovens realizam o primeiro contato com as mães e coletam as narrativas de vidas dos seus filhos assassinados. As mães são atendidas por equipes técnicas de psicologia individual semanalmente e fazem terapia comunitária quinzenal com assessoria de uma psicóloga e uma assistente social. Também realizamos seminários de formação política.

Ao longo do ano as mães compartilharam suas perdas, dores e dificuldades, mas também os risos nos momentos de lazer. Discutiram a responsabilidade do governo na garantia da segurança pública e a importância dos direitos humanos para a sociedade. Dessas discussões saíram suas primeiras reivindicações.

Como exemplo, temos a caminhada por justiça. Todo ano o Mães da Saudade realiza uma caminhada por justiça, reivindicando melhoria das políticas públicas, criticando

o modelo opressor de segurança do Estado, que sempre investe em armamento e mais policiais despreparados nas ruas, quando todos sabem que o caminho para a não violência é a prevenção. Aqui vamos destacar a caminhada em que obtivemos um resultado positivo, reforçando que a união faz a força.

No dia 26 de fevereiro de 2013, tivemos a triste notícia de mais um assassinato na comunidade, mais uma jovem que foi educanda do GCASC. Kerolayne Ramos, de 20 anos, deixou uma filha de um ano e estava grávida de dois meses. Esse crime chocou a comunidade, pois foi cometido dentro da casa de seus pais, na frente de sua filha, por arma branca. O assassino, o ex-companheiro e pai de sua primeira filha, não aceitava a separação. Dois dias após o assassinato, ele apresentou-se às autoridades dizendo que discutiram, que a vítima gritou com ele e puxou uma faca para feri-lo, mas testemunhas afirmaram que ele foi para a cozinha enquanto a vítima estava no quar-

to, trocando a roupa da filha. Como a lei brasileira livra o flagrante após 48 horas, o acusado prestou depoimento, comprovou residência fixa e foi liberado.

Como o grupo já estava se preparando para a nossa caminhada por justiça, fizemos camisas com a foto da jovem, cartazes pedindo o fim da violência contra as mulheres, mobilizamos os moradores e fomos às ruas recolhendo assinaturas para cobrar a prisão do acusado. A caminhada aconteceu oito dias depois do ocorrido, para que o crime não fosse esquecido rapidamente como tantos outros. Porque a mídia é perversa e se aproveita da dor dos familiares para “informar”: entrevista, faz suposições, critica, incrimina as vítimas, até que apareça outro caso mais cruel para conferir mais ibope para a sua emissora. Por exemplo, na mesma semana houve dois assassinatos cometidos por ex-companheiros, mas que não geraram tanta polêmica. Onde está escrito que uma vida é mais valiosa que a outra? E quem define isso?

Já que os repórteres estavam como verdadeiros urubus buscando alimento, também nos aproveitamos do momento para cobrar agilidade na investigação de crimes, melhoria no atendimento às mulheres vítimas de violência e para dizer que Kerolayne não é a primeira, muito menos a última, pois vivemos em um país machista, em que os homens ainda acreditam ser donos de suas companheiras. A nossa caminhada é também contra toda a violência e repressão que o Estado faz sobre as pessoas que vivem nas periferias.

Concluimos a caminhada na frente da delegacia que fica na mesma avenida da sede do Grupo. O delegado não ficou contente com nossa mobilização; disse que estavam investigando e que não havia necessidade da caminhada. A família e os amigos ficaram com medo e revoltados, porque muitas pessoas viram o assassino andando tranquilamente nas ruas de Peixinhos enquanto sofriam com a dor da perda. Diante da situação, um mês após o crime fizemos mais uma caminhada, em busca de mais assinaturas. Mais uma vez fomos à delegacia e entregamos as assinaturas recolhidas, que foram mais de trezentas. Mais uma vez cobramos agilidade nas investigações,



deixando o delegado nada contente novamente. Durante esse mês não foi nada fácil para a família. Acolhemos a mãe da vítima para participar do projeto, dando-lhe apoio e atendimento psicossocial.

Duas semanas depois da última caminhada tivemos a notícia de que o assassino havia sido preso. Ele se achava na Paraíba,

em sua cidade natal; ele e seus familiares estavam construindo uma casa. Os policiais foram disfarçados no caminhão que fazia a entrega de materiais de construção e o prenderam. Atualmente se passaram dois anos do triste acontecido; o assassino está preso, mas nada consola a mãe que perdeu a filha e que não sabe como explicar para a neta o porquê de sua mãe estar no céu.

Me chamo Fernanda Alves, sou jovem multiplicadora do projeto Mães da Saudade, fui educanda do GCASC, onde aprendi a ser crítica e uma pessoa de opinião, e a não me conformar com o que a sociedade nos impõe. Participei de várias oficinas, muitas delas com a Kerolayne, que era minha prima e tinha apenas um ano a mais que eu; crescemos juntas. Gosto de escrever, mas não foi nada fácil relembrar toda a história; até passei da data de entrega. Mas faço questão de escrever para que todas as pessoas saibam que é necessário que cobremos das autoridades proteção às mulheres vítimas de violência e que é obrigação do poder público e da sociedade respeitar as mulheres sem criticá-las. Como já disse, muito do que sou hoje aprendi no grupo, e com

a insistência de Ísis participei do curso Cirandas Feministas do SOS Corpo, o que me levou a participar do Fórum de Mulheres de Pernambuco. Foi quando me percebi mulher negra feminista. Percebi também que não estou só, pois somos muitas e cada vez que conheço mais uma feminista e as lutas vencidas, me fortaleço. Sei que as mudanças que quero hoje posso até não alcançar, mas sei que alguma mulher da minha família irá usufruir, e isso já me deixa muito satisfeita. Sigo com o que aprendi em minha pequena e discreta participação no seminário da marcha das mulheres negras em meu estado: “Pelas que fomos, pelas que somos e por aquelas que ainda seremos”.

O feminismo
nos deu ar

Miriam Florêncio, Odilene Florêncio e
Maria José dos Santos

Falar das nossas experiências, enquanto grupo de mulheres dentro de uma instituição pública de saúde, representa com certeza um grande desafio. Visibilizar e fortalecer essas práticas é estimular a adesão de novas iniciativas e o protagonismo do movimento de mulheres no fortalecimento e reconhecimento de um SUS humanizado e efetivo, agente de mudanças na vida das pessoas – tanto no individual quanto no coletivo.

As unidades de saúde da família funcionam como porta de entrada do SUS, ofertando à população serviços de promoção, prevenção e reabilitação na saúde. O estímulo ao exercício da cidadania nestes espaços permite ao cidadão participar ativamente da vida política, exercendo o controle social, e por tabela transformar sua realidade, tendo no agente comunitário de saúde um forte aliado. O relato que faremos será sobre duas experiências, protesto e seminário, e se fará de maneira intercalada por explicações e cordel.

Em fevereiro de 2008, numa unidade de saúde da família localizada na comunidade de área de litígio entre os municípios de Recife e Jaboatão (PE), rodeada de montes e muita vegetação, chamada Jardim Monte Verde, surge o Educadoras Populares na Saúde da Mulher (ESAM),

primeiro grupo de mulheres dentro de uma unidade básica de saúde. Criado com o objetivo de promover saúde, viabilizada pela escuta, reflexão, empoderamento e o estímulo à autonomia da mulher. Falando assim, pode até parecer ser algo muito fácil, mas, na verdade, não é.

O desafio é enorme, e algumas vezes a complexidade nos coloca uma barreira aparentemente intransponível, difícil de eliminar. No entanto, desistir não é de forma alguma nossa bandeira. O simples ato da escuta é muito profundo e nos traz muitos incômodos. O que antes apenas se imaginava passa a ficar evidente, muito mais real e contraditório; os problemas antes escondidos, dissimulados, agora transbordam à nossa frente, pedindo respostas e soluções que em sua grande maioria vão bem além de nossas forças. E é nesta constatação que a gente se percebe mulher. Mulher objeto, rotulada por um sistema que a todo momento nos diz onde é nosso lugar, o que fazer, vestir, falar, como nos comportarmos, nos deixando muito pouco ou quase nada de tempo para pensar, reclamar, agir ou atuar. Pior ainda, pode sim é nos deixar muito doentes, seja de depressão, tristeza ou alienação. Percebíamos claramente que havia em nós uma necessidade fremente de nos empoderarmos, e assim devagarinho começamos a nos movimentar.

Em 2009 o feminismo entrou em nossas vidas. Lembro-me muito bem de que se dizia na comunidade que isso era coisa de sapatão, mulher com mulher, isso não era coisa de Deus. Dentro de uma comunidade extremamente religiosa, o pensamento geralmente chega bastante distorcido e o pior passa a ser constantemente reproduzido e continuamente reforçado, ocasionando o preconceito, a discriminação, provocando nas pessoas o sentimento de rejeição e levando à exclusão.

O SOS possibilitou ao grupo o fortalecimento necessário e adequado, tirando-nos da situação de alienação paralisante e conformista em que tudo é responsabilidade de Deus. Aos poucos o grupo passou a sair do anonimato e a se posicionar diante da vida, diante da comunidade, diante do mundo. Nunca antes havíamos participado de mobilizações públicas, passeatas, vigílias no combate à violência contra a mulher, audiências públicas, conferências, seminários, oficinas, cursos de formação política. Enfim tanta coisa nos encantou, fortalecendo, empoderando, despertando no grupo o sentimento de pertencimento, de apropriação dos sujeitos que somos, protagonistas, detentoras de direitos e não apenas de deveres, sujeitos, não mais objetos.

E foi assim que aos pouquinhos transformamos nosso modo de olhar. Enxergando uma comunidade com uma população de aproximadamente 12 mil habitantes, com inúmeros problemas ocasionados pela ausência de políticas públicas e pela falta de acessibilidade. Passamos a enxergar que todos ou a maioria dos nossos problemas relacionam-se diretamente com a saúde. Pensemos, pois: uma pessoa sem trabalho, moradia, transporte público de qualidade, área de lazer, educação digna, sem acesso a uma saúde de qualidade, segurança, iluminação pública, creche, saneamento básico, mobilidade, tem saúde? E foi assim que, tirando a venda dos nossos olhos, começamos a enxergar.

Talvez a maior dificuldade de se trabalhar com grupo de mulheres esteja no fato de a mulher ainda não se ver enquanto protagonista de sua própria história (empoderada e com autonomia). Esta lacuna faz com que os avanços sejam mensurados de forma lenta, muito lenta, afinal são décadas de imposições, de alienações, de sonegação de direitos. Construir desconstruindo não é tarefa de fácil execução; tornar-se sujeito, protagonista, é doloroso; o crescer é doloroso e muitas vezes nos faz ir e vir, num eterno movimento de puro aprendizado, que leva



em conta o passado, o presente e o futuro. O trabalho com grupos dentro de uma perspectiva de transformação social, viabilizado pelo exercício da cidadania, traz em si inúmeros desafios.

O senso comum constantemente nos informa, de forma bastante enfática, quais os nossos lugares, geralmente em casa, no privado, sobrecarregada, invisível e sem nenhuma remuneração, a completa desvalorização dos

nossos direitos. Enxergar isso é compreender como as coisas funcionam, é entender que amarras nos impedem de seguir a vida de forma digna e coerente com os seres humanos que somos. É entender-se enquanto sujeito de mudanças, com o poder de transformar.

Quando o grupo faz o exercício de olhar para o passado e enxerga tudo o que fez, vendo-se dentro deste processo, percebe o quanto aprendeu, o quanto cresceu. Outra ação importantíssima foi acreditarmos que poderíamos pela primeira vez organizar um seminário. Coisa que a gente nunca havia feito. E pensar em fazer foi uma experiência bastante interessante e construtiva. Imagine um grupo de mulheres de comunidade ser protagonista de algo que só acontecia fora da comunidade em outros espaços, e enquanto participante, convidada, ouvinte; e agora passar a organizar o seu próprio. Ufa! Isso mexeu com todas nós. E o melhor: pensar nisso propiciou a outros grupos se organizarem para também fazer suas ações.

*Fumo chegando de mansinho
Buscar as outras pra conversar
E tirarmos aos pouquinhos
As correntes e as amarras quebrar.*

*Não nascemos nesta vida para todos em nós mandar
E assim devagarinho começamos a trabalhar
Intervindo no sistema de modo a visibilizar
Tudo o que nós passamos e estamos a passar
Pois mulher empoderada pode sim ir a todo lugar
Enxergando as mazelas dessa vida, não se deixando contaminar.*

*Pois bem, foi deste jeito que passamos a atuar.
No início éramos trinta, depois começou a minguar
Teve um momento que chegou apenas três pra conversar
Deu uma tristeza danada, vontade de mandar tudo pro ar
Mas aí não desistimos, e aos pouquinhos começou a melhorar.
Daí fomos percebendo, o grupo precisa mudar.*

*E com muito conhecimento começou a nos mostrar como é que é a vida
E que direitos acessar, nos mostrando um caminho que é justo alcançar
Pois na vida nada é fácil, não adianta lamentar
É botar a mão na massa para juntas transformar
Esse mundo que é de todos, não se deve isso negar
Seja pobre, seja rico, todos devem respeitar.*

*Não nos venha com balela, tentando nos enganar
Pois agora a gente entende, o feminismo nos deu ar.
Vamos agora é em frente, aprender sim a lutar
Pois se ficarmos paradas, nada vamos transformar.
E foi pensando deste jeito, nova forma de organizar
Na politização das mulheres, resolvemos atuar
Empoderadas pelo feminismo para a vida transformar.*

*Temos muito que aprender para nos empoderar
O que sabemos é muito pouco, os problemas aqui são muitos,
Desse jeito não vai dar
Conhecimento reduzido, dificuldade de acessar,
a pobreza imperando e o descaso a maltratar
Precisamos de outros grupos para nos relacionar
Foi assim que o SOS em nossa vida veio entrar
Oferecendo elementos para nos emancipar.*

*Havia no posto um problema que estava a incomodar
Já há mais de 15 dias e ninguém o solucionar
Já tínhamos falado pra todo mundo, e nada de alguém ligar
Aí pensamos em dar um jeito e isso modificar
Começamos planejando, pensando em como atuar
Confessamos, tínhamos medo dessa iniciativa tomar
Pois na vida nada é fácil, todos hão de concordar
E neste caso específico o medo é de paralisar
Pois o que todo mundo fala é que não se deve reclamar
Aceite tudo caladinha para não se machucar
Cidadania é no papel, na prática, pode sim atrapalhar
Mas era preciso a gente uma postura tomar.*

*O danado desse sistema quer a perna nos passar
Nos coloca mil ideias, nos impede de pensar
Pois assim fica mais fácil de a todos dominar
A riqueza que é de todos e a nós não faz chegar
Prometendo repartir, desde muito cedo é isso que vivemos a escutar
Só que não reparte nunca, vamos é morrer de esperar
Pois a ele interessa que não saibamos reclamar
Vão aos poucos dando medo, impedindo de falar
Mas aí nós entendemos e começamos a contestar
Exigindo nossos direitos, pouco importa o lugar
Tendo sempre argumento e coragem pra usar
Seja em casa ou na rua, ajudando a quem precisar
Pois a vida é mesma boa se juntas pudemos ficar
Sozinha o bicho vem e começa a nos pegar
Confessamos desse jeito tudo pode é se danar
Foi pensando desse jeito que começamos a mudar.*

*Nosso problema pra vocês vamos contextualizar
Imagine que um posto parado há mais de 15 dias sem serviços a ofertar
Porque uns engraçadinhos a cisterna foi sujar, deixando lá os seus dejetos
Dava nojo só de olhar, tinha rato, tinha lixo, tinha tudo pra aperrear
E o povo tava sofrendo precisando agendar
A consulta com o doutor pra com ele se tratar
Mas com a água desse jeito não podiam trabalhar
Pois em vez de dar saúde, as doenças podiam chegar
Pois a água da torneira com bichinhos passou a estar
E ninguém tocava nela, não podia as mãos lavar
Para não se contaminar, pois saúde é coisa séria, não se pode descuidar.*

*Como nada acontecia, o grupo teve que atuar
Foi chamando a imprensa, o povo pra participar, foi fazendo uns cartazes
Se dividindo para organizar:
Umas ficavam fechando a rua, a outra ia fotografar
Uma segurava o cartaz e a outra se preparava pra falar.
Depois disso organizado, o nervosismo veio ficar
Operando firme e forte, querendo nos derrubar
Muito embora algumas vezes pensamos em abandonar
Mas a necessidade nos obriga, nos convida a atuar
Nos empurra a seguir, não nos deixa desanimar
Pois sabemos que na vida o que dá pra rir, dá pra chorar
E assim fomos a luta, nos preparamos para agir
Cada um com seu papel e disposta a cumprir.*

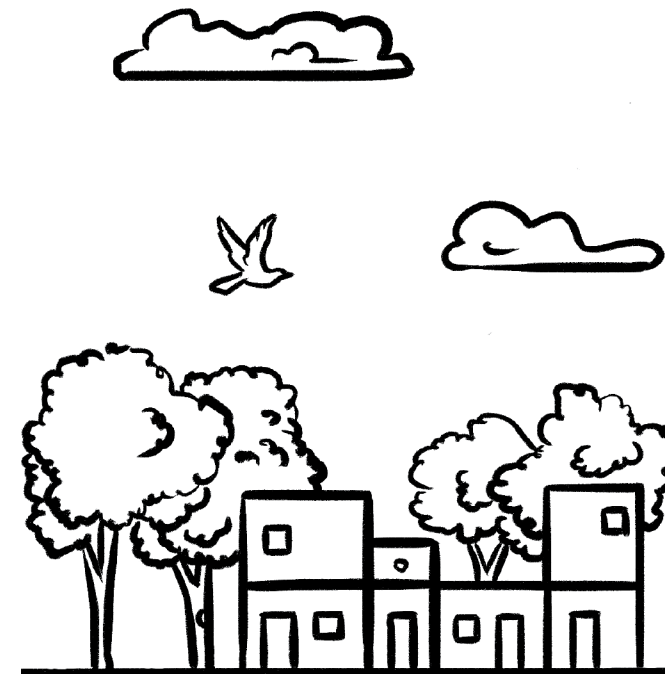
*Ao chegarmos no local, o pior tava por vir
Foi ouvirmos da comunidade coisas danadas de ruim
Nos mostrando claramente que nem todos iam aderir
Escutamos: Vai pra casa! Quer apanhar! Tu sai daqui!
Vai arrumar o que fazer! O teu lugar não é aqui!
Vai arrumar uma lavagem de roupa!
Tava mesmo ficando ruim
Mas ficamos assim mesmo, seja bom, seja ruim
Pois na vida só se cresce se coragem tivermos sim
E aos poucos foi chegando mais pessoas pra ouvir
E no decorrer do processo todos elves puderam sim
Ver a passar na TV
Todas juntas a pedir a solução pro nosso problema e assim se fez ouvir
Que dentro de cinco dias tudo iria se resolver
Na verdade, esperamos sete dias, mas tudo se resolveu.
E foi assim que desse jeito muita coisa se aprendeu
Que o bicho não é tão feio, feio é quem o medo nos meteu
Mas não sabe ele que agora a gente já entendeu
Nos tornamos conscientes dos direitos que são nossos
O que precisa é ter coragem para assumir
Que errando também se aprende, o importante é não desistir.*

na sua maioria trabalhadoras domésticas, agregando nos seus corpos os três pilares da opressão: gênero, raça e classe.

O Espaço Mulher, além de ser um lugar de expressão política e de luta, é um espaço de acolhimento, de solidariedade, de cuidado, que se amplia para a comunidade. O olhar do grupo é como um olhar da águia: enxerga longe e vê a comunidade como um todo. Um grupo que tem associado a produção com a luta política, buscando recursos para a existência da luta política e da sobrevivência das mulheres.

Passarinho é uma comunidade que respira luta. Foi constituída pela luta de mulheres e homens que moravam no Morro da Conceição, bairro da zona Norte do Recife, mais especificamente pelo Conselho de Moradores do Morro da Conceição. Chegaram já assegurados da posse dos seus terrenos para construir suas moradias, e construir literalmente seu bairro. Até hoje, fevereiro de 2016, seus moradores têm a posse do terreno, mas ainda não são proprietários. E continuam lutando para ter em suas mãos a escritura do seu terreno.

Neste mesmo território, em 2015, o grupo Espaço Mulher, conjuntamente com outras



Desde março de 2014 que, como educadora do SOS Corpo, tive o desafio de acompanhar o grupo Espaço Mulher da comunidade de Passarinho, grupo este que nasceu em 1999, com sua trajetória de 16 anos de luta, uma referência de luta por direitos, por políticas públicas, pelo fim da violência contra as mulheres e pelo fim do racismo, que se encarna nas ações e intervenções políticas e contraculturais realizadas na sua comunidade. Um grupo de mulheres negras, pobres,

Ocupe Passarinho

Analba Brazão

organizações do bairro e organizações parceiras da região metropolitana, atuou fortemente contra a desapropriação de um dos terrenos ocupados por muitas famílias. Foi uma luta coletiva com diversos atores, que teve um final feliz: a população recebeu a notícia que o Judiciário derrubou a liminar quarenta horas antes de ser acionada, de desocupação do terreno, e validou a posse para os moradores. No entanto, já estamos em fevereiro de 2016, e os moradores não receberam a documentação comprobatória da posse. Eles e elas permanecem de olhos bem abertos, vigilantes, para que esta validação aconteça de fato.

Este pequeno preâmbulo é para iniciar uma breve etnografia da participação das Mulheres do Espaço Mulher na construção e na ação do Ocupe Passarinho, que aconteceu no dia 10 de outubro de 2015. A intenção é descrever como o grupo teve um papel fundamental na articulação, mobilização e construção da ação do Ocupe Passarinho. Nomear esta ação de Ocupe Passarinho demonstra o quanto o movimento Ocupe, que surgiu nos Estados Unidos da América, mais precisamente em 17 de setembro de 2011, para protestar contra a desigualdade econômica e social e a cor-

rupção, trazendo uma nova forma de fazer protestos ao ocupar as praças e as ruas, ganhou o mundo. Chegou ao Recife com o Ocupe Estelia, que traz como luta central o direito à cidade, e chegou a Passarinho, que traz o mote de ocupar o bairro para reivindicar mais segurança, mais creches e escolas e mais postos de saúde.

Acompanhei, enquanto SOS Corpo, desde o início da construção desta ação do “Ocupe Passarinho”, que foi proposta pela Casa da Mulher do Nordeste, organização parceira do Espaço Mulher. O grupo compartilhou esta proposta com duas outras organizações parceiras do Espaço Mulher – SOS Corpo e ActionAid, para se somarem a esta ação de mobilização e de luta por direito coletivo à cidade; neste caso particular, ocupar a comunidade para reivindicar as políticas públicas que não chegam a Passarinho. Avaliamos conjuntamente – as três organizações – que deveríamos apresentar esta ideia inicialmente para o grupo Espaço Mulher, pois elas, por estarem na comunidade, poderiam melhor avaliar a ação proposta.

Realizamos esta primeira reunião com as mulheres e as três organizações. A proposta foi bem recebida, mas já neste primeiro

momento elas explicitaram que reconheciam a contribuição das organizações parceiras que atuam em Passarinho e que esta contribuição tem sido fundamental para o apoio e o fortalecimento das ações do grupo e da comunidade, mas que elas, as Passarinhas, seriam o sujeito desta empreitada. Afinal, elas conhecem a realidade do local em que moram e, portanto, teriam toda a legitimidade de fazer esta construção por dentro da comunidade, assumindo o papel mobilizador e articulador para que as organizações do bairro pudessem se juntar, construindo e se sentindo parte da ação. Neste sentido, a primeira providência tomada foi transferir as reuniões de preparação para a comunidade e realizar a primeira reunião, convocando as organizações que atuam no bairro e as organizações locais, a exemplo do conselho de moradores, a igreja, agentes de saúde, jovens e outros segmentos sociais. A primeira reunião na comunidade já mostrou a capacidade de mobilização do grupo Espaço Mulher, que conseguiu convocar e reunir um número significativo de pessoas e organizações do bairro. A proposta e o objetivo da ação foram apresentados pelas mulheres do Espaço Mulher; estas explicaram que a motivação de realizar esta ação “era mostrar para a sociedade e para o poder

público que Passarinho está vivo e que esta movimentação pode dar sentido aos moradores e moradoras quanto à necessidade de ocupar o bairro, as praças e exigir do poder público as políticas públicas que não chegam ao bairro, como a saúde, a segurança e as creches. O desafio é para todos, mais especialmente para as mulheres que sofrem com esta situação”.

Esta fala inicial de uma de suas integrantes demonstra a capacidade política do grupo Espaço Mulher e demonstra, já no primeiro momento, que elas seriam o sujeito político que lideraria esta ação no bairro. Demonstra também que esta interação dos vários movimentos sociais e organizações do bairro se defronta com os problemas vivenciados pelas mulheres, e isto ficou muito claro quando elas colocaram a questão da luta por creches e todas(os) presentes avaliaram que este era um problema que poderia catalisar todas as outras lutas. Isto foi evidenciado nas intervenções das pessoas presentes: o quanto este grupo era referência de luta na comunidade.

As reuniões seguiram leves, mesmo tendo algumas vezes momentos de tensão. Para algumas mulheres, a necessidade de participar da reunião fazia com que elas precisas-

sem levar as crianças junto, desafio que as mulheres têm para exercer sua atuação política, como temos debatido tão intensamente no movimento feminista. As mulheres são as que assumem a responsabilidade com as crianças e, para atuar, na maioria das vezes, têm de levar as crianças junto.

Um dos acordos que foi firmado a partir da atuação do grupo Espaço Mulher era que a voz teria de ser das organizações e movimentos da comunidade, lideradas pelas Passarinhas integrantes do grupo Espaço Mulher. As organizações SOS Corpo, Casa da Mulher do Nordeste e ActionAid seriam apoiadoras e parceiras, e seguiriam as demandas trazidas pela comunidade.

O grupo Espaço Mulher mostrou a capacidade de mobilização e articulação dentro e fora da comunidade, reforçando o reconhecimento da luta política pelo bem-estar comunitário e do olhar das mulheres. Muitas organizações feministas, coletivos de jovens feministas e movimentos de jovens conheceram o Espaço Mulher durante este processo organizativo do Ocupe Passarinho, participando das reuniões, como, por exemplo, Feminismo Agora, Diadorim, Movimento Zuada, integrantes do Ocupe Estelita, entre outros.

Os coletivos jovens assumiram fortemente esta ação, e era muito bonito de ver as jovens, junto com as mulheres do Espaço Mulher, trocando suas experiências e aprendendo umas com as outras. A diferença geracional não foi um problema; pelo contrário, houve uma troca saudável de muito aprendizado mútuo.

Estes coletivos, juntamente com as mulheres do grupo, conseguiram tornar a estética da divulgação das ações do Ocupe, leve, convidativa e impactante. Precisamos de várias reuniões para discutir como seria a arte para esta ação. As companheiras do Diadorim levavam as propostas das artes no celular, para que as mulheres olhassem e opinassem se aquela arte dizia o que elas estavam querendo transmitir para o mundo sobre o que seria essa ação. Que demonstrasse o que era a comunidade, e de uma forma viva. Passarinho voa, e a comunidade precisa também alçar voos mais altos. E esta ação significava isto: Passarinho é para voar, bater as asas na busca da liberdade. As companheiras do Diadorim – que ficaram com a responsabilidade de criar a arte – trouxeram algumas propostas, e quase todas foram acolhidas: arte para a página do Facebook; outra para a chamada para os pré-ocupes (seminários, rodas de conversas,

oficinas que antecederam o Ocupe Passarinho), para as mobilizações, chamadas para as atividades na semana anterior do Ocupe, e a arte mais representativa dos cartazes, que foi estampada nas camisetas. A arte foi feita por uma companheira do Diadorim, que conseguiu captar muito bem o que as mulheres estavam querendo transmitir.

Para a mobilização e para que esta ação se tornasse um processo construído coletivamente por dentro da comunidade em conjunto com os movimentos e organizações parceiras, decidiu-se realizar no mês de setembro diversas atividades com este caráter mobilizador e de preparação para a ação do Ocupe.

A oficina do Pré-Ocupe Mulher aconteceu na sede do grupo e contou com quase 30 mulheres. Foi nesta oficina que se preparou o palanque feminista e as falas para a divulgação do dia da ação, além de se fechar a proposta da carta política de Passarinho, que também teve uma enorme contribuição das mulheres do espaço.

A mobilização no bairro na última semana foi intensa. Utilizou-se bicicleta com som para fazer a divulgação. As mulheres fizeram a chamada porta a porta nos arredores

da sede do espaço, nos lugares onde passavam, nos mercadinhos, bodegas e mercearias.

Quem chegasse ao Espaço Mulher na véspera da ação, já se nutria com a alegria, com a movimentação, o entra e sai das mulheres, todas tomando conta de algum pedaço, procurando tomar as últimas resoluções. Foi muito bom ver a equipe da cozinha em ação a fazer a feijoada, outras organizando o espaço, outras pintando as camisetas e separando, outras organizando o espaço que seria utilizado para as oficinas, outras na ação de rua, divulgando e convocando as pessoas da comunidade.

Era uma alegria só. Elas estavam empolgadas, ansiosas, felizes e com muitas expectativas. E o aprendizado mútuo entre as jovens e as mulheres do espaço seguia. Como no sábado, dia da ação, seria servida uma feijoada para as equipes de trabalho, e algumas jovens são vegetarianas, elas foram provocadas a fazer duas feijoadas: uma com tudo dentro (feijoada tradicional), e outra feijoada vegana. Elas toparam fazer e me pediram ajuda, pois nunca tinham feito uma feijoada que não fosse a tradicional. Passei para elas a receita da feijoada, e um dos ingredientes era o tofu,

queijo à base de soja. Comida vegana não é uma comida dita “popular”.

Chegando ao espaço, na correria de véspera de ação, uma das cozinheiras, Dona Marina, me perguntou: “O que é mesmo este tofu? Aqui nas mercearias e mercadinhos de Passarinho ninguém sabe o que é. E por que chama de feijoada vegana? Cleia saiu agora para outro supermercado do bairro vizinho para ver se encontra este tal de tofu”. Foi neste momento que me dei conta de que, às vezes, usamos termos que passam longe do entendimento da maioria das pessoas. E é um desafio para nós, enquanto educadoras, construir uma ação e, ao mesmo tempo, observar a cultura local. Contudo, faz parte da prática política e pedagógica feminista possibilitar o acesso ao conhecimento de outros universos culturais.

*Canta, canta, Passarinhas,
canta, canta, miudinho,
na palma da minha mão,
Quero ver vocês voando,
quero ouvir vocês cantando...*

E o grande dia chegou. O dia em que a comunidade de Passarinho amanheceu diferente, preparando-se para alçar voos

bem mais altos e ousados. O dia em que a praça central estava colorida. As árvores, os postes, todos enfeitados com tecido de chitas, dando um colorido, uma alegria à praça. Na rua em frente à praça, várias barracas foram montadas, e as mulheres da própria comunidade colocaram seus artesanatos. O Fórum de Mulheres de Pernambuco não conseguiu participar do processo como um todo, mas no dia da ação colocou seu bazar de roupas, e muitas mulheres de vários grupos que compõem o Fórum estiveram presentes nesta ação. As companheiras integrantes do Comitê Impulsor da Marcha de Mulheres Negras também estiveram presentes, realizando oficina sobre racismo. Nesta mesma rua, a comunidade foi contemplada pela primeira vez com uma feira agroecológica, em que os próprios feirantes explicavam a importância da alimentação sem agrotóxicos. Esta foi a primeira vez que a população de Passarinho teve a oportunidade de acesso a uma feira como esta.

O Ocupe aconteceu em várias ruas do bairro, nas escolas, no conselho comunitário e na praça central. Foram várias atividades durante o dia inteiro, e em cada atividade destas, uma mulher do Espaço Mulher

esteve presente. As crianças e adolescentes também participaram das oficinas e de uma gincana de coleta de lixo. Passarinho ficou com os muros grafitados, coloridos, com palavras de desordens feministas desenhadas pelas adolescentes.

A ideia central do Ocupe Passarinho era demonstrar para a sociedade e para o poder público que os moradores e moradoras precisam discutir a questão urbana, a questão da segurança, da saúde, da falta de creches, demandas estas que atingem toda a população, mais têm um peso maior sobre a vida das mulheres.

Um dos momentos mais fortes do Ocupe foi o Palanque Feminista, quando todas as mulheres que integram o Espaço Mulher ocuparam o palanque e fizeram a leitura da carta política. Carta esta que foi construída a partir dos debates nos processos de construção da ação, sendo finalizada pelas mulheres do Espaço Mulher. Embaladas pela música “deixa, deixa, deixa eu dizer o que penso nesta vida, preciso demais desabafar”, as mulheres subiram no palanque e fizeram seus depoimentos, denunciando a situação da saúde, da segurança e da falta de creches. Uma das integrantes do Espaço

Mulher contou como foi a luta recente contra a desapropriação de um dos terrenos ocupados em Passarinho, que as famílias estavam para ser expulsas, e como resultado da luta das famílias, de várias organizações e, claro, das mulheres deste grupo, horas antes de a ação de desocupação vingar, se conseguiu uma liminar que reconheceu a posse do terreno para os moradores.

Em seguida, fizeram a leitura da Carta Política do Ocupe Passarinho. A companheira Cleia não se conteve de emoção, não conseguiu ler a carta toda e, numa iniciativa muito bonita, a companheira Fabiana terminou de fazer a leitura. Todas estavam muito emocionadas. Não só elas estavam emocionadas, nós também nos emocionamos ao ver, ao sentir e presenciar a luta, a resistência e a fortaleza daquelas mulheres.

Foi cantando e dançando a música que diz muito desse grupo, e com uma expressão de força enorme, que elas deixaram o palco: “...sou a negra balacobaco, eu que sustento o barraco, filha da luta na alma, só a justiça, me acalma...”. E foram estas negras balacobacos que construíram esta ação coletiva, junto com vários grupos e organizações feministas, impulsionando, elaborando,



refletindo, mobilizando, articulando dentro e fora do bairro, e agindo, com a perspectiva de transformar as suas vidas em particular e as dos(as) moradores(as) em geral, enxergando esta ação específica como uma ação dentro de um processo de luta que se iniciou há tanto tempo e que permanecerá até que as melhorias para todos e todas sejam alcançadas.

As mulheres do Espaço Mulher conseguiram, com esta ação, ter uma maior visibilidade dentro da comunidade e um reconhecimento ainda maior para fora da comunidade,

ampliando a consciência social entre elas e entre os grupos que se articularam. Acredito que este momento, este processo durante esses quatro meses, contribuiu para cada uma delas na sua formação individual e coletiva, e com certeza teve um alcance enorme, tanto para as pessoas da comunidade, como para os grupos de fora da comunidade que acompanharam todo este processo. Aprendi muito neste processo, tanto como educadora, no meu fazer político-pedagógico, como quanto mulher, feminista e militante. E é por isso que encerro este texto agradecendo a oportunidade de, enquanto educadora, acompanhar este processo de construção coletiva, contribuindo, aprendendo e cada vez mais acreditando que o feminismo realmente liberta. Encerro este texto parafraseando um pedaço da letra da música “Uilá Mulher”, das Loucas de Pedra Lilás, que retrata muito bem estas mulheres fortes, corajosas, destemidas e cheias de esperança; estas mulheres “... que têm a voz bonita pra valer, que têm garra e força na alma, que estão sempre alertas e libertas pra lutar e viver...”. Uilá Espaço Mulher!

*Nossa
raça,
nossa
resistência*

Edicléa Santos

Alguém já ouviu falar de Passarinho? É uma comunidade oriunda do Morro da Conceição, nos anos 80; foi uma conquista do conselho de moradores que, na época, tinha um projeto por moradia para as famílias da localidade.

Passarinho teve uma grande contribuição das mulheres para a sua evolução. Tudo o que existe na comunidade é fruto da luta das(os) moradoras(es), inclusive das mulheres que fundaram um grupo de mulheres.

Na época, todas nós éramos empregadas domésticas, e todo dia íamos numa kombi para o trabalho. Essa kombi era o único meio de transporte e pertencia a um morador da comunidade, já falecido, que tinha esse transporte como seu ganha-pão. Não havia transporte público; muitas de nós trabalhávamos em Casa Amarela, que é um bairro da zona Norte do Recife, e como ele trabalhava nesse bairro, então já ganhava algum dinheiro com os primeiros passageiros do dia.

Nessa kombi contavam-se muitas histórias e também se criou um vínculo de amizade entre as pessoas. Conversava-se sobre tudo: entre os homens a conversa era sobre futebol e bebida, entre outras coisas; já entre as mulheres a conversa era muito mais inte-

ressante, pois se falava sobre a situação das mulheres no trabalho, os acontecimentos na comunidade, sobre o lixo, a falta d'água, a energia, o rio poluído, sobre o posto de saúde que não existia na comunidade, a eleição do conselho de moradores, o calçamento das ruas e, o mais grave, a violência contra as mulheres, o preconceito e o machismo. Além disso, havia os aniversariantes do mês e o amigo secreto, tudo comemorado na kombi.

Certo dia seu Hélio, já falecido, marido de Neide, perguntou: por que vocês não fundam um grupo de mulheres para falar sobre essas coisas? Então Neide falou com várias de nós, e fundamos um grupo de mulheres na comunidade. Em 1999 foi fundado o grupo de mulheres as “kombeiras”; o nome era uma homenagem à kombi, sugestão de Neide que todas aceitaram.

As kombeiras tinham como presidente a Neide, porém ela não tinha nenhuma visão do movimento de mulheres. Pensava em fazer curso de pão, pintura, manicure, entre outras coisas; e também em contar com a contribuição das sócias para, no futuro, comprar um carro, caso algum morador/a tivesse alguma complicação durante a noite. No começo do grupo a única que conhecia o

movimento de mulheres era Edicléa, porque já participava do grupo de mulheres do Morro da Conceição nos anos 80. As outras, como Vânia, Luiza, Nevinha, Zezinha, Leni e a própria Neide, não tinham tido a oportunidade de conhecer a luta das mulheres e o feminismo.

O tempo foi passando, e Edicléa falou com Vera Guedes para escrever um projeto sobre saúde, só que ela não sabia como escrever; então Vera ensinou como fazer, e ela fez um projeto para o SOS Corpo de R\$ 400,00, para um encontro de dois dias com almoço, lanche e pagar a pessoa que ia fazer a oficina para nós. Só que, como Neide não entendia como se dava o processo, ela achava que o dinheiro ia ser distribuído para as pessoas e a maior parte para ela. Como eu disse que não ia ser dessa forma, a Neide não gostou e se afastou do grupo, mas nem por isso a oficina deixou de acontecer. Antes de Neide sair fizemos a festa das mães. Como Edicléa trabalhava no grupo de teatro, conseguiu trazer as Loucas de Pedra Lilás para fazer uma apresentação para as mães. Também realizamos a festa do dia das crianças.

E foi nesta oficina sobre saúde que Luiza deu o depoimento sobre a questão de sua saúde, sobre o câncer de mama que ela teve,

e pela primeira vez ela saiu de Passarinho e foi a Ouricuri, a convite de Vera Guedes falar para outras mulheres como superou a perda de um dos seios.

Só que, com a saída repentina de Neide, ninguém quis assumir a coordenação do grupo, então Edicléa se propôs a ficar até que se resolvesse quem ia responder pelo grupo. Como ninguém se ofereceu, Edicléa disse que ficava na coordenação do grupo e pediu que as mulheres pensassem em um nome para o grupo, porque ela achava muito feio o nome do grupo “as kombeiras”, parecia mais que era um bloco de carnaval.

Então, num certo encontro que cada vez acontecia em um lugar diferente porque não tínhamos espaço, Edicléa sugeriu que o nome do grupo fosse “grupo espaço mulher”, porque era um lugar onde as mulheres teriam voz para falar do que quisessem, rir, chorar, enfim um lugar nosso. Todas gostaram e desde 2001/2002 que firmamos esse nome.

Ao longo desses anos, o grupo faz a diferença na comunidade de Passarinho, por ser o único grupo de mulheres na comunidade. Hoje nós reconhecemos que somos um grupo de mulher negra e feminista, bem diferente do

grupo que foi fundado em 1999. Não só pela visibilidade que as mulheres negras estão tendo, mas pela história de luta e pela constante resistência ao longo do tempo. Porque o grupo fundado antes era um grupo que só pensava em fazer cursos, mas não tinha nenhuma formação política; o de hoje tem um diferencial: tratar as mulheres como sujeitos políticos que são.

O grupo é composto principalmente por trabalhadoras domésticas, diaristas e donas de casa, o que revela a desigualdade social, sobretudo para as mulheres que não têm seus direitos trabalhistas assegurados e vivem em condições precárias da qualidade de vida.

Passarinho teve muitos avanços, porém continua tendo os mesmos problemas de várias comunidades da periferia. Não há creche pública, o sistema de ensino é muito precário com apenas uma escola pública municipal e atendimento limitado ao ensino fundamental, sem o espaço físico necessário para a população local e sem oferecer à equipe de professores condições favoráveis a um ensino de qualidade; além disso, ocupa o conselho de moradores com a pré-escola para as crianças menores de quatro anos,

porque a escola Marluce Santiago não tem espaço para esses alunos.

No tocante à saúde, tem um posto de saúde da família (PSF), uma casa sem estrutura nem equipe adequada, não dispõe de remédios suficientes para a população nem de transporte para deslocamentos de pacientes em estado grave, sem contar a falta de agente de saúde.

No contexto da organização social, o grupo espaço mulher representa um espaço significativo de luta e enfrentamento dessa realidade. Luta especialmente contra a exclusão social, com foco na afirmação positiva da identidade de gênero e raça, no fortalecimento da geração de renda e na participação política das mulheres. O grupo representa uma grande conquista para todas as mulheres de Passarinho, pois promove um trabalho coletivo contra o racismo, o machismo, o sexismo e todas as formas de preconceito e vulnerabilidade social.

Atualmente somos cerca de 30 mulheres que participam semanalmente de reuniões temáticas e de equipes, da produção de bolsas e de artesanatos. O grupo trabalha na perspectiva de contribuir com a formação polí-

tica e o fortalecimento das mulheres socialmente vulneráveis, no autoconhecimento, na autoestima, no resgate da identidade de gênero e raça e na participação política.

Desde a fundação o grupo vem assumindo compromissos através de diversas ações e intervenções, a exemplo do Projeto Beleza Negra, realizado pela primeira vez no ano de 2008, com o objetivo de resgatar e fortalecer a autoestima das mulheres negras a partir da valorização da grande parcela de contribuição deste país, bem como em comemoração ao 20 de novembro, Dia da Consci-

ência Negra, no mês dedicado à celebração, manifestação política e reflexões sobre a valorização da população negra no Brasil. Essas atividades são feitas todo mês de novembro com oficinas, rodas de conversas e tudo o que tenha a ver com a saúde, a beleza e a cultura da população afrodescendente. No último sábado do mês de novembro, nós fazemos um dia de beleza para as mulheres com penteado afro, maquiagem, massagem, aferição de pressão, manicure e muita comida. Tudo para deixar as mulheres negras mais belas. E para encerrar o mês e o dia nós vamos para a rua; acontece uma apre-



sentação cultural na praça, que pode ser maracatu, afoxé ou coco, grupo que tenha a ver com a nossa história e cultura.

É muito interessante porque nós vivemos em uma comunidade pequena que tem mais de 15 igrejas evangélicas e duas igrejas católicas. A diversão, principalmente das mulheres, é ir à igreja. E nossa decisão de levar a apresentação cultural para a praça serve para mostrar que as pessoas escolhem a religião que quiserem, inclusive uma religião de matriz africana.

Também temos outra missão muito forte, que é o nosso Bloco “Sou Gorda, Mas eu Pulo”. Nós, do Espaço Mulher, sempre quisemos fazer um bloco para sair no carnaval, porém não era qualquer coisa, a gente queria que tivesse a ver com nós mulheres, principalmente as negras.

Edicléa participava do teatro Loucas de Pedras Lilás, e sempre viajavam muito. Numa dessas viagens, Edicléa Santos, Nadege Nascimento e Paz Brandão, conversando sobre a exposição da mulher negra no carnaval e como a sociedade via essa exposição, disseram que se aborreciam com essa estória de que toda mulher negra sabe sambar... Mas

não era só isso, na realidade, onde estava o povo negro? Quando não está no samba está com o isopor na cabeça, vendendo cerveja, varrendo a rua ou atrás do balcão. Quando se fala do físico da mulher negra, ela é tratada como a mulata, a boa de bunda, a gostosa etc. Quando se fala do cabelo da mulher negra, é cabelo de bombril, cabelo ruim, cabelo duro. Por que a mídia e a sociedade dizem o tempo todo que tem que dar chapinha para o cabelo ficar quieto, baixar o volume e outros preconceitos mais? O cabelo crespo é um ato político, nossa identidade, nossa afirmação, é nosso empoderamento. Com isso aprendemos a amar a nós mesmas e a valorizarmos a nossa imagem. Se você é gordinha, nunca estará na frente de uma bateria de escola de samba, ou se entra em uma loja, nunca tem roupa para você. A mulher negra tem de estar no padrão que a sociedade impõe. A mídia diz que o padrão de beleza é ser magra, ter cabelo liso e boa aparência, porque a cor da pele no Brasil é como se fosse um patrimônio.

E a conversa se estendeu até perdemos o tempo; não vimos a hora passar, e Paz Brandão, Paizinha, como nós a chamamos, disse: “Eu sou gorda, mas eu pulo!”. Foi daí que surgiu o nome do nosso bloco em 2008. E de

lá para cá saímos nas ruas de Passarinho todo primeiro domingo depois do carnaval, com carro de som, orquestra e muita energia, denunciando o preconceito e o racismo.

Este ano de 2015 nós tivemos muito trabalho com a desapropriação de um terreno na comunidade, ocupado por milhares de famílias. Nós nos articulamos com organizações parceiras: SOS Corpo, Cendhec, Casa da Mulher do Nordeste e ActionAid, e com muita luta conseguimos fazer com que o juiz visitasse a área ocupada e se sensibilizasse, derrubando a liminar de desocupação do terreno. Agora começou outra luta para que o governo dê o título de posse aos moradores.

2015 foi o ano da Marcha das Mulheres Negras contra o racismo e a violência e pelo bem viver, grande mobilização protagonizada pelas mulheres negras, que aconteceu em 18 de novembro, em Brasília. E o grupo Espaço Mulher esteve desde 2014 promovendo conversas sobre o tema e ações contra o racismo, a violência e pelo bem-viver, vivenciadas especialmente pelas mulheres negras, pois são elas que recebem menos que os homens fazendo os mesmos serviços, são elas as principais vítimas da violência doméstica, da opressão e exploração, da discriminação e do racismo.

Em 2014, fizemos o novembro das pretas, no mês da mulher negra latino-americana e caribenha. Em 25 de julho fizemos o julho das pretas, uma roda de conversa com as mulheres para divulgar a marcha das mulheres negras. Depois, fizemos um lanternaço, com o apoio da ActionAid, em alguns lugares que põem em risco as mulheres, como as ruas escuras, cheias de mato e com postes apagados.

Uma coisa boa que realizamos, e deu visibilidade à comunidade e ao grupo, foi o Ocupe Passarinho. Aconteceu no dia 10 de outubro de 2015, em parceria com a Casa da Mulher do Nordeste (CMN), o SOS Corpo e a ActionAid Brasil. O objetivo foi mobilizar a população local para discutir as questões que envolvem o direito à cidade, a partir da análise dos equipamentos sociais existentes, para o poder público realizar mudanças efetivas na comunidade. Elaboramos uma carta política para circular nos órgãos competentes e mostrar que Passarinho está vivo e tem movimentos sociais locais e parcerias atuando na comunidade. O sentido de ocupar é se sentir parte do lugar onde moramos. Foram realizadas várias reuniões com grupos como: FeminismoAgora!, Diadorim, Marcha das Vadias, Ocupe Estelita, Sindicato das Domésticas, conselho tutelar, conselho de moradores,

posto de saúde e muitos moradoras e moradores. E no dia da ação concedemos entrevistas em duas rádios locais, radiojornal e radiofolha, fizemos feira agroecológica, bazar, artesanato, oficina de lambe-lambe, oficina de reciclagem com garrafa pet, pipa, oficina de estêncil, palanque feminista e divulgamos a Marcha das Mulheres Negras, com muitas atrações culturais e os blocos *Ou vai Ou Racha* e o *Sou Gorda, Mas Eu Pulo*.

Essa ação deu uma repercussão muito grande, politicamente, para comunidade porque agora, aonde nós chegamos, somos reconhecidas e todo mundo sabe que Passarinho existe. Nós estamos sendo convidadas a falar da história de Passarinho e do grupo Espaço Mulher. Depois dessa ação, o programa Profissão Repórter da Rede Globo passou dois dias em Passarinho tratando sobre iluminação pública. A Odebrecht ambiental também nos procurou para fazer um trabalho sobre a questão do meio ambiente. O Cremepe, dois dias antes de

acontecer a ação, fiscalizou os dois postos de saúde da família e constatou que eles não são suficientes para a população. Deu no jornal: A mobilização popular Ocupe Passarinho motivou a fiscalização do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco (Cremepe) nas unidades de saúde da comunidade, na terça-feira (6/10). A região localizada na zona Norte da cidade conta com três Unidades de Estratégia de Saúde da Família (ESF) para cerca de 5 mil pessoas. São elas: USF Passarinho, Olinda, e as USF Passarinho Alto e Baixo, em Recife. No dia 23 de novembro aconteceu uma reunião pública na Câmara de Vereadores do Recife, com a entrega da carta política aos órgãos competentes.

O nosso sentimento é de dever cumprido e de confiança para o futuro de todas as mulheres do grupo Espaço Mulher. Para nós é um desafio falar da luta por igualdade e por respeito. Somos mulheres negras feministas e construímos uma história de resistência desde que chegamos aqui.

*É preciso
se atrever
para
sobreviver*

Josefa Conceição

Nós, do Grupo Mulheres Atrevidas, não temos percebido, nesses mais de trinta anos de epidemia de Aids, que tenha havido avanços significativos em relação à política enfrentamento à feminização da Aids no Brasil. A nosso ver, isso se dá por vários fatores. O primeiro deles é a falta de compromisso político dos governos com a política de para as mulheres em nosso país; outro é a condição de pobreza em que a maioria das mulheres, que se descobre com HIV vive, o que faz com que tenham muitas dificuldades em se organizar para reivindicar seus direitos, pois a prioridade é a busca pela sobrevivência. Outro fator bastante relevante é o medo do preconceito, já que a maioria dessas mulheres ainda vive com as mazelas do anonimato dessa doença e se organizar muitas vezes implica mostrar o rosto publicamente.

No Brasil, as poucas mulheres vivendo com HIV e Aids que se organizaram e atingiram alguns espaços políticos não construíram de forma horizontal essa participação política, nem se levou em consideração a realidade socioeconômica da maioria dessas mulheres. O movimento feminista, por sua vez, ainda não incorporou em sua agenda política a Aids como uma das prioridades na luta pela melhoria da qualidade de vida

das mulheres, considerando que a epidemia aumenta a vulnerabilidade das mulheres e a desigualdade de gênero. A condição de pobreza é estruturante para todas as desigualdades e influencia diretamente no aumento desta epidemia.

A política de saúde não tem conseguido dar respostas eficazes em relação à Aids e às mulheres. Compreendemos que da forma como ela é estruturada não dá conta das outras necessidades essenciais para que uma pessoa se sinta saudável, como: trabalho, renda, moradia, alimentação e lazer. Isso só é possível quando os governos federal, estaduais e municipais assumirem o compromisso de integração entre essas políticas, o que ainda não ocorre no Brasil.

O pouco conhecimento das mulheres sobre saúde as deixa ainda mais vulneráveis às armadilhas do sistema político, cujo maior compromisso não é com a vida das pessoas e sim com o que o mercado e o lucro. Muitas não têm a compreensão do que significa cuidar do corpo, tampouco entendem o conceito de saúde como um todo, e sem muitas alternativas acabam fazendo uso excessivo de medicamentos como antidepressivos, antibióticos, anti-inflamatórios, entre outros.

Os profissionais médicos raramente têm uma visão humanizada sobre saúde e sensibilidade para enxergar o contexto vivido pela maioria das mulheres que são atendidas nos serviços públicos de saúde. Estas não questionam os profissionais mesmo quando discordam deles por acharem que o médico é quem sabe tudo, afinal ele é doutor e quem são elas? E assim acreditam que simplesmente tomar remédios as impede de adoecer e morrer, deixando para outros a responsabilidade de cuidar dos seus pais, maridos e filhos, que a sociedade estabelece como dever das mulheres. Portanto,

sentem-se culpadas e acabam não buscando alternativas complementares ao tratamento medicamentoso.

Ter uma doença não significa estar doente, mas quando nos deparamos com as estruturas físicas e humanas dos serviços públicos de saúde, totalmente sucateadas e sem as mínimas condições de acolher e tratar dos possíveis problemas de saúde sofridos pelas mulheres, ficamos em situação de pânico e impotência. A maioria de nós não dispõe de alternativas e tem de encarar as filas de espera. Isso não só faz nos sentirmos doen-



tes, mas também assassinadas socialmente por um sistema político que só nos enxerga de quatro em quatro anos, afinal os políticos dependem dos nossos votos para que se mantenham no poder.

Diante deste contexto e com o apoio do SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia, em março de 2013, sete mulheres vivendo com HIV/Aids nos organizamos para trocar ideias, buscar informações e juntas tentar melhorar as nossas vidas e a de outras mu-

lheres. Nossas reuniões são mensais e as discussões ocorrem de acordo com as necessidades do grupo. Também participamos das reuniões e ações do Fórum de Mulheres de Pernambuco. O nome Mulheres Atrevidas foi pensado como uma das formas de estimular nós mulheres a agirmos em uma sociedade em que é preciso se atrever para sobreviver; dentro desta perspectiva, estamos desafiando nossos limites para realizar ações que possam fortalecer nosso desenvolvimento socio-político e o de quem pudermos alcançar.

Ações públicas realizadas

1. Roda de Diálogo “Mulher e Aids: o que eu a tenho ver com isso?”, com mulheres de vários grupos da região Metropolitana de Recife.
2. Fórum de Diálogo com o governo sobre Aids no Cotidiano das Mulheres, onde debatemos acerca do tema com o Programa Estadual de DST/Aids do governo e junto com mulheres de vários grupos da região metropolitana de Recife.

Histórias de mulheres atrevidas

Maria Bernadete e Kátia Solange

Consequências do medo

Maria Bernadete

Eu Maria Bernadete, nascida no dia 04/10/1962, no bairro do cordeiro em Recife, filha da Sra. Antonia Vieira e do Sr. Serverino José. Venho de uma família pobre e humilde e honesta. Por minha família ser muito pobre, na época era um sacrifício para eu poder estudar, pois não tínhamos dinheiro pra comprar comida, como teríamos para comprar material escolar? Mesmo assim, aprendi a ler e fazer meu nome, mas o que eu queria mesmo era estudar. Devido à situação tive que começar a trabalhar aos dez anos de idade, tomando conta de crianças menores na casa dos outros, em troca de alimentos e uns trocados que a patroa dava a minha mãe. Mesmo assim, trabalhando muito e ganhando pouco, me sentia feliz por me achar útil em ajudar em casa.

Aos 13 anos, já morando em Camaragibe, meu pai faleceu, foi aí que minha mãe resolveu morar em Olinda, perto da casa

dos meus irmãos mais velhos, que já eram casados e ajudavam ela enquanto a pensão que meu pai deixou não saía. Após a gente estar morando em Olinda, eu como toda pré-adolescente comecei a querer namorar, mas a minha atração era por meninas. Eu admirava e até sentia ciúmes, mas tinha medo de revelar a elas, até então não conhecia nenhum caso de meninas namorarem meninas. Foi aí que conheci um rapaz e comecei a namorar, em pouco tempo me tornei sua mulher. Em seguida minha família descobriu e me obrigou a casar com ele. Essa foi minha pior fase, perdi toda liberdade e fui morar na casa da minha sogra, sofri bastante, fui maltratada, estrupada por meu próprio marido. Por ele ser muito ruim, eu não queria ter relação sexual com ele, mesmo assim tive três filhos. Doze anos depois, sem aguentar mais aquela situação, saí de casa e deixei meus filhos com ele, pois tinha certeza que seria o melhor pra eles naquele momento. Tinha que optar: sofrer com meus filhos ou ir embora e reconstruir minha vida, nesse caso sofreria os dois.

Então fui morar na casa da minha tia em Afogados, e ele me perseguia para voltar-mos, mas eu não queria mais. Essa minha

tia, tinha um filho que morava no Rio de Janeiro, vivia bem e sabia minha situação, daí ele me convidou para ir trabalhar tomando conta de suas filhas, eu aceitei e fui. Chegando lá reencontrei meu irmão que morava na Baixada, eu passava o fim de semana lá com ele e retornava na segunda para recomeçar o trabalho. Passaram-se anos e eu resolvi sair da casa do meu primo e fui morar com meu irmão em Nova Iguaçu, me tornei manicure até arrumar um trabalho certo. Com minhas amizades consegui meu primeiro emprego: Que felicidade naquele momento! Carteira assinada, fazendo parte da sociedade. Com o tempo conheci uma pessoa e ele se mostrou um bom rapaz e interessado em mim. Tempos depois fomos morar juntos, passamos sete anos e vivíamos bem, até que descobri que ele tinha uma amante. Brigamos e nos separamos. Mesmo separados ainda tínhamos uma relação, três meses após a separação e ainda saindo com ele, adoeci, e ele sumiu.

Caí doente com diarreias, vômitos e não podia mas trabalhar. Fiquei me cuidando, mas sem saber o que eu tinha. Eu morava só, tinha o apoio dos vizinhos pois já não tinha ninguém da família por perto.

Foi então que fui ao médico e o mesmo me orientou a fazer o exame de HIV. Foi no dia 4 de outubro de 2000 (dia do meu aniversário) que descobri o meu resultado positivo. Eu já estava muito debilitada e não sabia o que era Aids, fiquei demente e permaneci doente. Passou um mês e comecei o tratamento, mesmo permanecendo doente, com febre, diarreia e vômitos. Minhas vizinhas estavam do meu lado e meu irmão ia de oito em oito dias para saber como eu estava. Foi quando meu irmão do Rio se comunicou com o de Olinda, para irem me buscar pra eu morrer em Pernambuco. Chegando aqui em 5 de dezembro de 2000, piorei e fui levada para o Hospital Osvaldo Cruz, chegando lá em cadeira de rodas com toxoplasmose, sem conhecer ninguém. Passei dois meses lá, tive alta e fui morar com meu irmão.

Meus filhos pediram para que eu voltasse para casa, mas o pai deles não queria e chegou a ponto de perguntar a meus filhos se ele ia morar com uma mulher com Aids. Meu filho sem demora respondeu: “- Não. Vou morar com minha mãe!” Voltei pra casa e ele me colocou na justiça mas o juiz me deu direito à casa, pois construímos juntos. Daí fiquei morando lá e aos poucos



fui me recuperando mais e mais. No fim de 2001, já em minha casa, um pouco reabilitada, uma amiga do meu primo se encantou por mim e vivia sempre me elogiando, dizendo que eu estava bem, que estava linda, sempre. Certo dia ela me convidou para jantar. Eu aceitei e saímos para conversar, nem notamos mas já era meia noite. Entramos no carro e como tínhamos bebido, aconteceu nosso primeiro beijo. Chegamos lá tarde da noite, ela me convidou para dormir com ela. Tudo o que me faltava, recebi em dobro. Passamos seis anos juntas, mas ela faleceu. Sofri muito preconceito e discriminação, até dos meus filhos mas levantei a cabeça e assumi minha opção sexual.

Foi aí que procurei ajuda na instituição Gestos e me fortaleci com minha opção e sendo portadora do HIV. Hoje vivo no movimento social, sou uma das ativistas no Fórum de Mulheres de PE e faço parte do grupo Mulheres Atrevidas. Mesmo com todo preconceito e discriminação, criei uma sobrinha, que hoje está com 13 anos e neste momento é minha única companhia. Hoje sou uma mulher autônoma em todos os sentidos. Sou dona do meu corpo. Sou mãe, avó, tia e amiga. Vivo na luta por direito a uma sociedade justa e com tudo isso, com minha trajetória, me sinto uma mulher amada.

Uma vida real

Kátia Solange

Meu nome é Katia Solange, tenho 47 anos, nasci em Sergipe e vivo em Recife há quatro anos. Cheguei a Recife cheia de sonhos e esperanças de ter uma vida melhor. Agora contarei um pouco da minha trajetória de vida.

Na minha infância, eu ajudava minha mãe, que comercializava frutas e verduras na feira. Mesmo ajudando minha mãe na feira e nos serviços domésticos, eu ainda trabalhava plantando cana e capim. Eu era uma criança, eu era muito espancada, xingada, e fui estuprada por meu tio. Não aguentando aquela situação, cheguei a fugir de casa aos 11 anos para a casa da minha avó, à procura de amor e carinho, mas para minha surpresa não foi o que encontrei, pois continuei a ser espancada, agora por minha avó. Foi quando conheci um rapaz e ele, vendo meu sofrimento, me chamou para fugir. Diante da situação em que eu vivia, não pensei duas vezes e fui. Chegando lá, conversa-

mos e ele me perguntou se eu era virgem; disse que não, e mesmo assim me aceitou e me fez sua mulher.

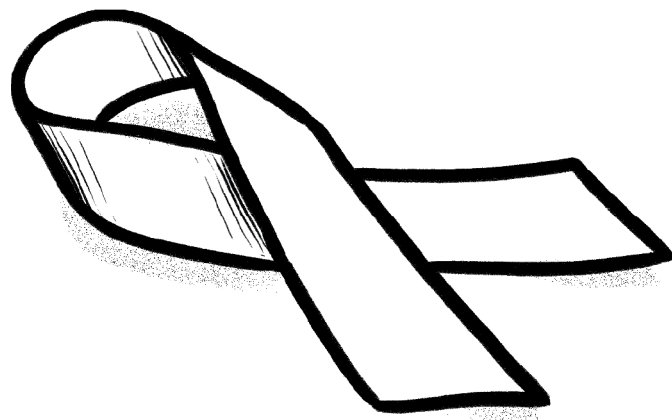
O tempo foi passando e as coisas mudaram. Com ele tive dois filhos. Na época com 12 anos, na minha terceira gestação, perdi o bebê com a surra que ele me deu. Na primeira surra que levei, lhe disse que tinha saído de casa por esse motivo e que agora ele era meu pai. Continuei a ser agredida. Não aguentava mais as agressões e resolvi revistar cortando-o com uma faca. Fui embora com meus filhos, e pouco tempo depois ele foi à casa da minha mãe tomar meus filhos de mim. Minha avó, sem saber o que fazer, deu meus filhos para terceiros cuidarem. Depois de tudo isso ele ainda foi à minha procura pedindo para eu voltar; eu respondi “não te quero mais, pois se voltarmos não terei respeito algum por você”.

Não morei com meu segundo marido, mas engravidei dele. Ele chegou a me dizer que não era o pai, pois de filho de puta o pai é qualquer um. O tempo passou, e passei a trabalhar de doméstica para poder criá-lo. Minha mãe cuidava dele enquanto eu trabalhava. Conheci outro rapaz e começamos a namorar três meses depois. Moramos juntos,

o tempo foi passando e continuei trabalhando mesmo estando com ele. Mas ele só vivia doente. Caiu no hospital, foi parar na UTI, pois estava com tuberculose. Depois de dois meses, faleceu; em seguida, o médico dele me chamou e perguntou o grau de parentesco que eu tinha com ele. Eu disse que era a esposa; daí ele me perguntou se eu estava ciente de que ele era portador do vírus da Aids. Disse-lhe não, e ele imediatamente me mandou fazer o teste.

No ano de 2000 começou minha luta por sobreviver. O resultado foi positivo. Parei e fiquei rindo, sem acreditar naquilo que ele estava me contando. O médico me enviou para o Serviço de Assistência Especializada em HIV/Aids (SAE), e lá comecei meu tratamento. Foi a partir daí que a ficha caiu. Comecei a chorar e me bateu um desespero, pois sabia que a doença era vista com muito preconceito. Fui para o bar beber e encher a cara, pois tinha medo de contar para a minha família. Tornei-me moradora de rua por medo de ser rejeitada pela família. Passados dois meses, meu irmão me encontrou, me levou para casa, e depois de um tempo os sintomas começaram a aparecer. Meu irmão então me levou para o hospital. Tive meningite, diarreia, cheguei ao estado de

coma. Todos já estavam descrentes em minha recuperação, achando que eu iria morrer, pois até os médicos não tinham mais esperanças. Sobrevivi, e mesmo com os tratamentos, a doença me deixou sequelas. Fui parar na cadeira de rodas, porém, com minha força de vontade e fé em Deus, consegui me reerguer e hoje estou aqui contando minha história. Posso dizer que sou uma vencedora, casada novamente, moro atualmente no Ibura, participo do grupo MULHERES ATREVIDAS e, com minha experiência de vida, fortaleço as pessoas que se acham na mesma situação em que vivi. Hoje me considero uma mulher feliz.



*Educar-se
pelo feminismo:
um gesto com
as outras*

Rivane Arantes

Percebendo como o tempo se mostra mais veloz a cada momento e a conjuntura adquire maior capacidade de mudança, mesmo sem rupturas, parecerá que estas ligeiras memórias ocorreram num outro tempo-espço. Mas não, tudo se deu naqueles “primaveris” anos de 2013 e 2014. Estes pensamentos tentarão “lançar luz” sobre as querências, o fazer político-pedagógico, a visão de desafios e os aprendizados do coletivo de educadoras do SOS Corpo, na vivência da formação política feminista “Mulheres se organizando para (des)organizar”. Embora este seja um breve esforço de aproximação do vivido na preparação e naqueles dias intensos de formação, e aqui, contado a partir do olhar e dos sentidos desta educadora, a percepção dos reais significados e o desnudamento de seus desafios e potencialidades foram possíveis porque encontrei nesse coletivo e na companheira que comigo dividiu a tarefa de facilitação da formação¹, um lugar de acolhida, reflexão crítica, construção coletiva de saberes e compromisso com a transformação.

¹A facilitação destas edições da formação política feminista foi uma tarefa realizada por mim e Mércia Alves, educadora do SOS Corpo, com quem compartilhei parte substantiva das elaborações aqui traduzidas.

Nosso tempo: o que nos (co)move

Naquele biênio, sentíamos o avanço do capital sobre nossos direitos, territórios, corpos e desejos. O universo dos povos do campo, floresta, águas e cidades padecia ante as hidroelétricas, estradas, copas, enfim, megaprojetos e/ou megaeventos de desenvolvimento que mais trouxeram devastação e expulsão que sustentabilidade. As metas do superávit primário sugavam as políticas sociais; a violência contra os jovens negros não diminuía, tampouco a violência contra nós mulheres; e uma grande perseguição se mantinha às iniciativas populares e ao ideário de democracia, travestidos de combate à corrupção, mas se revelando depois como impedimento à crítica e à participação social. Além disso, sentíamos o rescaldo da última eleição (2012) e já mergulhávamos noutra (2014), quando o conservadorismo elitista, racista e patriarcal se mostrou mais, bloqueando nossas agendas, desconstituindo nossos direitos e trazendo projetos de lei de redução da maioria penal, terceirização, estatuto do nascituro, Código

Florestal e reforma eleitoral. Tudo dizia que eram tempos de crises: econômica, política, ambiental, civilizacional, e até da própria esquerda.

Mas o Brasil foi tomado por ondas de manifestação por muitas necessidades e querências. Eram as manifestações de julho de 2013 que eclodiam por todo o país para além das expressões, reivindicações e até dos sujeitos “tradicionais”. Seria a “primavera” brasileira? Não sei ainda, mas novos rostos e jeitos de reivindicar se anunciavam, num tempo de criminalização da crítica e defesa de direitos, e ataque às forças sociais pelas mídias comerciais, fundamentalistas religiosos, empresas, enfim, setores refratários ao campo democrático, popular e de esquerda. Nessa efervescência, tensa e contraditória, o movimento de mulheres e feminista era cotidianamente questionado sobre sua razão de existir, além de atacado em suas reivindicações e modos de fazer. Já estava evidente que a conquista formal dos direitos era insuficiente para transformar as nossas condições de vida. Uma vida livre de violência, com autonomia e igualdade de condições só seria possível se, e quando, todas as mulheres fôssemos

livres, autônomas e iguais. Para nós que lutamos por democracia no mundo e nas nossas vidas, era fundamental um mundo livre do racismo, patriarcado e capitalismo. Por isso, não só era possível construir outro mundo, como era absolutamente necessário e urgente tecê-lo de forma coletiva, solidária e autônoma. E essa fórmula não seria outra senão o fortalecimento das lutas coletivas, entre elas o feminismo, como um movimento de transformação social.

Nesse sentido, a formação política feminista “Mulheres se organizando para (des)organizar” foi pensada pelo coletivo de educadoras do SOS Corpo como um instrumento de fortalecimento do movimento social de mulheres no estado. E, sendo um instituto de formação que integra também esse movimento, não tínhamos dúvida de que os processos educativos potencializariam a ação das mulheres, e que organizadas teríamos mais chances de enfrentar as desigualdades presentes nas estruturas e nas relações sociais que nos oprimiam, com muito mais chance de nos libertarmos juntas, transformando a nós mesmas e a este mundo num lugar possível para nós mulheres vivermos com “festa, trabalho e pão”.

As tessituras e os caminhos

Realizar processos educativos com mulheres, em especial com integrantes do movimento feminista, na perspectiva de sua autoconstituição como sujeito e força social, capaz de impulsionar rupturas, tem sido uma das práticas do SOS Corpo nos seus 35 anos. Este curso de formação política feminista se insere nessa estratégia e surgiu da visão compartilhada de que o movimento de mulheres na Região Metropolitana do Recife (RMR), constituído por vários grupos, de distintos formatos e sujeitos, tinha um grande potencial de incidência política, mas precisava ser fortalecido para ampliar sua intervenção diante dos desafios que a conjuntura apontava para nós mulheres.

A partir desse diagnóstico e intenções, o coletivo de educadoras do SOS Corpo foi aperfeiçoando sua proposta de fortalecimento dos grupos e movimentos de mulheres, articulando acompanhamento, apoio às ações de incidência e diálogo com a gestão pública, comunicação e formação, todas ancoradas numa forte dimensão educativa

e feminista. As ações de acompanhamento e formação se inspirariam nas reflexões feministas sobre os elementos do sistema, de dominação das mulheres: apropriação do corpo; violência sexista; interdição aos espaços de poder e divisão sexual do trabalho. Em todas incluindo o (auto) cuidado, dimensionando-as a partir das relações sociais de opressão, exploração e apropriação de gênero, raça e classe social, e resgatando a experiência dos grupos de reflexão e/ou autoconsciência. Para isso, meses antes da ação com os grupos, optamos por discutir periodicamente entre as educadoras a metodologia, referências bibliográficas, conteúdos e desafios do processo de acompanhamento e formação, além de nos decidir por vivenciar a experiência dos grupos de reflexão, na ideia de experimentarmos, nós mesmas, aquilo que iríamos propor às mulheres nos processos educativos. Posso afirmar que esta não foi uma experiência tranquila, mas de muito sentido para a constituição individual e a confirmação do pessoal como político.

Um último elemento foi a definição dos critérios de participação na formação. Eles foram estabelecidos pelos grupos nela envolvidos, durante o planejamento dos processos

de acompanhamento e educação, tomando como referência a realidade do movimento e o desejável para o seu fortalecimento. Estes grupos optaram pela diferença como o principal critério. Na prática, isso implicou a participação de três integrantes por grupo, garantia da diversidade do movimento (jovens e idosas; brancas e negras; quem está entrando no grupo e/ou movimento e quem está há muito tempo; quem está em coordenação e quem não...) e a presença do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE), para possibilitar a troca e seu fortalecimento a partir de seu núcleo metropolitano. Estavam construídas as bases de nossa formação; o mais seria do próprio processo, o “pensamento pensado” em diálogo e em tensão com o “pensamento pensante”.



O nosso jeito de fazer

O objetivo da formação foi “contribuir para o fortalecimento dos grupos de mulheres da RMR, potencializando suas lutas por direitos e a articulação com os movimentos sociais do campo democrático popular e de esquerda, a fim de consolidar espaços de resistência coletiva a partir do feminismo”. Ela se realizou em quatro módulos de três dias cada e teve três edições entre os anos de 2013 e 2016. Estas reflexões, no entanto, se referem às duas primeiras edições realizadas em 2013 e 2014, respectivamente. Cada módulo abordou uma das interdições à vida das mulheres e, em 2014, foram intercalados por momentos de aprofundamento sobre tema relevante para o grupo e a conjuntura, como o debate sobre aborto e violência contra as mulheres. Cada edição foi pensada para 30 educandas, todavia, os critérios e a procura ampliaram a participação, chegando a 42 inscritas em cada edição, de um total de 14 grupos de mulheres da RMR.

Como o próprio nome indica, tratava-se de uma formação de longo prazo, que forneces-

se subsídios às participantes para criar e/ou ampliar uma capacidade crítica de análise de si mesmas e da realidade, bem como de se apropriar de seus direitos e se organizar para reivindicá-los nos espaços institucionais de poder e da sociedade, propiciando, quiçá, novas rupturas. Era ainda uma formação para a pessoa, para a sua autoconstrução como sujeito autônomo, que se dá na relação com os indivíduos/as e nas lutas coletivas. Portanto, um espaço em que os aprendizados contribuam para a constituição da mulher como sujeito de sua própria vida, descartando qualquer intenção dela se constituir em mera “multiplicadora” desengajada de si e das lutas sociais, como tem sido a prática pedagógica de muitas “formações para a cidadania” de algumas organizações sociais, inclusive de nosso campo político, bem como de muitos governos, sob a justificativa de implementação do direito à participação.

Nesse sentido, opera confrontando saberes, subjetividades e práticas sociais a partir do engajamento em coletivos e, com base na autorreflexão, fortalece as mulheres como pessoa, protagonistas elas mesmas de seus grupos e história. Não por acaso nossa metodologia bebeu na educação popular freiriana, compreendida como processo individual de

transformação da pessoa em sujeito político crítico e propositivo, que se realiza somente em coletivos, e na educação realizada pelo feminismo, que atua para a consciência das desigualdades de gênero e, no nosso caso, de raça e classe social também, fornecendo insuamos para desencadear processos de libertação pessoal, articulados a ações coletivas de rupturas e emancipação.

Elemento central nesta formação foi o caráter feminista, uma formação que toma como referência metodológica os saberes, as vivências e as experiências dessas mulheres, partindo de seu cotidiano, num diálogo entre o que está sendo vivido na concretude de suas vidas de mulheres num contexto de capitalismo, patriarcado e racismo, com as explicações sobre os problemas vividos e as elaborações teóricas feministas em torno deles. Assim, como ponto de partida para o diálogo, elegemos como conteúdo os elementos que bloqueiam a vida de nós mulheres. Os temas identidade, corpo, sexualidade, reprodução, violência, trabalho e participação política foram abordados ao longo das duas edições do curso, para refletir sobre a dominação das mulheres a partir da articulação das relações sociais patriarcais, racistas e capitalistas ainda hoje.

Mas, como a construção das mulheres como sujeito político crítico e propositivo, para nós, só se realiza em grupo, enquanto sujeito coletivo, partimos da desigualdade entre homens e mulheres como elemento político-pedagógico da formação, porém considerando também a experiência da diferença e da desigualdade entre as próprias mulheres. Assim, um dos grandes desafios foi contribuir para a constituição e/ou fortalecimento de uma identidade comum das mulheres, no reconhecimento das singularidades, como parte de um movimento contra-hegemônico: o feminismo anticolonialista, antirracista e antipatriarcal, haja vista nosso desejo de contribuir para o engajamento das educandas nas lutas antissistêmicas a partir do feminismo da transformação.

As rodas de reflexão foram parte da metodologia para avançar na elaboração feminista a partir da vida das mulheres. E neste momento mesclaram-se a rodas de conversa com os aportes teóricos dialogados, outras linguagens e instrumentos (músicas, poemas, desenhos, filmes, programas de rádio, pinturas, colagens, modelagem etc.), escolha de momentos de leitura coletiva, discussão em grupo, exercícios corporais, e até a festa, por nós compreendida como um momen-

to político-cultural-educativo. As rodas de reflexão se constituíram em espaços onde as educandas, convidadas a revisar, refletir e compartilhar seus próprios sofrimentos e resistências, elaboraram conclusões coletivas sobre o vivido em torno da experiência comum e, também, da singular entre elas. As rodas de conversa, por sua vez, foram diálogos mais amplos entre todas, a partir de problematizações orientadas sobre o tema, a vivência e os aportes teóricos.

Além desses elementos, a definição do local, o modo como a formação se deu e o apoio às mães com crianças pequenas que não tinham acesso à creche ou outra estrutura de cuidado, foram elementos metodológicos que, combinados, propiciaram entre as educandas entrosamento, autoconhecimento corporal, ambiência de tranquilidade quanto às suas famílias, além de confiança e responsabilidade quanto às demais e ao processo; cuidado consigo e com as outras como parte do estar em grupo, e disposição à proposta formativa. Os exercícios corporais foram realizados para favorecer a conexão das educandas consigo mesmas, com seus corpos e com a realidade social, tentando vencer a dualidade e as separações entre corpo/mente, público/privado, pessoal/polí-

tico; enfrentar o desconhecimento sobre seu próprio corpo; perceber a capacidade dele gerar prazer e alívio; pensá-lo como expressão de uma ancestralidade, reconhecendo que nosso corpo somos nós mesmas.

Elemento fundamental nessa formação foi o cuidado. Ele se constituiu ao mesmo tempo num tema e numa dimensão e/ou princípio de convivência, uma espécie de ética para a vida, com potencial de ruir com situações de opressão e exploração, constituindo relações sociais novas, mais saudáveis, inclusivas e equitativas.

A diferença como ponto de ebulição

De forma ligeira, podemos arriscar que, se a experiência de ser mulher foi um ponto de partida estruturante na definição dos sujeitos desse processo educativo, a diferença na vivência dessa experiência, sem dúvida, pode ter sido o seu ponto de ebulição. A opção pela diferença como critério de participa-

ção na formação permitiu a coexistência de muitas subjetividades e, inevitavelmente, a constituição de diferentes tensões. Ali conviveram mulheres de escolaridades distintas (analfabetas, com pouca escolaridade, com nível superior); que “viviam” a sexualidade de jeitos vários (heterossexuais, lésbicas, bissexuais, que “optaram” pela castidade e que experimentavam o amor livre); mulheres pobres e de estratos médios, ainda que todas “da classe que vive do seu trabalho”, mesmo os questionados como trabalho, como as profissionais do sexo, que também estiveram no universo das educandas; mulheres cristãs (principalmente evangélicas), seguidoras de religiões de matriz africana e até que não professavam religião; mulheres que viviam com HIV/Aids e doenças crônicas (hipertensão, diabetes, problemas musculares e até sofrimento psíquico); gestoras de organizações da sociedade civil e mulheres que outrora foram “público” de seus projetos; mulheres de cultura política conservadora e mulheres flertando com o anarquismo, singularidades que constituíram um complexo caldo de cultura e tensões e exigiram um respirar fundo, uma metodologia que considerasse os processos de cada uma para os tempos do corpo e da alma: descanso, aliamento, afetos e cuidado, para se fazer com-

preender, se abrir, se ouvir, e coexistir sem abdicar da crítica, coexistir com alteridade, para não perder a outra e assumir-se como parte de um coletivo heterogêneo.

Ademais, a ausência de espaços de cuidado das crianças, que pudessem liberar o tempo das mulheres (muitas eram mães de crianças em idade de cuidado), a situação de trabalho delas (a maioria em condições precárias), a condição de pobreza e responsáveis sozinhas pela família (muitas eram famílias monoparentais) e o fato de serem referência também nos seus grupos (muitas eram lideranças comunitárias ou presidentas/coordenadoras), as impediam de ficar tanto tempo ausente, razão pela qual redefinimos a formação para garantir a participação. Nesse sentido, o caráter do processo (relação conscientização política x feminismo x fortalecimento do movimento social), a necessidade crescente de uma formação que se diferenciasse das propostas capacitantes que tomou conta do espectro das formações disponibilizadas às mulheres e o desejo de uma formação política feminista que fortalecesse a vida organizativa dos agrupamentos aumentaram o desejo de participação, o que nos levou a ampliar sua oferta (de 30 para mais de 40 vagas em cada edição).

Nesse mosaico, por vezes houve desconfortos relacionados às expectativas não satisfeitas das educandas, de que a proposta assumisse o jeito de uma educação formal, talvez até “bancária”, com apostilas, textos dirigidos etc., sendo um desafio para nós a diferença de escolaridade (havia mulheres que concluíram o 3º grau e não alfabetizadas) na relação com nossas próprias expectativas pedagógicas e a metodologia a ser utilizada. Outro foi a delicadeza no lidar das educandas com a diferença, como dividir apartamentos com mulheres que não se conheciam, não somente pela diferença de idades (havia jovens e idosas), mas pelas singularidades das experiências de sexualidade do padrão heteronormativo e até do modelo de corpo distante do que aprendemos como feminino.

Também surgiram tensões na relação indivíduo-coletivo de delicada mediação. Foi o caso de acordar o cuidado como ética da convivência e elemento pedagógico. Tendo sido construído como um atributo das mulheres, o cuidado como valor e prática num coletivo que não se conhecia foi, talvez, a maior demonstração de que as relações de cuidado não são nem da natureza, nem específicas das mulheres, mas práxis que se constrói em relação. Outra situação não poderia deixar

de ser a festa realizada em todos os módulos. Como espaço de socialização, constituiu para nós, também, um ambiente pedagógico. “Naturalmente”, esse é um momento de grande risco de se tornar maior que o necessário num processo coletivo, pela sua capacidade de mobilização, menos por preparar e curtir juntas, que foi nossa escolha, e mais pelos incômodos vividos nas relações interpessoais e intragrupos (sentimento de que uma festa sem a presença masculina não é boa; liberdade de dançar com homens numa festa feminista; situações de assédio entre educandas; saciar desejos individuais quando se está distante das amarras familiares etc.), diante do novo de se experimentar o gosto de viver um momento de liberdade, prazer e fruição só entre mulheres, com todas as dores e delícias de ter sido o que foi possível ser.

E por fim, conflitos advindos da cultura política discriminatória incrustada também em nós e na sociedade em geral. Testemunhamos isso na expressão de estranhamento e nas tentativas de “burla” diante de uma festa só de/para e com mulheres, num ambiente misto e organizado para o turismo, quer dizer, com uma cultura machista manifesta no modo colonizador como os homens tratam as mulheres num espaço de fruição em que

lhes é negado o ingresso e a atenção que as mulheres “naturalmente” lhes dispensam; no receio de mulheres vivendo com HIV/Aids dividir o mesmo ambiente com pessoas não soropositivas e virem a ser discriminadas; no “sutil” desconforto da presença de mulheres de classes populares e negras, em ambientes de presença branca e classe social mais provida, já que os locais do curso eram espaços de acesso a um público que podia pagar pelo seu lazer; e um certo mal-estar diante da possível desconfiança externa de que todas naquele curso feministas seriam lésbicas.

Esse caleidoscópio exigiu muita calma posicionada e maturidade de todas as envolvidas, educandas e educadoras. O grande aprendizado foi a disposição de enfrentá-los política, pedagógica e coletivamente, à medida que se apresentavam, reconhecendo-os não como incômodos individuais, mas como expressões de uma cultura discriminatória da qual nós mulheres temos sido alvos preferenciais, mas também constitutivas.

Os fios que brotam da terra molhada

Como não há processo educativo neutro, e este, em particular, era carregado de intencionalidades, o depois sempre fez parte de nossa curiosidade e desejo. Principalmente um depois que pudesse se fazer e fruir juntas, com sabedoria e vontade de transformação compartilhada.

Daí, se o sistema nos instigava a procurar os impactos, preferíamos espreitar a calmaria que sucede a tempestade e os fios que brotam da terra molhada. E um desses fios foi o despertar das educandas para a consciência sobre seus próprios corpos e sua condição de “gente”. Logo no início da formação, ficou bastante visível como muitas delas não se (re) conheciam, não tinham consciência de que eram corpos e que estes corpos eram de mulher, lugar carregado de mitos cuja intenção era o controle da sexualidade, do prazer, mas também da liberdade, de ocupar outros territórios, tomar novas formas e se relacionar com outros corpos, inclusive iguais a si, de outro jeito. Nesse sentido, a presença e o contato com a experiência concreta de

ser mulher lésbica, prostituta, vivendo com HIV/Aids, idosa, negra, jovem, que professa religião, de classe popular foi determinante na reformulação dos conceitos que perpassaram o grupo e no desejo de descolonizar não somente o poder, mas o saber, o modo de aprender e o nosso próprio ser.

Também repercutiu na confrontação da relação de cuidado dos outros x nenhum cuidado de si na experiência concreta das educandas, confirmando tal equação como uma experiência ainda comum entre as mulheres hoje. Para a grande maioria delas, o trabalho para sobreviver e o trabalho para cuidar da família tomavam todo o tempo de suas vidas, não sobrando quase tempo para si mesmas. Um dos exercícios bastante tocantes nesse sentido foi a partilha do que faziam num dia de semana e num dia de folga, que possibilitou a constatação da falta de tempo para si e de como trabalhavam e estavam exaustas o tempo todo. Evidentemente que a jornada da vida delas não mudou radicalmente em razão da formação, mas foi interessante elas se darem conta dessa realidade, assustarem-se com ela e com sua não consciência, e manifestarem o desejo de “sair desse automático”, dispondo-se a tensionar a família para o compartilhamento das tarefas



domésticas e cuidado das crianças, apontando uma tomada de consciência, ainda que isso não significasse automaticamente a radicalização da vida concreta.

Com os grupos e movimento também ficou visível uma mudança na participação das

que estiveram em formação, ocorrendo uma espécie de maior engajamento e adesão à proposta de vivência do coletivo. As trocas e aprendizados da formação auxiliaram no entrosamento entre eles a ponto de intercambiarem ações, incidindo juntos nas suas comunidades e nos seus próprios coletivos, trocando informações, saberes e atingindo outras mulheres. Isso se estendeu ao arco mais amplo do movimento feminista na cidade, particularmente ao FMPE, evidenciando como mais mulheres dos grupos se tornaram mais presentes nos encontros, ações de rua, intervenções públicas, e como passaram a protagonizar os processos deste fórum e de outras iniciativas de luta das mulheres na cidade. Todas as ações do acompanhamento, e não somente a formação, contribuíram para essa mudança no engajamento, mas as mulheres que viveram essa experiência educativa passaram a ter mais presença nos processos de seus próprios grupos, nas suas comunidades e/ou espaços de referência, fortalecendo a condição de sujeito político desses grupos no conjunto do movimento, e desses no “mundo”, oxalá anunciando que vive em nós e em cada uma o desejo de bem viver e a força geradora da possibilidade de outro mundo... Porque nós mulheres temos sede e não nascemos para a senzala.

Referências

CAMURÇA, S. Nós mulheres e nossa experiência comum. Caderno de Crítica Feminista, ano I, n. 0. Recife: SOS Corpo, dez. 2007.

COLLIN, F. Textualidade da Libertação, Liberdade do Texto. Estudos Feministas. Número especial, Rio de Janeiro. Outubro de 1994.

HOLLIDAY, O. J. Orientaciones teórico-prácticas para la sistematización de experiencias. Disponível em http://www.bibliotecavirtual.info/wp-content/uploads/2013/08/Orientaciones_teorico-practicas_para_sistematizar_experiencias.pdf Acesso: 16.2.2016.

PORTELA, A. P.; GOUVEIA, T. Ideias e Dinâmicas para trabalhar com Gênero. Recife: SOS Corpo, 1999.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso: 18.2.2016.

SARDENBERG, C. M. B. Considerações Introdutórias às Pedagogias Feministas. Disponível em: http://s3-eu-west-1.amazonaws.com/pathwaysofempowerment-org-staging/downloads/consideracoes_introdutorias_originalf9d6475f0950cf0bfe39b58c169a59b9.pdf Acesso: 18.2.2016.

SILVA, C. Os sentidos da ação educativa no feminismo. In: SILVA, C. Experiências em Pedagogias Feministas. Recife, SOS Corpo, 2010.



Uma experiência a ser contada

Beth Amorim

O desejo de compartilhar esta experiência bem-sucedida se dá a partir do reconhecimento da importância da parceria e articulação com os mais diversos movimentos de mulheres na realização de ações que visem ao fortalecimento e garantia dos direitos das mulheres, assim como ao diálogo com as gestões públicas.

Com o objetivo do fortalecimento das ações locais junto ao movimento de mulheres, o Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE) realizou Encontros de Mulheres de Bairros na Região Metropolitana do Recife, ações que aconteceram entre os meses de julho a setembro de 2008. Foi neste contexto que, no dia 18 de julho de 2008, o Fórum de Mulheres do Paulista realizou o Encontro “O Feminismo e a Vida das Mulheres”. Paulista é um município localizado na região metropolitana norte do Recife.

Um breve passeio ao passado

O Fórum de Mulheres do Paulista é uma articulação de mulheres feministas que tem suas ações políticas a partir dos princípios e bandeiras de luta do feminismo da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), com o objetivo de promover a garantia dos direitos das mulheres. Foi criado em 3 de novembro de 1997, pela iniciativa de várias mulheres do município, contrapondo-se à iniciativa da esposa do prefeito do Paulista, que tinha como objetivo a fundação do Fórum de Mulheres para Apoio à Secretaria de Ação Social. Naquela época, era hábito dos gestores a criação de espaços assistencialistas chamados principalmente de Secretaria de Ação Social e que habitualmente eram coordenados pelas esposas dos gestores, que se intitulavam de “primeira-dama”. O encontro foi pensado por um grupo de mulheres integrantes do Fórum de Mulheres do Paulista e construído em parceria com as organizações feministas do FMPE.

Para esta ação, foram realizadas reuniões preparatórias com a equipe de educadoras

do SOS Corpo e a coordenação do Fórum de Mulheres do Paulista. Foi definido o título de Encontro Metropolitano Norte, visando a um intercâmbio com mulheres de outros municípios que não tinham um movimento de mulheres organizado. O subtítulo “O Feminismo e a Vida das Mulheres” se deu a partir do entendimento de que este tema era um assunto distante da vida das mulheres e se fazia necessário aprofundar essa discussão política com as integrantes do Fórum, outras mulheres e grupos parceiros.

É importante destacar que, em 2007, durante a realização do Encontro de Avaliação e Planejamento, foi redigida uma carta de princípios e tirado como encaminhamento que, a partir daquela data, o Fórum de Mulheres do Paulista seria uma articulação política feminista, antipatriarcal, antirracista, anticapitalista e anti-homofóbica, seguindo os princípios das bandeiras de luta do feminismo da Articulação de Mulheres Brasileiras.

Os temas gerais escolhidos pela organização do encontro foram: saúde da mulher; trabalho; participação política das mulheres; participação e fortalecimento do movimento de mulheres; feminismo e situação de vida das

mulheres; vida, organização das mulheres e movimento de mulheres; feminismo e diálogo entre movimento de mulheres e governo sobre direitos das mulheres.

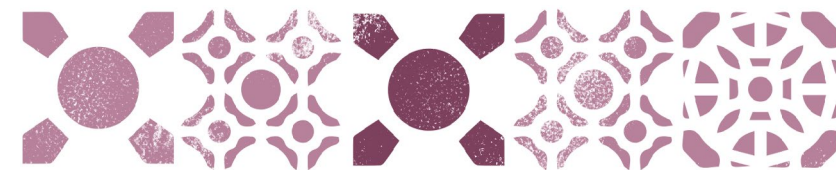
Para possibilitar um maior aprofundamento dos temas gerais e respeitando a conjuntura e as especificidades de cada grupo e mulher, os temas gerais foram desdobrados em oficinas, que contaram com a facilitação das ativistas do Fórum de Mulheres, sobre: saúde, direitos sexuais e direitos reprodutivos; controle social na saúde; trabalho produtivo e reprodutivo; participação política das mulheres; e organização das mulheres e políticas públicas; autoestima/valorização da mulher; violência contra as mulheres; reforma urbana: saneamento, habitação e transporte público; política de saúde e saúde da mulher; história do movimento de mulheres e do feminismo; pobreza das mulheres e mundo do trabalho; trabalho e renda para as mulheres; racismo e mulheres negras.

Além das discussões e reflexões, também foram bastante importantes as apresentações culturais e de rua, que contaram com a presença das jovens do Grupo Curumim e do Grupo de Teatro Loucas de Pedra Lilás, dando um toque de irreverência e bom humor à

mobilização organizada. A criatividade das mulheres foi muito marcante no encontro, a exemplo das bandeiras do movimento, a decoração dos locais dos encontros por meio dos panos de chitas e de peças de trabalho feitas pelas mulheres, como bolsas, echarpes e artesanatos. A animação coletiva se fez presente no encontro e reencontro das pessoas, no intercâmbio das experiências, na ousadia e irreverência que tomaram as ruas do Paulista, quando saímos em caminhada com cerca de 120 mulheres do Sindicato dos Tecelões até a frente do prédio da prefeitura. Com frases e palavras de desordem. Ficamos por cerca de uma hora, e em seguida retornamos ao sindicato para continuar as atividades na parte da tarde.

Avaliar é Preciso

Para o Fórum de Mulheres do Paulista, foi importante a realização deste encontro, que teve como objetivos: a realização de uma ação em parceria com a participação das organizações e mulheres que compõem o Fórum, com o objetivo do seu fortalecimento enquanto sujeitos políticos; o envolvimento



de mulheres que estão em grupos e organizações nos bairros ou comunidades, criando e ampliando espaços de reflexão e de mobilização de rua para o fortalecimento do movimento de mulheres e de suas organizações locais; a criação de um espaço próprio para que grupos e organizações locais de mulheres conhecessem melhor, e de forma aprofundada, a partir da troca de experiências entre as diversas localidades, o sentido de pertencimento político ao FMPE; o aprofundamento das ações do movimento de mulheres e do feminismo presentes na ação cotidiana e de luta das mulheres; e construir uma estratégia feminista para o diálogo com a gestão.

Além das organizações e mulheres do Fórum, o encontro contou com a parceria e o apoio da Articulação de Mulheres Brasileiras, do Sindicato dos Tecelões do Paulista, do Colégio Firmino da Veiga e da Diretoria da Mulher de Paulista.

Aconteceu, virou manchete

Com a participação de cerca de 120 mulheres dos municípios de Paulista, Olinda, Abreu e Lima, Igarassu e Itamaracá, o encontro teve como objetivo a troca de experiências das mulheres sobre suas condições de vida, a partir da ausência de políticas públi-

cas para geração de renda, moradia, saúde e violência. A força das mulheres na rua ficou refletida quando, na ocasião da nossa ação política em frente à prefeitura do Paulista, o secretário de governo solicitou que formássemos uma comissão para ser recebida pelo prefeito, diálogo este que o fórum já vinha requerendo há quase quatro anos e não recebia resposta. Como estava em véspera de eleições municipais, o convite para sermos recebidas pelo prefeito teve um quê de oportunismo, e por este motivo o recusamos. A partir das propostas dos grupos de trabalho, foi construída uma carta política para ser entregue ao prefeito do Paulista, com exigência de resposta. Mesmo sem ter tido resposta a esta carta, até o momento ela serve de norte para nossas ações políticas, o que nos leva a concluir mais uma vez sobre a importância de estarmos articuladas com outros sujeitos políticos. O sentimento de pertencimento por parte de qualquer articulação política é fundamental para o alcance de resultados positivos.

Dedico este relato a todas que construíram este momento muito caro para as mulheres, e em especial, à nossa querida Francisca (*in memoriam*), uma das fundadoras do Fórum de Mulheres do Paulista.

*Casa Lilás,
Mulheres
guerreiras*

Irani Brito, Pergentina Vilarim,
Cirene Mota e Adriana Moreira

Por uma política
pública que
garanta os
direitos das
mulheres do
Paulista

Lagoa Encantada, nome lindo para uma comunidade situada no bairro do Ibura, zona sul do município do Recife. Contrastando com o nome, a localidade é estigmatizada pela mídia local por diversos noticiários sobre violência urbana. Assim como em tantos outros lugares, as mulheres são vítimas do machismo e do patriarcado que sem dó as escravizam, exploram e humilham.

Diante dessa situação, com o sentimento de libertação desse círculo e com o desejo de lutar por direitos urbanos, reuniram-se seis mulheres, das quais achamos importante citar os nomes pela semente de luta que elas plantaram em nós: Irani Brito, Ladjane Diniz, Severina Espírito Santo, Edilene, Marinalva Barbosa e Luiza, impulsionando o nascimento da Associação de Mulheres de Lagoa Encantada e Adjacências (AMLEA), em janeiro de 2004, com a missão de trabalhar as questões de gênero e políticas públicas para as mulheres.

AAMLEA conseguiu agregar mulheres a partir das realizações de reuniões semanais e ações, entre elas: café da manhã em praças com falas públicas sobre machismo; violência contra a mulher e direitos; caminhadas para divulgação das ações da organização e da luta das mulheres na comunidade; cursos de arte-

sanato com o objetivo de atrair mais mulheres para a organização, estimulando sua participação na nossa luta e ainda gerar renda para tais lutas; cursos de inglês e espanhol; curso de Promotora Legal Popular (PLP). Esse foi um curso promovido pela Federação Pernambucana de Escolas Alternativas (FEPEAL), que levou a organização a articular muitas mulheres de vários bairros do Recife e municípios da Região Metropolitana. Também achamos importante citar o *I Encontro de Mulheres de Lagoa Encantada e Adjacências*, em que foi discutida a violência doméstica na vida das mulheres, com a participação de 87 mulheres residentes em Lagoa Encantada e em outros bairros no entorno da comunidade.

Nossa missão na comunidade de início era lutar por direito às políticas públicas como um todo, dada a situação do acesso à água que nunca chegava às torneiras, as barreiras com riscos de desabamentos, a falta de transportes coletivos, posto de saúde com mau atendimento etc. Como éramos todas mulheres, logo ficou evidente a violência que sofriamos. Então percebemos a necessidade de mudar a visão e a missão da organização, que passou também a acolher mulheres vítimas de violência doméstica e de todos os tipos. Com o apoio de outras organizações como SOS Corpo, Fórum

de Mulheres de Pernambuco (FMPE), FEPEAL, Fórum Estadual de Reforma Urbana (FERU), Federação Ibura Jordão (FIJ) e Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE), fomos nos capacitando, qualificando e crescendo enquanto movimento feminista na comunidade, acolhendo, orientando e até acompanhando mulheres em situação de violência aos serviços de referência do município.

Ao participar do curso de Promotoras Legais Populares, sentimos que precisávamos levar nosso acolhimento e conhecimento a um número maior de companheiras. Então com a companheira Margarida Jerônimo, que é promotora legal popular e participa do Grupo Mulher Maravilha, Irani Brito, Cirene Ferreira e Adriana Moreira (todas três, da Associação de Mulheres de Lagoa Encantada e Adjacências), procuramos a Secretaria da Mulher do Estado para dialogar sobre o fortalecimento das mulheres que participaram do curso e a necessidade de que ele fosse expandido para mais mulheres. Tivemos um certo acolhimento e orientações por parte da Secretária Executiva, naquele período, Lucidalva Nascimento. A partir daí foi criada a REDE DE PROMOTORAS LEGAIS POPULARES. Contudo, com o passar do tempo, logo per-

cebemos que precisávamos acolher, formar e articular outras mulheres que não eram PLPS, ou seja, que não tinham feito o curso, mas vinham de comunidades e queriam participar da luta por direitos.

Com o curso de Promotoras Legais Populares, as mulheres que estavam organizadas na AMLEA foram qualificadas e sentiram-se empoderadas, mas também indignadas quanto à discriminação, violência e desigualdade de gênero que ocorre em nosso estado. Então, organizaram-se coletivamente e ampliaram o trabalho de atendimento, que consistia em acolher, orientar e acompanhar as mulheres vítimas de violência doméstica, e passaram a agregar mulheres que não tinham passado pela formação de PLP, mas que vinham de outras experiências de lutas. Com isso outra composição foi surgindo: o Coletivo de Mulheres Casa Lilás.

O Coletivo de Mulheres Casa Lilás busca organizar, qualificar e empoderar outras mulheres, lideranças ou não, para serem multiplicadoras dos saberes e boas práticas, bem como para orientar mulheres vítimas de violência doméstica e familiar, e ainda no tocante à luta pelos direitos humanos,

nas questões de raça/etnia, direito à saúde, educação, moradia digna, meio ambiente, direitos sexuais, reprodutivos e culturais, entre outros. Porém nossa missão é prioritariamente erradicar da nossa sociedade a desigualdade de gênero, como também todo e qualquer tipo de violência contra as mulheres, transformando-as em sujeito político da sua história. Salientamos que até o ano 2015 o Coletivo de Mulheres – Casa Lilás tem atuação nos seguintes municípios: Recife, Olinda, Camaragibe, São Lourenço, Igarassu, Itapissuma, Itamaracá, Abreu e Lima, Paulista, Jaboatão, Palmeirina e Cabo de Santo Agostinho.

Nossas integrantes residem nesses diversos municípios citados e também atuam em outras organizações sociais. Essa realidade traz uma riqueza de informações sobre a vida das mulheres e nos faz manter contato com diversos problemas que estão em nossas vidas. Realizamos ações como pesquisas de mobilidade nos terminais integrados de passageiros da região metropolitana, na intenção de mostrar ao governo como anda a vida das mulheres nos transportes públicos. Com essa ação colhemos que as principais problemáticas são: transportes coletivos sempre lotados, colocando em risco a vida das mulheres e expondo-as ao

assédio sexual; falta de coletivos de acordo com a demanda da população, deixando-as na espera por até 1 hora e 20 minutos nas paradas e nos terminais integrados (que chamamos de “currais do povo”). Foi ainda constatado em nossa pesquisa que a instalação dos terminais integrados em nosso caso, região do Ibura, trouxe um percurso mais longo, aumentando o tempo de viagem em alguns horários de pico em 1 hora ou mais. Tal situação evidenciou que esta política pública precisa melhorar, pois somos nós, mulheres, as maiores vítimas desse sistema de transporte público.

O SOS Corpo, e a orientação da nossa facilitadora Simone Ferreira, nos fortaleceu e estimulou a continuar a nossa luta, realizando rodas de diálogos com várias lideranças de outras organizações e mulheres independentes, que não são atreladas a organizações. Acolhemos, ajudamos e acompanhamos aos serviços de referência e delegacias companheiras que nos procuram vítimas de violência. Estamos agora empenhadas em realizar uma pesquisa sobre a situação das mulheres nos serviços de saúde. Também daremos continuidade às ações envolvendo as questões de transporte público, a que chamamos de APIBUS (apitação nos ônibus),

que é um projeto nos terminais integrados e estações do metrô, que visa levar às mulheres usuárias desses transportes uma maneira de perceber e de se defender do assédio sexual, de que são vítimas todos os dias, levando inclusive um apito para chamar a atenção de todos.

Seguimos no Coletivo de Mulheres Casa Lilás com algumas dificuldades, mas podemos dizer que este Coletivo tem empoderado e transformado as nossas vidas e a de muitas mulheres, tanto nas comunidades do Recife como na região Metropolitana. Destacamos ainda que o Coletivo de Mulheres Casa Lilás tem atuação permanente no Fórum de Mulheres de Pernambuco, espaço de fortalecimento político, através de formação, ações afirmativas e luta, entre elas: a não criminalização das mulheres por terem abortado e a defesa pela legalização do aborto, para que tenham o atendimento garantido no serviço público, não sofram com palavras agressivas e outros maus-tratos, nem sejam agredidas por profissionais de saúde ou por qualquer outra pessoa. E ainda promovemos a luta de combate ao racismo.

Esse é nosso objetivo: levar a cada canto da região metropolitana as estratégias para che-



gar noutras regiões do Estado, a história de luta e trabalho das mulheres que compõem o Coletivo, para que sirva de exemplo a outras que estejam sofrendo violência e percebam que a liberdade só depende de nós mesmas. É só querermos, e, se quisermos, estaremos prontas para, juntas, alcançar a liberdade tão desejada, longe do machismo, do patriarcado, do preconceito racial, do consumismo e do capitalismo que nos afligem e dominam há milhares de anos.

Finalizamos afirmando que foi com grande alegria que aceitamos o convite do SOS Corpo para a participação neste livro e agradecemos a grande oportunidade de apresentar nossa história. Aproveitamos ainda para agradecer de forma especial à companheira Simone Ferreira, que ao longo desses três anos nos tem acompanhado, sempre contribuindo para o crescimento da nossa Organização, bem como queremos também agradecer à Carmem Silva pela paciência, coragem e orientação para a realização destes escritos.

A seguir, a história de vida das quatro mulheres que levam em frente, junto com outras guerreiras, o Coletivo de Mulheres – Casa Lilás.



Continuar na luta

Cirene Mota

Falando um pouco de mim: Meu nome é Cirene, Safira para algumas. Cheguei aos 59 anos no último dia 14 de janeiro de 2016. Tenho três filhas: Poly, com 31 anos, Raissa e Roxane com 24, gêmeas, e agora, para abrilhantar a família e a casa, chegou Luíza, minha neta, com três meses. Sou separada, então sou pai e mãe das minhas filhas. Como é ter responsabilidades de mãe e pai? Para mim, ter essas duas responsabilidades é... Sou uma mulher de luta; mesmo nas dificuldades consigo me reerguer, levantar a cabeça e seguir em frente.

Desde 2007 que comecei a luta na Associação de Mulheres de Lagoa Encantada e Adjacências (AMLEA). Fui levada por uma vizinha, Simone Magalhães, para as reuniões. Acho importante continuar na luta. Foi aí que conheci Irani Brito, uma mulher lutadora, batalhadora e firme no propósito de defender as mulheres da comunidade. Pronto! Foi amor à primeira vista. Desde então luto junto com ela para melhorar a vida das mulheres, com diz ela. Hoje estamos juntas no Coletivo de Mulheres Casa Lilás. Também atuo no Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE).

Sou mulher guerreira, feminista e negra. Esta sou eu. Preciso dizer mais alguma coisa?

Uma história de luta e resistência

Irani Brito

Nasceu em 6 de outubro de 1950, filha adotiva de um bom homem que sempre defendeu a esquerda do país, Cícero Thomaz de Brito, e de Enaura de Almeida Brito.

Casou-se aos 17 anos para fugir da repressão da mãe, com um homem Cláudio Ribeiro de Souza Leão, filho de senhor de engenho, de família tradicional, da zona da Mata Sul, mas complexa e desestruturada, pois o patriarca tinha três mulheres, com as quais tinha 14 filhos.

Com este homem sofreu vários tipos de violências, embora pelo grande amor que sentia por ele teve seus momentos de felicidades. Coisa de amor romântico... Mesmo com tanto sofrimento, permaneceu casada por 26 anos, e desse casamento vieram quatro filhos biológicos e uma filha do coração, promessa feita logo após passar por um aborto no qual quase morreu, realizado por pressão de sua mãe e de seu marido, devido à situação financeira precária em que vivia. Ao sair da maternidade, disse para si mesma que iria engravidar e teria o seu bebê. Daí nasceu sua quarta filha, Ana Cláudia. Anos após, lembrando ainda do aborto, resolveu adotar uma menina que hoje é um dos seus grandes amores, Tatiane.

Passando sempre por muitas dificuldades e vida precária, foi protegida por seus pais, que por muito tempo a sustentaram

com seus filhos. Com a ajuda dos pais comprou um repasse de parcela da reforma agrária na Agrovila Liberal no município de Água Preta. A vida nessa comunidade de trabalhadores rurais mostrou-lhe um mundo que ela não conhecia: de exploração do trabalho braçal dos homens, mas principalmente das mulheres, que, além do trabalho no campo, ainda tinham a dupla jornada de trabalho.

Como tinha mais formação educacional, passou a ser responsável pela única escola da comunidade e a ensinar em algumas séries. Começou junto com o seu companheiro a organizar os parceiros, que, apesar de serem donos de suas terras, ainda eram escravos dos senhores de engenhos das terras vizinhas. A partir daí foi criada a Associação de Pequenos Produtores da Agrovila Liberal. O presidente era o seu companheiro, mas as ideias eram todas dela.

Despertou para o movimento feminista quando a técnica da Emater Maria Vivência Tenório, que dava assistência aos parceiros, convidou-a para um encontro com mulheres de todo o estado no município de Carpina, o *I Encontro de Mulheres*

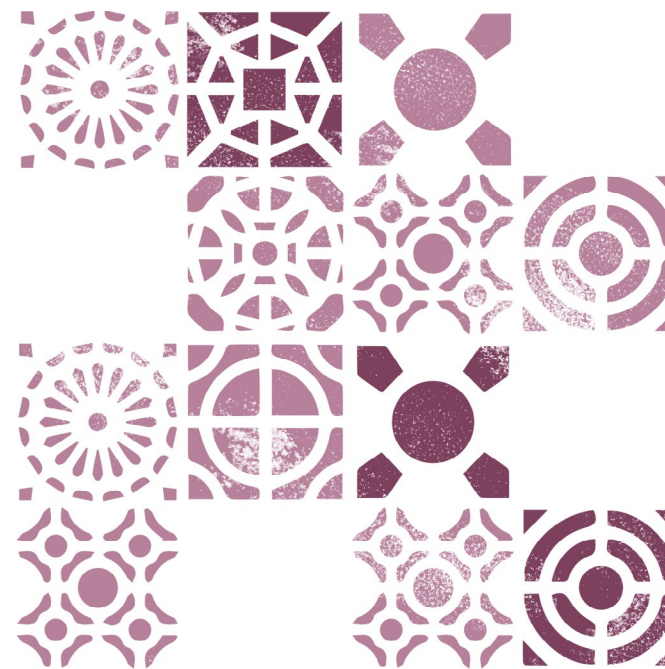
Rurais de Pernambuco. Nesse encontro foi discutida a vida das mulheres em suas regiões, o que a deixou – pois sempre viveu na cidade grande – perplexa por saber daquelas situações de violência, escravidão e falta de políticas públicas. Viu-se diante de mulheres guerreiras que viviam e sobreviviam no limite... Percebeu então que sua própria vida não era diferente. A dor foi profunda, mas o resultado levou-a à luta da defesa por direitos das mulheres, onde permanece até hoje. Nesse cenário, foi relatora do encontro e contribuiu com propostas para a Constituição de 1988, no *I Encontro de Mulheres Rurais do Brasil, em Brasília*.

Durante três anos viveu nessa parcela no enfrentamento ao machismo dos homens da comunidade e ao poder econômico dos senhores de engenhos, que predominava na Mata Sul, até que, ameaçada de morte por um político poderoso, seu companheiro teve de tirá-la da região no final do ano de 1989.

Em 2003, na volta ao Recife, retornou à comunidade da Lagoa Encantada. Percebeu então que seria necessário organizar a população para lutar por melhorias na in-

fraestrutura e por políticas públicas para a localidade. Foi quando, junto com outras mulheres, fundou a Associação de Mulheres de Lagoa Encantada e Adjacências (AMLEA) em janeiro de 2004, assumindo de vez a militância feminista.

Hoje é coordenadora do Coletivo de Mulheres Casa Lilás, ativista do Fórum de Mulheres de Pernambuco e do Fórum de Reforma Urbana, e conselheira no segundo mandato do Conselho da Mulher do Recife. Vive para lutar na defesa dos direitos das mulheres e tem o sonho de construir a Casa Lilás, que seria uma casa de passagem para mulheres vítimas de violência.



Todas são vítimas do sistema

Adriana Moreira

Adriana Moreira, esse é o meu nome; sou casada e trabalhadora. Faço a luta pelo feminismo, que defende toda e qualquer mulher, pois para mim todas são vítimas do sistema machista e patriarcal.

Em 2008, fiz o Curso de Promotora Legal Popular (PLP) no município de Igarassu, na Casa Espírita Santa Bárbara, que é dirigida por outra PLP, Mãe Nazaré. Depois de um ano, conheci Irani Brito, nossa grande líder, e junto com ela fundamos a Rede de PLPS de Pernambuco. Lutamos muito na organização e pela sua manutenção, a fim de dar oportunidade a outras mulheres. Com o apoio de outras participantes, nos transformamos em um coletivo, onde formamos e ajudamos muitas mulheres que são vítimas de violência.

O Coletivo de Mulheres Casa Lilás é a nossa vida. Nossas militantes cumprem nossa missão e fazem o impossível para cuidar

das mulheres que nos procuram e, em grande número, vivem para fazer a luta da nossa organização. Eu me sinto realizada por participar desse grupo e me identifico com a visão do nosso coletivo.

O medo não nos faz covardes

Pergentina Vilarim

Ao nascer mulher, me tornei vítima do machismo, patriarcado e do sistema capitalista, sou a filha primogênita de nove irmãos, cinco mulheres e quatro homens. Minha mãe uma mulher avançada para seu tempo, nos criou com coragem, nos orientando para a vida.

A ditadura militar e civil de 1964 no Brasil nos marcou profundamente, porque meu pai, sindicalista, resistiu às atrocidades e retirada de direitos dos trabalhadores e se tornou um dos milhares de perseguidos políticos. Nossa vida não foi fácil, porém o medo não nos fez covardes e nos tornamos homens e mulheres fortes e felizes. A felicidade marca minha existência desde a infância e uma esperança em um mundo melhor, que vem se transformando em luta diária, por mais justiça social.

Recentemente o feminismo me encontrou e vem mudando minha vida pessoal e política, um feminismo popular que é construído com e para as mulheres, por isso foi com responsabilidade e muito encantamento que aceitei o convite para participar do processo de contar as histórias dos grupos de mulheres que militam no Fórum de Mulheres de Pernambuco. Compreendo que ao falar sobre o Coletivo de Mulheres Casa Lilás, do qual faço parte, estou falando principalmente da luta das mulheres da classe popular, moradoras da periferia que lutam por acesso às políticas, como saúde, educação, saneamento, mobilidade e etc., que trabalham muito, ganham pouco e criam seus filhos sozinhas.

Fazer parte do FMPE, que é um espaço que articula mulheres de diferentes ideologias, linhas de pensamento, raça e classe social, tem sido um aprendizado constante e tem renovado meu compromisso com a luta do povo, me sinto mais empoderada, o que tem facilitado a minha luta contra o machismo nos outros espaços, onde atuo.

O primeiro coletivo do qual fiz parte ainda na adolescência, foi o Grupo Encontro com o Futuro (GEF), que reunia jovens para discutir questões da juventude, que realizavam festas, bingos e outras atividades culturais para arrecadar recursos para realizar atividade de inclusão nos loteamentos mais pobres de Igarassu. Depois não parei mais,

movimento estudantil e de juventude, associações de moradores, conselhos, fóruns, sempre lutando por direitos, igualdade e contra o sistema capitalista que explora de forma cruel nós mulheres.

Me chamo Pergentina de Alcântara Vilarim, negra, mãe, avó, comunista, educadora social, feminista, moradora da região metropolitana do Recife, da cidade de Igarassu, nome que em tupi significa *canoa grande* e que foi o primeiro núcleo de povoamento de Pernambuco. Sou ativista dos movimentos urbanos no Brasil, estou na executiva da Confederação Nacional de Associação de Moradores (CONAM) e no Conselho Nacional das Cidades (CONCIDADES).

Viver na Vila

Lurdes Feliciano e Áurea Araújo

Vila 27 de Abril, nome dado a uma vila no bairro do Ibura, em Recife, Pernambuco, conhecida também por Vila Betel. Essa vila foi inaugurada pelo governador Miguel Arraes, mas foi uma conquista da luta das empregadas domésticas por direito à moradia. Escrevemos aqui as nossas histórias, as quais se entrelaçam com a história da Vila.

Viver na Vila I

Lurdes Feliciano

Meu nome é Maria de Lurdes Feliciano. Quando vim para o Recife eu tinha 20 anos de idade, em 1979, depois de sofrer uma grande violência cometida pelo meu próprio pai. Fui trabalhar como empregada doméstica. O meu sofrimento foi grande, e pensei que um dia eu ia me libertar. Isso aconteceu e foi através de uma colega que deu o telefone da associação das empregadas domésticas do Recife em 1985, mas só fui mesmo procurá-la em junho de 1986. Essa minha colega já estava na luta pela moradia, e eu me sentia muito ansiosa para sair da es-

cravidão. Para mim, tudo que eu precisava para isso se realizar era da casa própria, justamente eu que estava com sede e fome de justiça social, a moradia era um pulo para a liberdade, porque eu tinha sofrido a triste violência de ficar presa no quintal da patroa. Foi então que comecei na luta com muitas domésticas, e até hoje sou do Sindicato das Domésticas.

No governo de Miguel Arraes, no ano de 1989, precisamente no dia 27 de abril, a vila foi entregue, com 25 casas. Não tinha água nem luz e as casas não tinham janelas nem portas. As dificuldades eram muitas, mas a vontade de ter uma casa compensava tudo por que estávamos passando. Desde o dia em que o contrato foi assinado na sede do Sindicato das Empregadas Domésticas, uma grande alegria tomava conta de mim e das outras companheiras. Vimos ali a materialização de um sonho se realizar. Para nós, ter um lugar para morar foi o resultado de muitas lutas.

Tive também a oportunidade de trabalhar junto à Nicinha no Conselho dos Moradores do bairro, mas infelizmente não deu para lutar com muita garra, pois para a comunidade chegar a adquirir benefícios é preciso que todos andem juntos, moradores e conselho, e isso

não acontece em nossa comunidade. Para nós, ter tido um lugar para morar foi muito importante, pois com isso conseguimos dignidade e independência ao sair das residências dos patrões e ter um lugar para ficar nos dias de nossas folgas. Teria sido muito gratificante também se tivéssemos conquistado melhorias para a comunidade.

Viver na Vila II

Áurea Araújo de Arruda

Meu nome é Áurea Araújo de Arruda, nascida em Recife no bairro de Nova Descoberta. Estudei até 8ª série. Aos 16 anos, conheci um caminhoneiro e com ele tive três filhos. Passei a ser dona de casa, morei em vários lugares aqui em Recife, sempre de aluguel. Tinha muita vontade de ter uma casa, já estava cansada de tantas mudanças, sempre carregando cinco filhos; os dois outros eram do marido, do seu primeiro casamento. Passei então a querer um teto para sossegar, e até porque eu sofria muito quando ele ficava sem emprego e eu precisava ir morar com meus pais. Meu sonho era pos-

suir uma casa, mas achava isso impossível porque eu dependia de tudo do pai dos meus filhos, e ele sempre dizia que nunca daria uma casa a mulher nenhuma.

Quando fui morar nesta casa que é minha hoje, na Vila 27 de abril, achei o lugar feio, muitas barreiras altas... Mas, ao mesmo tempo, eu dizia para mim mesma: ele é o mais lindo, pois neste lugar eu consegui realizar o sonho da casa própria. Mesmo sabendo que o lugar não tinha saneamento, não era calçado e que a água passava mais de 15 dias sem cair um pinga nas torneiras. Logo no começo, eu não tinha reservatório; quando a água chegava, era de madrugada, e nem sempre eu estava acordada para fazer os serviços domésticos. Quando amanhecia o dia, lá estava eu a pedir água para os vizinhos ou tinha de ir buscar no posto do outro lado da BR 101, arriscando a vida. Vinte anos se passaram e os problemas ainda existem; para alguns, um pouco menos e, para outros, do mesmo jeito. Para mim ainda enfrento os mesmos problemas, pois o reservatório que fiz não é grande para suprir vinte ou mais dias sem água.

Quanto ao saneamento, nem tenho esperança, já que consta na prefeitura que a

vila é saneada e calçada. Assim que cheguei, os moradores falavam que estava próximo de a prefeitura resolver os problemas do lugar. As esperanças de todos renasciam novamente quando apareciam alguns desses tantos políticos prometendo fazer o que na verdade já deveria ter sido feito, mas era tão só para conquistar a confiança dos que votariam neles, e eles, no amanhã, nem sequer lembrarem aqueles que deram seus votos. Quando penso que até campanha fiz muitas vezes... Pensava nas palavras lindas quando diziam que iam fazer isso ou aquilo; pensava que eram políticos sérios. Eles conseguiam fazer uma lavagem cerebral em cada um daqueles moradores, que não tinham em que se agarrar e acreditavam em qualquer um que chegava. Bastava vir com a distribuição de peixes para nós acreditarmos que aquele era o candidato certo. Quando relato que não tenho esperança é porque já se passaram 23 anos, moro na mesma casa, e até hoje não mudou nada, a não ser a casa reformada por mim. Mas saneamento e serviço de esgoto são só para quem pode mais; os que têm condições já fizeram seus próprios esgotos, utilizando um cano que leva toda a água de lavar pratos, roupas, pia e até a própria água das fossas pra canaleta.

Por causa disso, existem alguns atritos entre moradores que moram próximo à canaleta. Acho que eles têm razão, mas os outros moradores que moram distante da canaleta também não vão ficar sem ter condições de usar os seus banheiros. Existem duas fossas, uma despeja só a água e na outra fica o grosso. É justamente da que fica com água que, de seis em seis meses, temos de retirar toda água dela para não esborrar de privada para fora, como já aconteceu na minha casa.

Eu mesma tenho uma bomba que comprei só pra ser usada de seis em seis meses. Pra ser usada, é preciso que eu e meu companheiro fiquemos acordados até mais de meia-noite para realizar um serviço sujo, enfrentando um mau cheiro do líquido que tem dentro da fossa. Temos de usar produtos fortes para amenizar o mau cheiro, tanto para quem está executando o serviço como para quem, por um acaso, esteja ainda acordado. Esvaziá-la de seis em seis meses se faz necessário; gostaria muito de não ter que fazer um serviço imundo desses. Quando termino já estou com muita dor de cabeça devido ao produto forte que usei.

A vida para mim sempre foi de muitas lutas, a começar pela luta para ter uma casa. De-

pois de consegui-la, vem a luta pela sobrevivência. Teve um tempo que tive de correr muito em busca de alimentos, com a ajuda dos dois filhos maiores, um deles tinha 16 anos, e a moça com 17. Quando um deles saía para fazer qualquer bico, o outro tinha de ficar com o mais novo. Foram muitas lutas; eu fazia unhas, também saía para fazer faxina, vender bolos, enfim, o que aparecia, se fosse serviço honesto, eu estava ali para fazer. Essa luta se deu porque meu marido morreu. Quando isso aconteceu, eu pensei: “como vai ser agora?”, pois antes nunca me preocupava com comida porque tinha um marido que não deixava faltar nada para os filhos, nem para mim. Ele era o responsável por pagar tudo; eu só tinha a função de ser mãe e mulher. Com sua falta eu passei a exercer todas as responsabilidades.

Segui a vida com muita fé. Um dia encontrei uma pessoa que muitas vezes me dava conselhos; essa pessoa fazia as unhas comigo. Certo dia lá em sua casa ela me chamou para eu vir tirar as suas férias no trabalho; foi aí que comecei a trabalhar tirando as férias dela. Fiquei tão contente, mesmo sabendo que eram só as férias, mas pelos menos seria um dinheiro certo. Um total de dinheiro que eu iria pegar de uma só vez. Aproxima-

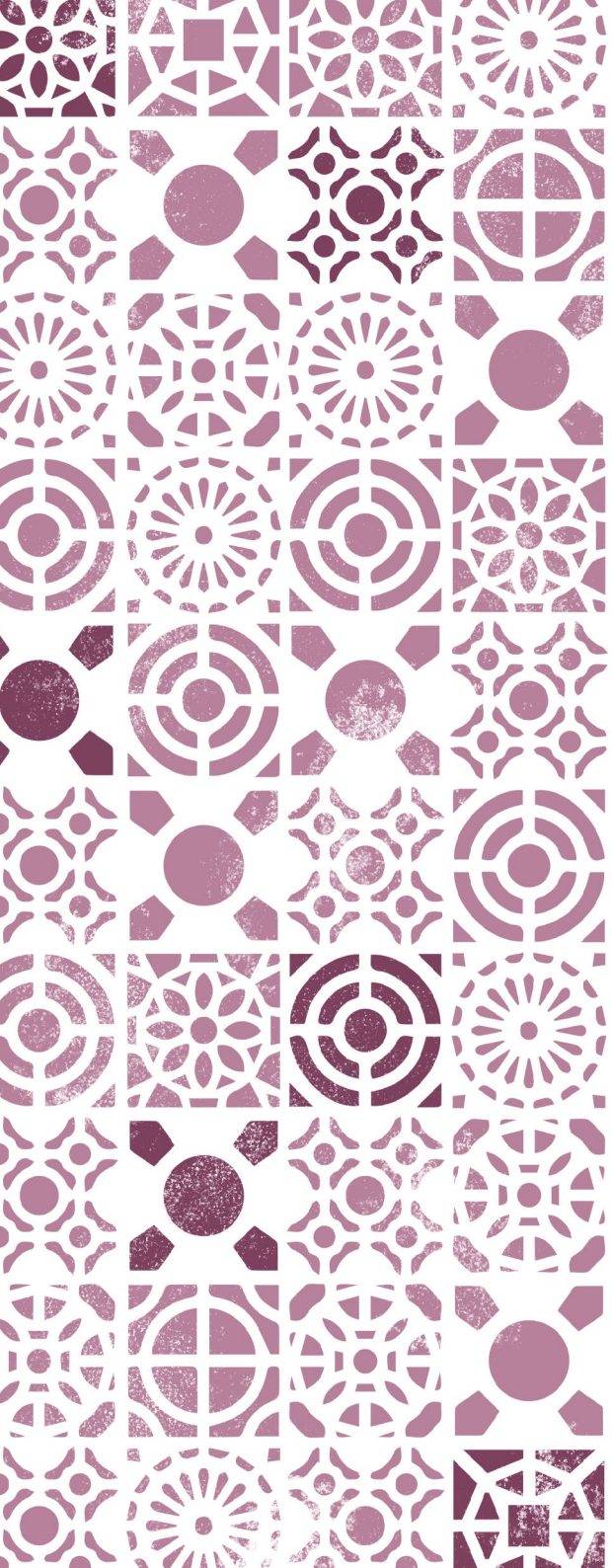
mando-se o dia em que ela ia voltar, eu estava certa de que iria retornar para a minha vida normal, porém, para minha surpresa, fui chamada para trabalhar de carteira assinada. Minha alegria foi tanta que comecei a chorar, um choro não de tristeza, mas de felicidade, porque eu teria um salário e não ia precisar correr atrás de um e de outro, como antes eu fazia, para sustentar meus filhos. Sem contar que trabalhar no SOS Corpo para mim era como uma escola, aonde chega uma criança sem nunca ter pegado num lápis, e a professora precisa segurar em nossas mãos, ajudando a segurar o lápis. É essa visão que tenho desse lugar de que hoje faço parte, esse lugar que me fez perceber que a vida toda, tudo que eu fazia e achava que era obrigação, hoje vejo como exploração. Sei que aqui é uma escola de muita referência para se aprender, se ver como sujeito e saber dos seus direitos. A minha mudança se deu através do lugar que trabalho, por ser uma organização de mulheres feministas.

Hoje percebo que fui alfabetizada por mulheres que me fizeram ser hoje a pessoa que sou. Hoje me olho e me sinto diferente. Essa diferença se deu, e ainda se dá, por eu trabalhar num lugar diferente. Se eu tivesse trabalhando em qualquer lugar privado, com

certeza eu continuaria a ser aquela Áurea de antes. Falava minha mãe que as pessoas mudam quando querem; em parte ela estava certa, mas acredito que as pessoas mudam quando encontram oportunidade, como eu encontrei. Fazer parte de uma organização, onde existem muitas mulheres com grandes pensamentos feministas, fez com que eu conseguisse mudar. Já a vila onde eu moro é que continua do mesmo jeito; só as casas é que mudaram por reformas dos donos.

Fico revoltada por pagar contas e saber que estou contribuindo com imposto e não recebo os serviços que nossos governantes nos de-

vem. Por isso temos de viver sem qualidade de vida. Espero que um dia possa existir na minha comunidade tudo o que foi projetado quando construíram a Vila, e que meus filhos e netos não tenham de fazer o que eu faço para manter minha casa tão sonhada limpa, pois já esperei 23 anos e não vi melhoria nenhuma. Quem sabe quando o meu neto tiver com a idade do meu filho hoje, que somando dá 46 anos, mais a minha, então, já dá 102 anos... Com certeza, não estarei viva para ver essas mudanças. Estou feliz por ter conquistado o sonho da casa própria, mas eu ainda sonho com uma qualidade de vida melhor.



Outras histórias

Verônica Pedro e Venuse Braga

É de Loanda!

Verônica Pedro

Sou Verônica, mantenedora, mãe, mulher negra, senhora do meu destino e dona de mim mesma desde muito cedo, história que irei compartilhar um pouco com todas aqui.

Na primeira oficina eu não desenhei nada, não falei nada, porque infelizmente não pude estar presente, pois não consegui alguém para ficar com a minha princesa negra nesse primeiro momento. Falando nisso, preciso expressar como é difícil para nós, mulheres, com nossas duplas jornadas, ter uma participação política mais ativa, o que se agrava ainda mais quando se tem filhos pequenos de 0 a 5 anos, dificuldade que varia muito, dependendo de cada realidade. No meu caso se torna mais difícil porque não posso contar com o apoio de familiares; conto com o apoio de amigas e vizinhas; quando elas não podem, ligo para algumas amigas que trabalham como diaristas, isso quando a grana dá, enfim o coco é de roda. Sempre tento todas as possibilidades para não precisar trazê-la junto comigo, pois mesmo ela

já estando com cinco anos, não me concentro na atividade; em outros momentos, acabei desistindo, mas dessa vez bati o pé.

Muitos foram os atropelos para que eu conseguisse escrever o meu texto. Minha demanda é puxada; sem falar no cansaço físico, emocional e hormonal (bendita tpm!). Mas disse pra mim: não desisto! Bom mesmo seria se todas nós mulheres pudéssemos contar com políticas públicas de qualidade, tendo boas creches nos bairros, nos permitindo ser mulher, mãe, militante, estudar, namorar, cuidar da casa, viajar, trabalhar, cuidar do corpo, mente e alma. Não é nada fácil se tornar MULHER!

Quando fui chamada para participar desta oficina, fiquei superfeliz e instigada a participar porque já há algum tempo tenho o desejo de participar das oficinas, pois acredito que é um espaço onde posso estar me fortalecendo e contribuindo para o fortalecimento de outras mulheres. Desde a adolescência algo me inquietava; aliás, eu fui uma criança bastante inquieta e questionadora, nunca aceitava um simples não. Porém, com uma mãe repressora, logo fui forçada a ficar em silêncio e adormecer os meus questionamentos “feministas”. Obedeci e guardei todos:



escondi, sucumbi em cada um, guardei todos na gaveta dos sonhos “impossíveis”; mal sabia que um dia eu estaria abrindo essa gaveta e resgatando esses sonhos, e junto, toda a minha história.

Dos cinco aos 13 anos, boa parte deles passei ouvindo a história de vida da minha mãe biológica, que falecera quando eu tinha um ano, das inúmeras surras que meu pai dava nela, do medo que ela tinha de que os

filhos também sentissem aquela dor, da rota de fuga criada por ela para proteger seus sete filhos; o oitavo, que carregava em seu ventre, esse só ela poderia proteger... Meu irmão mais velho tinha a missão de se esconder com todos nós; só deveria voltar para casa após o doloroso silêncio. Certo dia esse silêncio se tornou eterno.

Ouvir tudo isso me deixava sempre triste, mas ao mesmo tempo me enchia de orgulho

e admiração pela minha mãe. Foi a partir da sua história que construí a minha com um “olhar feminista” de ver a vida. Posso dizer que a minha relação com o feminismo começa a partir dela, minha mãe biológica, mesmo que indiretamente. E mesmo sem poder expressar meu pensamento por viver numa educação super-repressora por parte da minha mãe adotiva, ainda assim eu tentava não aceitar as imposições do macho da casa, que era meu irmão mais velho, sempre a querer mandar nos meus passos e pensamentos. Não fui uma criança e/ou adolescente com muitos direitos para falar; no máximo o que conseguia era questionar, ficar sem resposta, e quando insistia recebia um sonoro “cala a boca, menina!”.

E assim, durante um bom tempo, fiquei alheia ao mundo, sem muitos questionamentos, talvez porque como não tinha muito direito, perdi o jeito, como as injustiças não passavam por mim, lá seguia eu. Era negra, mas por ser chamada de “morena” bonita, rosto afilado, cabelos longos e cachos invejáveis, custei a sentir a lâmina cortante do racismo. Só iria senti-la novamente com a experiência de ser mãe, vivenciando o racismo na infância através da minha filha no ambiente escolar. Vivenciar o racismo atra-

vés da minha filha tem sido uma das piores dores, mas não desisto, busco forças dentro do feminismo para combater tamanha desumanidade. Combater o racismo, sutil como um elefante, de cada dia não é fácil, sem falar que é dolorido e solitário. Confesso que às vezes dá uma canseira com tanta discriminação por ser mulher, negra, mãe solteira, mas é só uma canseira que a cada abraço e sorriso de minha princesa trato logo de mandar para bem longe.

O meu encontro com o SOS foi e está sendo um divisor de águas. É a partir desse encontro que a relação com o feminismo entra na minha vida e se torna mais evidente e fortalecido, e muito mais agora, com a minha participação, onde me percebo cada vez mais fortalecida e com desejo de seguir adiante com todas as outras mulheres aguerridas.

O título deste artigo é o nome do blog que eu faço para minha filha desde que ela nasceu. Lá eu conto as experiências dela, as coisas que ela me diz, e, a partir disso, reflito sobre o que minha mãe viveu sofrendo até morrer. Penso na minha luta nesta “nossa vida de mulher”, e imagino o que será que Loanda vai viver, que futuro ela vai construir pra sair do destino que atinge as três gerações.

Meu encontro com o feminismo fez nascer quem realmente sou

Venuse Braga

Cresci num ambiente onde a liberdade de comunicação era proibida pelo poder do machismo e da violência doméstica. Até os dez anos de idade, presenciei minha mãe ser humilhada por ser mulher, sofrer e apanhar calada. Comecei a enfrentar meu pai e a sofrer castigos por isso. Eu gostava muito do meu pai; ele gostava de estudar e, quando não bebia, estudava em casa inglês e francês. Eu o admirava por isso. Minha mãe não teve oportunidade de estudar, e este era um dos motivos por que ele a humilhava. Eu, minhas irmãs e meu irmão fomos crescendo e reagindo à violência dele.

Durante toda a minha juventude sofri preconceito por não ser tão “feminina”, não me maquiar e não gostar muito de usar

vestido. Mesmo namorando rapazes, o estigma de ser “diferente” me acompanhava sempre. Não me sentia diferente e sofria muito com isso. Comecei então a ficar mais retraída, com medo de conversar, por medo de ser rejeitada. Sempre que tentava ser eu mesma e falar do que gostava, sentia dentro de mim uma angústia, um medo e não conseguia reagir.

Um período em que melhorei um pouco foi quando fui morar no Ibura e comecei a me envolver com o movimento espírita, mesmo assim com muita restrição. Nessa época também conheci um grupo de amigos que se encontravam para conversar sobre política e questões sociais; alguns eram filiados a partidos políticos, mas a maioria era de estudantes. Mesmo me identificando com o grupo e sentindo que podia tentar me expor mais, não conseguia articular as minhas ideias. Continuei no grupo contribuindo nas ações que fazíamos no bairro, porém sempre fugindo da fala pública.

Ingressei na faculdade, no curso de Matemática, mas não consegui concluir, por vários motivos, sendo o principal o medo de falar em público. Eu era uma boa aluna, mas não era capaz de desenvolver minhas ideias e

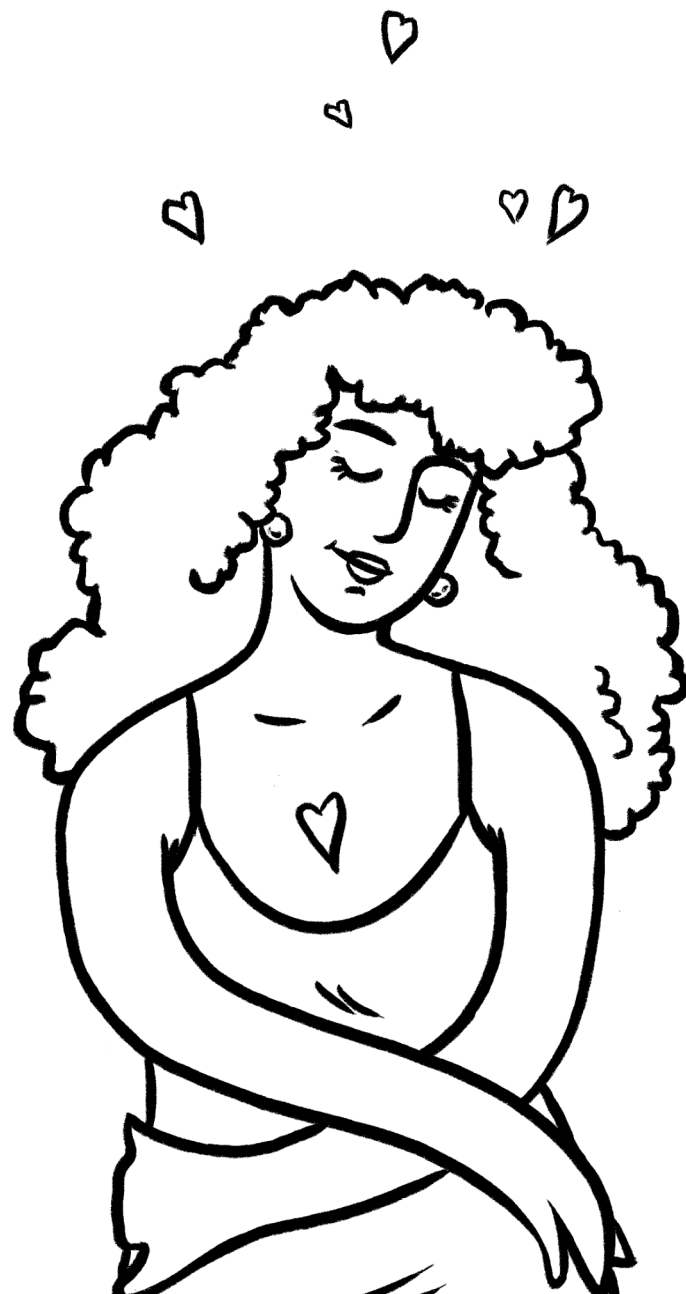
meus pensamentos com clareza. Consegui estágio como professora do ensino fundamental; eu gostava de lecionar e sabia que poderia ser uma boa educadora, porém dentro de mim, sentia uma sensação de inferioridade, como seu fosse uma farsante, sei lá. Um tempo depois vim morar no município de Paulista. Meu irmão ficou muito doente, chegando a ficar paraplégico, e como eu era a única das irmãs que não era casada e não tinha filhos, coube a mim a tarefa de cuidar dele. Passei muitos anos cuidando do meu irmão e da minha família, e consequentemente “esqueci” de viver a minha vida. Tentei algumas vezes voltar a estudar e retomar a minha vida, tentei morar sozinha, e nessas idas e vindas, namorei e engravidei. Senti minha vida embaralhar, não queria ser mãe, não era o momento, mas decidi ir adiante com a gravidez. Não quis me casar, pois não era o meu objetivo de vida, e por essa atitude meu ex-namorado começou a me perseguir. Abandonei o meu emprego e me distanciei de tudo e de todos, para poder fugir dele, ter um pouco de paz e me encontrar novamente.

Quando minha filha tinha dois anos, reencontrei uma amiga do grupo do Ibura que estava participando do movimento de luta

pela moradia e me convidou para uma reunião. Comecei então a me envolver no movimento social, chegando a ser coordenadora. Foi nessa época, durante um curso de capacitação, que conheci uma jovem que participava do Fórum de Mulheres de Paulista e me levou para a reunião. Comecei a participar e aos poucos me afastei do movimento de moradia. Pouco tempo depois, conheci o Fórum de Mulheres de Pernambuco, onde a cada reunião fui descobrindo um novo jeito de debater e analisar as questões da vida, da sociedade e da política sobre a ótica do feminismo e fui me identificando e redescobrimo a minha maneira de entender a vida. O porquê de na sociedade tudo ser permitido para os homens e para as mulheres, não. Como a sociedade está estruturada, e que o racismo e o patriarcado são fundamentais para fortalecer o capitalismo.

Comecei então a falar com mais propriedade. Consegui enfrentar o medo de me expor, olhar mais pra mim e buscar dentro de mim as razões para esse medo. Consegui então lembrar um fato muito triste, que foi o abuso sexual que sofri quando fui passar um final de semana na casa da minha professora de alfabetização, e refleti que esse foi um dos fatores que me marcaram e que contribuí-

ram fortemente para que eu não conseguisse me expressar, não deixando fluir o meu ser. Hoje ainda escuto mais do que falo, e a depender do meu estado emocional, ainda tenho os “brancos” de pensamentos. Mas a força que recebo das companheiras do movimento é primordial. Saber que temos um espaço em que podemos nos fortalecer para enfrentar o patriarcado e o capitalismo, debater nossas questões e organizar a luta para reivindicar uma sociedade mais justa é fundamental. O feminismo fez com que eu me revisse como pessoa humana e entendesse os meus conflitos para enfrentá-los. Tenho certeza que mesmo que me afaste do movimento de mulheres, continuarei sendo a feminista que sou, ajudando outras mulheres a entender e a sair do ciclo da violência doméstica, e contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária entre mulheres e homens.



*Tudo ao mesmo
tempo agora...
uma coisa
de cada vez*

Simone Ferreira

Quando eu e minhas companheiras de trabalho nos reuníamos para debater sobre a conjuntura, compartilhar as nossas experiências sobre os grupos e/ou agrupamentos de mulheres que acompanhávamos, assim como construir coletivamente estratégias pedagógicas e políticas que viessem a fortalecer essas organizações e suas integrantes na luta coletiva, admito que por diversas vezes saí com a cabeça cheia de “interrogações”. Conseguiríamos pôr em prática as estratégias, tendo em vista um ano de Copa do Mundo e de eleições em nível federal e estadual? Numa conjuntura festiva e de disputa política, nossa estratégia contribuiria para que os grupos se tornassem cada vez mais sujeitos de sua própria ação?

Como o título de uma das discografias do grupo de rock Titãs, “Tudo ao mesmo tempo agora”, no ano de 2014, a Copa do Mundo foi realizada no Brasil e ainda tivemos eleições em nível federal e estadual. Esses dois processos em um mesmo ano trouxeram vários desafios para a ação política pedagógica em que estive bastante envolvida.

Em um ano de Copa do Mundo, o calendário de realizações das partidas de futebol serve de referência para a realização das ações. De

posse das chamadas tabelas de jogos, temos como nos orientar em relação às possíveis datas de realização das atividades. Quando são transmitidos os jogos do Brasil e/ou daquelas nações que possuem tradição nesse esporte, tudo para! Poucas horas antes da transmissão desses jogos, são fechadas repartições públicas, o comércio fecha suas portas, a mobilidade nas ruas fica bastante complicada devido aos engarrafamentos porque a maioria da população quer ir para casa para assistir aos jogos com a família ou com os amigas(os) nos barzinhos. Quando o imaginário de uma população é alimentado pela frase “o Brasil é o país do futebol” e quando este evento é realizado em seu país, ainda mais sendo considerado o mais esperado, o mais vibrante, mais alegre, o mais contagiante, o mais, o mais, o mais... temos de construir uma tabela paralela que dribble essa euforia, mas que continue na sua estratégia de fazer vários gols.

É muito desafiador, diante deste momento esfuziante, mobilizar a população para a escuta da reflexão e do debate crítico sobre os problemas já existentes, assim como aqueles que se agravaram a partir das obras da Copa do Mundo. É importante ressaltar que durante este período também houve

muitas expressões de desagravo, muitos movimentos sociais foram às ruas, elaboraram documentos apontando o descompasso do alto investimento financeiro por parte dos governos nas obras da Copa do Mundo em relação aos poucos recursos destinados para políticas públicas.

Estas prioridades renderam muitos problemas, em especial para a saúde pública, no tocante às ações voltadas para as mulheres. Assistimos, nos meios de comunicação, a diversos noticiários de gestantes perambulando pelas maternidades atrás de uma vaga para parir, falta de medicamento para

o tratamento de HIV/Aids, quase nenhum investimento para a aquisição de profissionais especializados em infectologia e aumento de leitos para o internamento hospitalar, entre outros. Em relação às políticas para as mulheres, as esferas governamentais ficaram mais concentradas nas ações de formação e pouco se caminhou para a articulação com as outras políticas públicas, a fim de efetivar respostas condizentes com as necessidades das mulheres.

Realizar Fóruns de Diálogos – num contexto de eleição para a escolha de representantes estaduais e nacionais ou mesmo municipal – traz questões que também são desafiantes. Uma delas é a solicitação para reunião, sem que esta seja compreendida como um momento de apoio eleitoral ao governo vigente, ou seja, o entendimento de que ao ser aceita a demanda do grupo da sociedade civil organizada, haja possibilidades de firmar apoios, a partir da mobilização de votos de seus/suas integrantes, nas comunidades, bairros e municípios. Dessa forma, todos os contatos com a gestão executiva foram muito objetivos quanto à solicitação de diálogo, deixando visível que não haveria a menor possibilidade para barganhas político-eleitorais.

Os três grupos de mulheres que acompanhei ao longo do projeto e com os quais construí os Fóruns de Diálogos são apartidários, não estão vinculados organicamente a nenhum partido. Contudo, havia integrantes filiadas a partido, assim como aquelas não filiadas, mas que se identificavam com o projeto político deste ou daquele partido, participando de suas reuniões, influenciando seus programas políticos. Essa situação requer do acompanhamento às organizações muita atenção sobre o objetivo da ação, diálogo sobre a diferença de luta política e política partidária, para que o Fórum de Diálogos não seja capturado como instrumento de apoio por parte da sociedade civil organizada a algum programa partidário.

Os Fóruns de Diálogos que acompanhei foram realizados por três grupos de mulheres: Coletivo de Mulheres Casa Lilás, Grupo Mulheres Atrevidas e Grupo de Mulheres Liberdade VamoSimbora. No início do Projeto Cirandas Comunitárias para Superação da Pobreza das Mulheres, visualizamos uma convergência entre essas organizações: todas eram agrupamentos formados por mulheres que se conheciam através da participação de ações em diversas organizações não governamentais; algumas tinham atuado juntas em

espaço de controle social de políticas públicas e outras militavam no mesmo movimento social. Contudo, não havia pensamento coletivo organizado para a luta, embora o desejo fosse se conformar um grupo para o enfrentamento de problemáticas que, em suas reflexões, eram muito latentes em suas vidas e nas de outras mulheres.

É interessante compartilhar um pouco sobre esses grupos de mulheres e seus fazeres. O Grupo de Mulheres Liberdade VamoSimbora derivou de um programa Educação em Saúde da Mulher (ESAM) atrelado ao Programa de Saúde da Família (PSF) – atualmente chamado Unidade Básica de Saúde (UBS). O ESAM proporcionou que as mulheres se reunissem aos (às) profissionais de saúde para refletir sobre a saúde da mulher, trocar experiências e estimular iniciativas que viessem a contribuir com a saúde da mulher na comunidade de Monte Verde, Recife. Tempos depois, essa experiência proporcionou a necessidade de formar um grupo de mulheres, não mais atrelado ao programa de uma política pública governamental. O grupo passou a refletir sobre os vários problemas que afetam as vidas das mulheres e de que forma, juntas, assim como em parceria com outros sujeitos políticos, construiriam ações

visando à melhoria das mulheres residentes na comunidade, tendo como atuação prioritária o enfrentamento à violência contra as mulheres e a melhoria da saúde, e como foco a qualidade dos serviços da atenção básica de saúde, da saúde da mulher e do saneamento básico.

O Coletivo de Mulheres Casa Lilás vem de uma recomposição e ampliação do grupo de mulheres Associação de Mulheres de Lagoa e Adjacências (AMLEA), localizado na comunidade de Lagoa Encantada, no bairro do Ibura, Recife, com atuação comunitária para a melhoria da vida das mulheres através da incidência nas políticas públicas, principalmente no enfrentamento à violência contra as mulheres e no acesso ao transporte público para a comunidade. Após terem participado do curso de Promotoras Legais Populares (PLP) e atuado como PLPs, estiveram com diversas mulheres, quando puderam ter acesso às outras problemáticas que estão presentes no seu dia a dia, entre elas a saúde da mulher e a participação política. Essa atuação promoveu o desejo de algumas mulheres PLPs, de outras lideranças de organizações sociais e residentes noutros municípios, junto com integrantes da AMLEA, a se consolidarem em grupo.

Dessa reflexão e ação coletiva, surgiu o Coletivo de Mulheres Casa Lilás, que tem atuação em vários municípios da região metropolitana, tendo como foco a atuação no enfrentamento à violência contra mulheres, a defesa da qualidade da saúde da mulher e a melhoria da mobilidade. É importante salientar que muitas de suas integrantes não se desligaram dos seus grupos de origem; elas ainda atuam em organizações comunitárias dos bairros onde residem, assim como em redes e movimento social de mulheres, moradia e direitos humanos na região metropolitana.

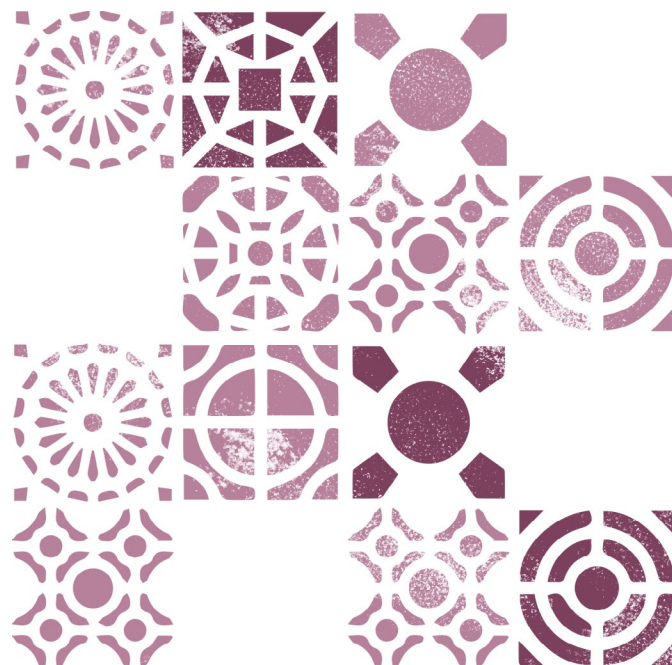
Outra organização é o grupo Mulheres Atrevidas, formada por mulheres soropositivas para o HIV/Aids. A maioria delas já se conhecia, pois fizeram o mesmo percurso. Após terem o diagnóstico da sua soropositividade, elas se encontravam nas mesmas unidades de saúde de referências para o tratamento e participavam de projetos de organizações da sociedade civil organizada que lutam contra a Aids, como a Gestos, Grupo de Trabalho em Prevenção Positiva. Algumas militavam na Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/Aids - Núcleo Pernambuco, Articulação Aids em Pernambuco, no enfrentamento da epidemia. Mesmo estando em ativida-

des da organização da sociedade civil que estimulavam a reflexão e a ação política coletiva para o enfrentamento da Aids, elas não tinham o sentimento de ser um grupo, embora muitas delas tivessem o desejo. Por outro lado, não foi imposição do projeto que formassem um grupo, mas as atividades de autorreflexão, formação e aprofundamento contribuíram, segundo elas, para que realizassem seus desejos. Foi assim que surgiu o grupo Mulheres Atrevidas. Sua atuação é voltada para o autocuidado com as mulheres soropositivas, visando influenciar as políticas públicas para a melhoria da qualidade de vida das mulheres que vivem com HIV/Aids. O comum entre esses três grupos foi o desejo de formar um grupo próprio que tivesse interesse comum de atuação política para transformar as suas vidas e as de outras mulheres.

Diante desse contexto desafiante, o acompanhamento sistemático aos agrupamentos, antes de se consolidarem como grupos, teve como objetivo resgatar o processo histórico de conjuntura e as ações comuns de cada integrante. Elas debatiam sobre a condição de vida das mulheres, a luta do movimento de mulheres e sua contribuição para a transformação da realidade. Este processo

de acompanhamento estimulou esses agrupamentos a criarem sua própria agenda de encontros entre suas integrantes, para além da presença do SOS Corpo. Nestes encontros também era discutido o foco de atuação que viesse a contribuir coletivamente no enfrentamento de problemáticas que estão presentes no seu cotidiano de vida e no das outras mulheres.

Junto ao acompanhamento, foi realizado um Curso Ciranda Regional de Formação, que teve como objetivo contribuir para o fortalecimento dos grupos de mulheres da Região Metropolitana do Recife, potencializando a sua luta no campo dos direitos e a articula-



ção com os movimentos sociais como meio de consolidação dos espaços de resistências coletivas a partir da perspectiva feminista. Oportunidade em que vários grupos e agrupamentos refletiram sobre diversos temas, tais como: corpo, trabalho, reprodução, participação política e violência contra mulheres. Por ser um espaço que envolveu vários grupos e agrupamentos, estimulou o intercâmbio de experiências e articulação política, contribuindo para o compartilhamento interno dos aprendizados nos grupos ou agrupamentos e fortalecendo o sentido coletivo entre suas integrantes, consolidando-se cada vez mais em um grupo.

O acompanhamento sistemático aos grupos possibilitou conhecer sua forma organizativa, sua capacidade de mobilização e a articulação política com outros sujeitos políticos, bem como perceber os receios, as inquietações e as inseguranças. Com base nessas informações foi possível organizar uma metodologia que tivesse como elementos o grupo como sujeito principal da ação e o fortalecimento interno do grupo, para torná-lo uma referência política no campo da luta.

Quando os grupos passaram a pensar na realização do Fórum de Diálogos, um dos

desafios foi a escolha de qual problemática seria a pauta da reunião, tendo em vista os diversos problemas que afetam a vida das mulheres e as respostas incipientes por parte das gestões governamentais. Foram realizadas reuniões com cada grupo, e suas integrantes elencaram vários problemas, debateram e, a partir daí, buscaram uma definição. A violência contra as mulheres, a saúde da mulher e a feminização da Aids foram escolhidas porque representavam a própria ação institucional que os grupos se colocam para enfrentar, mas também por estas problemáticas estarem em seu cotidiano de uma maneira direta através da vivência pessoal e/ou por conviver com outras mulheres que passam pela situação.

A construção do Fórum de Diálogo apontou a importância da articulação entre a formação sobre os conteúdos e a ação política. Diante desta necessidade, as reuniões com os grupos tiveram momentos de debate sobre os conteúdos, informações sobre as respostas dos serviços públicos à problemática escolhida e o compartilhamento de experiências vividas sobre aquela questão, através da vivência pessoal de integrantes do grupo ou com mulheres muito próximas: parentes, amigas, vizinhas, entre outras.

É um desafio impulsionar as organizações para a luta política, sem perder de vista que estes são grupos recém-constituídos. Os debates e os levantamentos sobre a realidade contribuíram para que os grupos de mulheres se sentissem mais seguros e embasados para denunciar as situações, assim como pautar propostas para a melhoria durante o diálogo com o governo.

Por se tratar de grupos recém-constituídos, cuidou-se para que o acompanhamento não direcionasse a escolha da problemática e o formato do Fórum de Diálogo. Foi importante estimular as integrantes ao pertencimento de grupo, para que elas se sentissem construtoras da atividade, com divisão de tarefas, e pudessem perceber a relevância das reuniões para socializar o andamento das atividades, rever o planejamento e as possibilidades/necessidades de mudanças. Esse processo despertou autoestima por elas se sentirem em condições de refletir, avaliar, planejar e replanejar.

Cada grupo escolheu a problemática que em suas reflexões coletivas estavam mais latentes e sobre as quais necessitavam dialogar com governos para que estes cumprissem com o seu papel: o de executar políticas públi-

cas que contribuam para a qualidade de vida das mulheres. As escolhas ficaram em torno de saúde e da violência contra mulheres. Durante a organização do Fórum de Diálogos com os grupos de mulheres, outro elemento importante foi o de contribuir para que encontrassem sua própria forma de realizar esta atividade e estabelecer relações políticas. Em alguns momentos sentiram-se inseguras de realizar a tarefa por terem como referência a forma como outras instituições realizam suas ações. Foi importante fortalecer os grupos para o reconhecimento do seu modo de atuar, perceber que a construção de uma ação e das relações políticas, seja com a organização da sociedade civil organizada, seja como governo, também tem muito do próprio jeito de ser e fazer.

Em relação aos contatos com o governo, não houve problemas, pois mesmo sendo os grupos recém-formados, algumas de suas integrantes já haviam tido momentos de diálogo com governo porque já militavam em movimentos de mulheres e de luta contra a Aids, por exemplo. Contudo, os Fóruns de Diálogos proporcionaram o reconhecimento dessas organizações de mulheres como sujeitos políticos na atuação das problemáticas debatidas, muito embora as respostas ain-

da sejam incipientes por parte das gestões, diante da magnitude de problemáticas como violência contra a mulher, saúde da mulher e a prevenção e assistência às mulheres vivendo com HIV/Aids. Outra questão é manter a pauta sempre presente e a interlocução com os espaços governamentais, tornando as reivindicações concretas, para assim transformar de fato a vida de todas nós mulheres.

Como citei anteriormente, “Tudo ao mesmo tempo agora”, título da discografia do Titãs, era uma frase que simbolizava aquele momento, para mim. Admito também que este pensamento vinha com um sentimento de inquietude e, como diz Adriana Falcão, “Ansiedade é quando sempre faltam muitos minutos para o que quer que seja”...

E assim, um dia após o outro, as ações foram acontecendo ao seu tempo, sem atrasar ou se adiantar, simplesmente no tempo pedagógico e político oportuno, seguindo o processo planejado, compreendendo que o planejamento não é estático, pois é importante refletir sobre a realidade em que as ações se dão e possibilitar o compartilhamento coletivo das impressões pelos diversos sujeitos envolvidos; e sempre que necessário, modificar (no sentido de aprimorar) para de

fato alcançar qualitativamente as estratégias. Assim sendo, incorporei em meus pensamentos a frase “uma coisa de cada vez”, também do grupo de rock Titãs. Afinal, mesmo que pareça ser tudo ao mesmo tempo agora e aparente algo como uma enxurrada de coisas que não cabem no tempo, o processo político-pedagógico se dá “uma coisa de cada vez”.

Contudo, não posso deixar de comentar que nós mulheres feministas, em nossa luta cotidiana contra o patriarcado, o racismo e o capitalismo, realizamos muitas coisas de cada vez e tudo ao mesmo tempo agora, sempre de forma articulada e, mais ainda, sem fazer acordo com o tempo, como tentou Caetano Veloso, na música “Oração do Tempo”.

Esta experiência do Fórum de Diálogos reafirmou para mim, como educadora e militante do movimento feminista, a importância no acompanhamento a grupos de sempre refletir e dialogar com os grupos sobre as condições sociais, econômicas, culturais e políticas que desafiam a nós mulheres; conhecer a realidade em que os agrupamentos e/ou grupos estão inseridos e/ou atuam; fortalecê-los como sujeitos capazes de influenciar e transformar a realidade que vivenciam;

valorizar o compartilhamento de informações políticas e vivências pessoais. Entender esses momentos como um imprescindível aprendizado mútuo, além de inspiradores no que diz respeito à construção de estratégias. Por fim, outro elemento muito importante é a escuta; como já dizia a cantora Claudia: “deixa, deixa eu dizer o que penso dessa vida, preciso demais desabafar... você não tem o direito de calar a minha boca”. É ouvindo, nos ouvindo e nos fazendo ser ouvidas que juntas encontraremos estratégias para enfrentar os diversos descasos com as nossas vidas, nesse caso em especial, do Fórum de Diálogos, no âmbito das políticas públicas.

Às queridas companheiras do Coletivo de Mulheres Casa Lilás, do Grupo Mulheres Atrevidas e do Grupo de Mulheres Liber-

dade VamoSimbora, agradeço a oportunidade de compartilhamento de saberes, a construção coletiva, as alegrias, as reflexões sobre nós mesmas e os demais sentimentos que vivenciamos ao longo desses três anos. Às minhas companheiras do SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia, sigo sempre grata por estarmos juntas nesse projeto político feminista de transformação a que nos dedicamos e que construímos coletivamente.

E foi assim que tudo aconteceu; não chegou ao fim porque a vida segue e as companheiras do Coletivo de Mulheres Casa Lilás, do Grupo Mulheres Atrevidas e do Grupo de Mulheres Liberdade VamoSimbora continuam militando junto conosco por um mundo mais justo para nós mulheres.

*O pontapé
FeminismoAgora!*

Camila Santana

O que é? O que foi? O que vai ser? São dúvidas que pairam nas nossas cabeças e corações sobre o grupo que somos. O que somos mesmo? Não sabemos ao certo. Mas de uma coisa temos certeza: a experiência que vivemos juntas é (foi? será?) muito importante, muito transformadora e fortalecedora para todas nós. Alguns ou muitos percalços pelos caminhos, coisas de quem se propõe a sonhar e construir algo junto. Não é fácil, não. Mas vamos voltar um pouquinho no tempo,

no começo dessa história, lá na primeira reunião, no início de 2013, a reunião anterior ao primeiro encontro.

Relembremos do e-mail que algumas de nós recebemos de Carmen Silva, educadora do SOS Corpo, o qual fora enviado para várias mulheres jovens da cidade. O texto estava numa fonte de letra cursiva, como um convite recebido por carta. Era mais um toque de ternura que se desejava:

Nós, do SOS Corpo, temos um convite pra você. Estamos decididas a investir na construção do feminismo entre as mulheres mais jovens. Há anos batalhamos por isso, fizemos algumas coisas, mas sempre sem ter recurso algum para viabilizar ações mais ousadas. Agora conseguimos um financiamento que pode ajudar a pôr esta decisão pra frente. Te convidamos pra ajudar a pensar o que fazer.

Fizemos um projeto de financiamento que garante uma certa abertura. Ele prevê ações de formação, comunicação, articulação e mobilização feminista. Podemos apoiar grupos já

existentes e/ou construir um processo político com mulheres jovens que estejam interessadas, mas que não participam de nenhum grupo.

Se você estiver a fim de pensar junto, venha conversar conosco. Estamos chamando uma reunião com mulheres, jovens, que gostam do feminismo, sejam atuantes em grupos e movimentos ou não, para nos ajudarem a construir esta proposta e, se possível, se engajarem nela.

Reunião no SOS Corpo – dia 19 – terça – 19 horas. Rua Real da Torre, 503, Madalena. Em frente à praça que fica ao lado do mercado.

A sala estava lotada de mulheres jovens, instigadas pela ideia de uma formação política feminista aberta para a construção coletiva. Naquela reunião, conversamos acaloradamente sobre o que desejávamos para esta formação. Queríamos arte, queríamos corpo, queríamos alimentação saudável. Como diria a canção: desejo, necessidade, vontade. Mulheres jovens, feministas ou não, participantes ou não de coletivos políticos e culturais.

Depois, veio o primeiro encontro propriamente dito. Naquela casa rosa do SOS Corpo, cheia de histórias de luta, de vida das mulheres, começar a viver a experiência da formação, de falar, de escutar, de se trabalhar no coletivo. Algumas pessoas já vinham de experiências de formação, enquanto outras nunca haviam participado de algo como aquilo. As vivências da formação eram fortes, intensas – pensar sobre si não é uma fácil tarefa –, mas também havia os momentos das gargalhadas, do divertimento. Era prazeroso estar ali com aquelas mulheres, conhecendo mais sobre si mesma e sobre todas, assim como eram prazerosos os momentos fora dali, no Mercado da Madalena, onde almoçamos no primeiro encontro, e em vários outros, numa euforia por estarmos vivendo tudo aquilo juntas.



Nos dois primeiros encontros, estávamos nos (re)conhecendo e definindo como iríamos organizar a formação. Fizemos uma espécie de diagnóstico para saber o perfil do grupo e construímos um calendário com datas e temas dos encontros para o ano de 2013. Eram reuniões mensais, aos sábados, em que passávamos a manhã e a tarde trabalhando um tema através de vivências, dinâmicas e oficinas de autorreflexão. A autorreflexão é uma metodologia da pedagogia feminista que se baseia no compartilhamento, em grupos de mulheres, de reflexões sobre as experiências de vida das



participantes. Com a autorreflexão, podemos tomar consciência de como as nossas experiências são marcadas por opressões sexistas, raciais, de classe, de orientação sexual, e encontrar meios de fortalecimento e auto-organização.

Nesses dois anos em que houve a formação realizada pelo SOS Corpo, discutimos temas como corpo e sexualidade, participação política, lesbianidade, direitos reprodutivos e aborto, racismo, trabalho, cidade, sempre a partir da reflexão sobre as nossas experiências. Muitas questões políticas sacudiram as nossas vidas no decorrer deste tempo, como os protestos de junho de 2013, as mobilizações contra o Estatuto do Nascituro e o Ocupe Estelita.

A formação foi um meio que, ao mesmo tempo, nos auxiliou a digerir o que estava acontecendo e nos estimulou a participar das lutas e articulações. Várias pessoas participaram desse processo: umas começaram, mas deixaram de ir; outras só entraram depois; houve quem fosse apenas uma vez, e algumas permanecem até hoje. Vários coletivos também fazem parte dessa história: Blogueiras Negras, Marcha das Vadias, Ou Vai ou Racha, Labris, Flores

Crew, Flores do Brasil, Cine Vila, Fazendo Milagres Cineclube, Coletivo Além do Arco-íris, Levante Popular da Juventude, Coletiva Feminista.

O nome do coletivo, FeminismoAgora!, deriva do nome da lista de e-mails que criamos para nossa comunicação. Quando menos esperamos, já estávamos assim chamando o grupo: FeminismoAgora! Pareceu-nos interessante essa ideia, pois remete a algo que está se passando no presente momento – o feminismo acontecendo agora –, assim como dá a noção de algo urgente. Sendo um coletivo de mulheres jovens, achamos que fazia todo o sentido.

Sempre buscamos fortalecer as ações dos grupos que fazem parte do FeminismoAgora!, participando, divulgando e auxiliando na organização de debates, encontros, mobilizações, intervenções e sessões de cineclube. Buscamos também fortalecer as ações de outros coletivos e movimentos feministas da cidade. Ainda em 2013, realizamos uma ação na Parada da Diversidade, a qual teve a intenção de trazer o debate lésbico e feminista para a manifestação LGBT. Sabemos que dentro do movimento LGBT existe muito machismo e lesbofobia,

e que, em geral, são os homens gays quem dominam. Neste sentido, resolvemos organizar uma ação lésbico-feminista dentro da Parada da Diversidade, com a participação de vários coletivos. Fizemos faixa, estêncil, panfletos, e houve a participação do bloco de carnaval *Ou Vai ou Racha*, com direito a orquestra e tudo!

A formação, além de proporcionar os encontros mensais entre o nosso grupo de mulheres jovens, ainda propiciou a experiência de intercâmbio com outros grupos de mulheres. É que na verdade estávamos participando de um projeto bem maior, chamado “Cirandas Feministas”. Esse grande projeto realizou cursos de formação feminista com vários grupos de mulheres da região metropolitana do Recife. Eram grupos de mulheres de bairro, mulheres que convivem com HIV, mulheres na luta pela saúde, catadoras de material reciclável, promotoras legais populares, integrantes de Fóruns de Mulheres.

Desses encontros de intercâmbio, participavam três mulheres de cada grupo. Em 2013 houve encontros de formação e intercâmbio com um grupo (composto por mulheres dos vários grupos do projeto Cirandas), e

em 2014, com outro. Esses encontros proporcionaram muitas trocas, construção de laços afetivos e políticos e uma ampliação da visão acerca do movimento feminista – a percepção de um feminismo popular. Passávamos um final de semana todo juntas, numa experiência de imersão.

Em 2014, tivemos a primeira oportunidade de sistematização de nossas experiências até então. A integrante Sophia Branco, a partir do caderno de notas da educadora Carmen Silva e de suas próprias memórias e reflexões, escreveu um material relatando como haviam sido nossos encontros de 2013. Cris Cavalcanti, também do FeminismoAgora!, diagramou o texto e as imagens e, após a impressão do material, fizemos



uma oficina para que nós mesmas o encadernássemos manualmente.

Em 2015, passados dois anos desde o início das oficinas com o nosso grupo, o processo de formação tocado pelo SOS Corpo chegou ao fim e começamos o nosso processo de transição para a auto-organização. Começamos nós mesmas a organizar os nossos encontros, nossas oficinas de autorreflexão, ir atrás de lugar e alimentação para realizar as reuniões.

Tivemos oficinas sobre auto-organização, ação direta, debatemos a necessidade de abertura do coletivo para as mulheres transexuais e transgênero. Participamos da organização do Ocupe Passarinho, um evento político e cultural que aconteceu no bairro de Passarinho, com ocupação das ruas, intervenções e oficinas. Essa articulação do Ocupe já foi um fruto das relações que criamos com as mulheres de Passarinho na formação do Cirandas, quando conhecemos algumas integrantes do Espaço Mulher, organização feminista do bairro. O FeminismoAgora! realizou no evento, junto com a Colativa Feminista, uma oficina de estêncil e lambe-lambe, que são técnicas de arte de rua. Ao final da oficina, fizemos nossos estênceis e colamos lambe-lambes num muro próximo à

sede do Espaço Mulher. A batucada feminista, da qual participam algumas integrantes do FA!, também se apresentou no Ocupe.

Em outubro de 2015, demos início a um projeto que já vínhamos pensando há algum tempo: um cineclube feminista itinerante, o qual batizamos de Cine Guiné. O nome foi inspirado numa personagem que é uma galinha de angola dos quadrinhos da companheira Anaíra Mahin. A primeira sessão buscou discutir a questão da legalização do aborto, por conta das programações do dia 28 de setembro, Dia Latino-Americano e Caribenho de Luta pela Legalização do Aborto. Fizemos a sessão no SOS Corpo com exibição do documentário francês “Olhe, ela está de olhos bem abertos” (*Regarde, elle a les yeux grands ouverts*). O filme retrata, de forma poética e apaixonada, um grupo da década de 1970 que realizava partos e abortos na França. O debate após a exibição foi riquíssimo. Recentemente fizemos outra sessão do Cine Guiné, com o documentário “Umbigo”, de Cauê Santana. No filme, o diretor conta a história de sua mãe, a parteira Valdeci Santana. Contamos na sessão com a presença dos dois, mãe e filho. Atualmente estamos finalizando uma publicação com textos, fotografias e ilustrações

nossas e de companheiras que não necessariamente fazem parte do FeminismoAgora!. Com essa publicação, estamos buscando expressar de forma livre os nossos feminismos e compartilhá-los com companheiras de vários lugares e espaços.

Reconhecemos que são muitos os desafios para nos organizarmos: desde a dificuldade de conseguir tempo para o encontro no meio da avalanche das vidas de cada uma até as crises de identidade individuais e coletivas. Qual é o sentido de estarmos juntas? Acreditamos que o esforço coletivo para construir esse sentido é o que vai nos levar a trans-

formar o que somos. Talvez esse modo como estamos operando não tenha mais sentido. É preciso refazer, pois como diria Cecília Meireles, “a vida só é possível reinventada”. Quanto ao que havia lá no início, no convite que recebemos, acreditamos que esta experiência foi fundamental para a construção do feminismo entre nós, mulheres jovens que participamos do processo de formação. Os frutos estão aí, em cada enfrentamento ao machismo que vivemos diariamente, em cada ação que sonhamos e colocamos em prática, em cada reflexão que temos sozinhas ou no coletivo, nos nossos projetos de vida e no nosso desejo de fazer e refazer.

Sentir, pensar, agir

Carmen Silva

Durante dois anos, 2013 e 2014, estive envolvida com uma experiência singular: impulsionar a formação feminista de mulheres jovens do Recife. Um ano se passou e ainda sinto saudades. Foi muito bom para mim conviver com elas, contribuir com o processo coletivo e, sempre que dava tempo, conversar fora dos espaços de reunião. Reabasteceu a minha reflexão feminista. Enredamo-nos numa aprendizagem coletiva muito forte. Elas aprenderam, eu imaginei. Mas eu aprendi muito, isso eu posso garantir. O espaço criado nesta experiência possibilitou o encontro de mulheres jovens que tinham distintas aproximações com o feminismo, umas muito decididas e atuantes em alguns coletivos organizados recentemente, outras, iniciando o contato, algumas, o retomando depois de um tempo e/ou de algumas críticas à forma como o movimento atua, outras ainda bem definidas em sua identidade feminista individual, mas sem nenhuma experiência de atuação coletiva. Também nos encontramos com algumas garotas para as quais o feminismo e a própria ideia de movimento social eram em si uma novidade. As diferenças constituíram um dos pontos fortes do processo pedagógico. Iniciamos com um grupo de 27 mulheres, majoritariamente em torno de 23 anos, algumas negras, algu-

mas lésbicas, a maioria com formação universitária em curso ou concluída, concentradas especialmente nas áreas de humanas, residentes em Recife, portanto, uma capital, sendo em torno de um terço delas moradoras de periferias da cidade, e algumas já no mercado de trabalho. Este processo pedagógico aconteceu nos sobressaltos da conjuntura, iluminada pelas jornadas de junho em 2013, premida pela ostensiva polarização política em 2014, e sufocada na onda conservadora anti-direitos e de crise institucional de 2015 que se alastra até hoje.

Tomo como ponto de partida para esta reflexão a minha experiência pessoal como educadora responsável por esse processo, mas este texto resulta também de momentos de discussão coletiva posterior à experiência, nos quais estivemos juntas, para sistema-



tizá-lo¹. Além de educadora do SOS Corpo, sou militante de um movimento de mulheres feministas, a Articulação de Mulheres Brasileiras, que, em Recife, se organiza no Fórum de Mulheres de Pernambuco. Para mim o feminismo é um pensamento crítico diante da situação de exploração e dominação que nós mulheres vivemos, e um movimento social de luta para mudar esta situação. É também uma atitude cotidiana de resistência com a qual nós mulheres construímos a nós mesmas e o nosso projeto de vida, para além daquilo que o mundo nos diz que deve ser uma mulher. Como ensina poeticamente Françoise Collin, o feminismo é uma linha melódica, uma inspiração de um sopro, mas nunca um caminho linear e uma trajetória segura. É sempre cheio de sobressaltos, idas e vindas, mas uma fonte de encontros conosco mesmas e com as outras, de alegrias com nossas conquistas no enfrentamento ao sistema, de tristezas ante as nossas recaídas

¹O grupo de debates para esta sistematização reuniu-se em dois momentos distintos e contou com a participação de: Camila Santana de Melo, Cristiana Cavalcanti, Sophia Branco, Thisbe Driele Martins, Ingrid Abage, Flávia Vieira, EloahVieira, Cecília Cuentro, Agsa Gaige, Ju Dolores, Gabriela Cordeiro, Neide Silva e Marília Nascimento

nos braços do patriarcado e de raiva em face do crescimento de tudo que nos oprime.

O processo pedagógico moldou-se basicamente com um encontro por mês de um dia e com uma metodologia participativa muito simples. A articulação das participantes se deu em uma comunicação direta, boca a boca, a partir de algumas jovens conhecidas e interessadas em feminismo. Agendamos uma primeira reunião para apresentar a ideia e, em seguida, um primeiro encontro durante um sábado, para iniciar o processo de formação. Elas decidiram juntas que temas eram fundamentais e aceitaram de bom grado a proposta metodológica, acrescentando-lhe uma vivência artístico-cultural. Os encontros eram abertos com uma animação cultural ou com dinâmicas de integração, seguiam as manhãs com oficinas de autorreflexão sobre o tema previamente decidido, almoçávamos juntas e à tarde fazíamos uma roda de diálogo a partir de subsídios distribuídos anteriormente sobre o mesmo tema. Para fechar, discutíamos alguns encaminhamentos relativos ao funcionamento do grupo ou à participação em atividades dos movimentos sociais, e em seguida tínhamos outra vivência artística e/ou uma dinâmica de integração.

Entre um encontro e outro, a comunicação entre as participantes se dava na lista de e-mails, na qual circulávamos também os materiais preparatórios; textos, vídeos, poemas e comentários. Uma comissão era escolhida a cada encontro para preparar o próximo, e fazia isso em conjunto comigo; no início, também com outra educadora que acompanhava o processo, em duas ou três reuniões durante o mês. Esta decisão, além de facilitar a construção do grupo enquanto tal, a partir da corresponsabilidade, permitia que esta equipe aprofundasse um pouco mais a questão ou o tema em debate e pensasse sobre auto-organização em si.

Paralelamente, algumas integrantes participaram do curso de formação política Cirandas Feministas, oferecido pelo SOS Corpo a cada ano. Além disso, fez parte do processo de auto-organização a participação e o apoio de todas quando do desenvolvimento de ações coletivas por algumas integrantes ou de seus grupos previamente existentes. São exemplos disso a mobilização e a panfletagem nas ruas centrais da cidade contra o projeto de lei conhecido como Estatuto do Nascituro; a atuação conjunta na Parada da Diversidade em 2013, com a mobilização nomeada “Felicidade É Ter Direitos”; o

engajamento na construção da Marcha das Vadias; a participação no bloco carnavalesco lésbico-feminista Ou Vai Ou Racha; o enfrentamento de rua nos protestos durante as mobilizações de junho de 2013; a presença ativa no acampamento e nas passeatas do movimento Ocupe Estelita; as sessões especiais sobre a questão lésbica em dois cineclubes nos quais algumas delas atuavam: o cine Fazendo Milagres, em Olinda, e o cine Vila, na vila Santa Luzia; entre outras ações.

As oficinas de autorreflexão se constituíram em espaços pedagógicos onde cada uma era convidada a refletir sobre a sua experiência de vida a partir de uma questão provocadora apresentada pela educadora. Sentadas no chão em círculo, elas tomavam a palavra, sempre na primeira pessoa do singular, verbalizando o que tinham vivido sobre o assunto e que havia marcado a vida de cada uma. Assim, ocorreram discussões sobre corpo, sexualidade, participação política, trabalho, racismo, violência, lesbianidade, entre outras questões, com depoimentos pessoais que exigiam de cada uma a capacidade de revisitar suas histórias de vida e suas ideias sobre estes elementos que circularam na roda. Para gerar condições para o aprofundamento da reflexão, utilizamos dinâmicas

corporais e outras com materiais expressivos, que favorecem o uso de diversas formas de expressão e de todos os sentidos, potencializando e deslocando o grupo do hábito de apresentar opiniões preconcebidas, potencializando a escuta e a entrega, e favorecendo a intensidade do momento vivido coletivamente. Antes de iniciar, sempre reafirmamos o compromisso construído no início do processo de que este momento é de escuta e partilha, não sendo desejável a expressão de opiniões ou julgamento sobre os depoimentos de outras, além de não ser desejável que as partilhas feitas neste espaço extrapolem o círculo do grupo. Como ensina Maria José de Lima (1988), “a importância de escutarmos os sentimentos de uma mulher está em analisarmos a situação das mulheres em geral e não em analisarmos a mulher em questão” (p. 34).

As rodas de diálogo vinham a seguir, no mesmo dia, e elas permitiam sair da experiência individual para buscar compreender a situação das mulheres em relação à mesma questão refletida, considerando sempre as diferenças e as desigualdades de classe, raça, sexualidade e identidade de gênero, existentes entre nós mulheres. Elas eram preparadas previamente com a leitura de textos que circulavam antes do dia do

encontro, os quais nem todas liam, mas que sempre despertavam o interesse de algumas que, a partir deles, formulavam ideias para debates na roda. A roda de diálogo tinha o caráter de debate teórico e político, buscando aprofundar o tema a partir das singularidades do grupo, uma vez que havia diferenças consideráveis em relação ao grau de formação feminista e sobre o pensamento social em geral.

A nossa concepção pedagógica nos impulsiona a acompanharmos processos como este, buscando construir capacidade crítica, criatividade e autonomia nos grupos e nas pessoas envolvidas. Para isso, nos parecia fundamental o reconhecimento das desigualdades que existem entre nós mulheres, mas também os processos de identificação com o que temos em comum como mulheres. O resgate da metodologia de autorreflexão feminista nos pareceu o melhor caminho para trilharmos. Ao mesmo tempo, o debate teórico-político e o apoio às ações de cada grupo envolvido pareciam ter potencial para facilitar uma integração deste processo ao movimento feminista como um todo, entendido aqui como algo que vai além da soma de seus grupos, articulações e ações políticas, ou seja, como um sentido geral da

ação coletiva das mulheres, enquanto sujeito político, contra o sistema patriarcal, racista e capitalista. Esta é, em síntese, a perspectiva feminista que nos move. E este era o objetivo do processo pedagógico: educar para o engajamento militante no feminismo, não apenas num movimento (articulação) feminista em particular.

Ao final do primeiro, uma das integrantes do grupo, Sophia Branco, sistematizou as oficinas realizadas e registrou a definição inicial do grupo sobre si mesmo: “um pessoal que chegou junto porque queria construir ações feministas de forma coletiva”. Ela apresenta o entendimento da ação educativa como um ato político:

A vontade de construir juntas deve ser maior do que a disputa política ou o medo da disputa. Este foi o mote que surgiu nas nossas primeiras conversas sobre o que deveria nos caracterizar. Podemos considerá-lo a nossa primeira escolha metodológica: queríamos discutir política com seriedade, mas queríamos fazê-lo em um ambiente leve e convidativo. Um sentimento que quase todas partilhamos – se não

todas – é o de não reconhecimento em vários espaços de debates políticos consolidados, pelas suas formas de pensar e fazer política (BRANCO, 2014, p. 9).

As participantes seguem construindo o feminismo em suas vidas e nos coletivos nos quais atuam, refletindo sobre sua situação como mulheres, organizando ações coletivas de expressão de modos de vida e de luta por direitos, participando em movimentos sociais em torno de causas compartilhadas, expressando-se com poesia, música, grafite, design, e também no jeito de ser e estar no mundo. O grupo que se constituiu neste processo chama-se Feminismo Agora! – com o ponto de exclamação no final. Entendo esta experiência como significativa na reconstrução de um modo de fazer feminismo que esteve na origem do movimento e que é retomado por muitas mulheres, hoje. Esta experiência aponta vários elementos para pensarmos como a situação de vida das mulheres é estruturada pela imbricação das relações sociais de exploração e dominação que moldam o sistema patriarcal, racista e capitalista, e também como uma pedagogia, inspirada na educação popular e em princípios feministas, pode ser relevante para

favorecer a formação e a atuação coletiva em movimentos sociais.

Os temas desenvolvidos no processo de formação foram abordados, como já dissemos, a partir de autorreflexão e de rodas de diálogo teórico-político. Além disso, para facilitar a grupalização, utilizávamos dinâmicas, jogos e técnicas pedagógicas lúdicas e interativas, em alguns momentos; em outros, elas foram voltadas para introspecção e sensibilização, a fim de facilitar a escuta e a expressão pessoal pela palavra. Desta forma, os momentos de autorreflexão permitiram que temas sobre os quais já foram produzidas diversas abordagens feministas pudessem ser debatidos à luz de experiências de mulheres jovens, com uma visão mais contemporânea. Isso demonstra o potencial do processo pedagógico para a produção de conhecimento e para a formação das pessoas.

A sexualidade foi um dos temas discutidos em mais de uma oficina. Um mote que mobilizou o grupo foi a consigna “pergunta se ela goza”, escrita pelo movimento feminista em Recife no início da década de 1970 nos muros da cidade, como forma de colocar em debate na sociedade o direito ao prazer sexual para as mulheres. Na sistematização feita

no final de 2013, está descrito que o sentimento geral, entre elas, sobre isso, é de que a geração atual de mulheres é mais livre que as anteriores. “Somos mais livres, porém, muitas vezes acreditamos que somos mais livres do que realmente somos”, disseram, afirmando que esta crença gera acomodação por parte das mulheres jovens em relação às lutas por igualdade e por liberdade sexual. A diferença da opressão no momento atual, no campo da sexualidade, estaria na capacidade de mercantilização e de dissimulação. A mercantilização é discutida no sentido de que as possibilidades de prazer são disseminadas como mercadorias a serem consumidas e a dissimulação diz respeito ao fato de que a aparência de maior liberdade pode gerar situações de difícil enfrentamento para as mulheres em alguns meios de convivência que se apresentam como mais abertos a novos modos de vida.

Constatamos estas dificuldades nas tentativas de relacionamento aberto e poliamor que algumas viveram ou acompanharam de perto. (...) Concordamos que é uma busca incessante e que pode funcionar. O que vivenciamos, entretanto, nos mostra que não é

uma escolha simples. O machismo enraizado na construção de nossas identidades, quando não intensamente discutido e trabalhado, pode fazer com que tentativas libertárias acabem por perpetuar antigas relações de poder, nas quais as mulheres continuam oprimidas, seja porque acatam a propostas que não gostariam de acatar e acabam sofrendo, seja porque os homens acabam por viver essa liberdade de forma mais concreta que as mulheres (BRANCO, 2014, p. 18).

Nos anos 1970 e 1980, nos pequenos grupos feministas, a experiência de autorreflexão e/ou autoconsciência foi fundamental para a constituição da teoria e da prática política. Este método formou uma geração de feministas. Segundo algumas mulheres que viveram estas experiências à época, eles consistiam em refletir juntas, em grupo, sobre si mesmas, sua própria vida, mas também refletir a partir de várias teorias a que elas tinham acesso e levavam para os grupos, a fim de interpretar suas próprias vivências. A concepção pedagógica que foi se forjando nesse processo apoiava-se na ideia de in-

tegralidade da mulher como um elemento essencial para a formação do sujeito político; considerava a necessidade da formação da pessoa, entendida como geração de autoconfiança, consciência de si e construção da identidade pessoal própria, não subordinada à expectativa social que define como as mulheres devem ser. Nas décadas seguintes, a grande maioria dos grupos e movimentos feministas parece ter abandonado ou reduzido a prática de autorreflexão. Em seu lugar, começaram a acontecer oficinas temáticas com metodologias participativas. Neste processo, fizemos uma tentativa de retomar este método reelaborando-o a partir das possibilidades atuais.

Refletindo sobre isso, no grupo de discussão para sistematização, as participantes construíram um sentido para a experiência de autorreflexão feminista nos termos em que ela ocorreu. Elas afirmaram que a autorreflexão possibilita o autoconhecimento, o respeito ao próximo, o aprendizado com as experiências das outras pessoas, bem como ajuda a refletir sobre problemáticas mais amplas, que estruturam a realidade social como classe e raça. A fala de uma participante reflete a metodologia como uma possibilidade de construção de valores necessários à

integração solidária em um grupo: “Eu acho essa coisa do momento de autorreflexão, do ritual, assim: agora a gente vai se concentrar, vai respirar, vai respeitar o momento de fala de cada uma; a gente não vai desrespeitar as outras, a gente não vai dizer a experiência dela fora daqui, a gente vai aprender com a experiência de cada pessoa”. A experiência de autorreflexão associada à formação política, como foi vivenciada nesta experiência pedagógica, é vista por uma integrante como algo que ajuda a se

reconhecer como sujeito feminista, proporciona maturidade política e desenvoltura na construção de coletivos. Tudo indica que este método é, de fato, uma possibilidade de formação de sujeitos na perspectiva da integralidade, tomando a reflexão sobre as experiências vivenciadas como insumo para o processo de reflexão individual sobre si mesma e seu projeto de vida. A partilha e a vivência coletiva a partir das dinâmicas pedagógicas que articulam a corporeidade, e nela todos os sentidos, parecem poten-

cializar muito mais esta perspectiva. Este processo pedagógico associou as vivências e autorreflexão ao aprendizado político, experienciado e refletivo coletivamente, a partir de insumos introduzidos pela educadora e de experiências práticas de engajamento. Concluímos, com isso, que a formação feminista exige o exercício de sentir, pensar e agir, de forma individual e coletiva, num ritmo da pulsação de nosSOS Corpos e dos desafios da conjuntura.

Temos trabalhado com a ideia de que o feminismo, além de uma teoria e um movimento social, é também uma atitude pessoal diante da vida, razão pela qual a pedagogia feminista busca construir coerência entre a intenção e o gesto, entre a reflexão e o engajamento, entre construir a nós mesmas e construir coletivamente as nossas lutas e os nossos movimentos. As oficinas de autorreflexão potencializaram a construção da identidade feminista, vista como uma perspectiva individual de construção da pessoa associada a uma perspectiva coletiva de ação no mundo. A ideia de que o feminismo transforma a vida das mulheres é uma ideia-força no movimento, todavia, ela é criticada por muitas vezes favorecer estilos de vida elitistas, que hierarquizam a posição das feminis-

tas em relação a outras mulheres. A educadora, escritora e militante feminista negra americana bell hooks desenvolve a crítica da seguinte forma:

Costumo criticar o feminismo baseado num estilo de vida determinado, pois temo que qualquer processo de transformação feminista que busque mudar a sociedade seja facilmente cooptado se não estiver radicado num compromisso político com um movimento feminista de massas. No patriarcado capitalista da supremacia branca, já assistimos à mercantilização do pensamento feminista (assim como assistimos à mercantilização da negritude) de um jeito tal que dá a impressão de que alguém pode participar do “bem” que esses movimentos produzem sem ter de se comprometer com uma política e uma prática transformadoras (hooks, 2013, p. 98).

Concordando com bell hooks, insistimos que a formação para o engajamento político com uma prática transformadora, central na perspectiva de Educação Popular, também



é fundamental para a pedagogia feminista que temos construído. E este engajamento se dá em coletivos e articulações. Os conflitos existentes entre as diferentes articulações do movimento e mesmo no interior de cada uma delas foram pontuados por uma participante como sendo um elemento importante percebido no processo de formação: “Se a gente tivesse sido direcionada pra ver só um lado, a gente não tinha espaço pra perceber esses problemas. Isso ajuda a querer fazer algo nosso, a perceber os conflitos e tentar resolver” (P6). A percepção do feminismo como uma rede faz com estas mulheres vejam o processo de formação que vivenciaram como uma abertura para diferentes tipos de engajamento e de formas de luta.

Com a conclusão do processo de formação, elas organizaram um grupo de militância feminista. Este resultado pode ser interpretado de forma muito linear, uma vez que um dos objetivos do processo era exatamente o engajamento político. Todavia, a profundidade da reflexão desenvolvida por elas sobre a sua identificação com o feminismo, o tipo de prática política que buscam construir e os desafios colocados para os movimentos de mulheres hoje, indicam que o caminho percorrido permitiu-lhes galgar uma grande

profundidade reflexiva. Isso foi possível, a meu juízo, por elas terem vivido esta experiência pedagógica, com as características de autorreflexão, formação teórico-política e oportunidades de atuação prática, neste contexto do movimento feminista de Recife e neste tempo histórico em que vivemos. Recife é uma cidade com uma longa trajetória de movimento feminista organizado e atuante, com vários processos de luta e de mobilizações constantes. Atualmente este movimento tem sido renovado com o surgimento de vários coletivos feministas compostos majoritariamente por mulheres jovens, com distintas perspectivas políticas. Isso tudo contribuiu neste processo. Além disso, nos últimos anos desenvolveu-se uma nova forma de socialização feminista através da comunicação na internet. Seguramente este fenômeno tem maior incidência sobre as mulheres que dispõem de maior acesso ao mundo digital, majoritariamente a classe média jovem, embora atinja também as classes populares. Este momento apresenta muitos desafios para o movimento feminista, mas também para a ação educativa que se desenvolve nele. Parece ser, ao mesmo tempo, crescimento e dispersão. E também pode abrir novas possibilidades de organização e atuação para o feminismo enquanto movimento

social que busca se construir a partir do ideal de autonomia e horizontalidade.

Dialogando com a perspectiva de bell hooks, propomo-nos a uma pedagogia que seja capaz de transgredir na sua atuação no mundo e na sua inserção no próprio movimento feminista. Queremos que o ambiente educativo no inte-

rior do movimento feminista (e dos movimentos sociais em geral) seja capaz de ver o novo, de abrir-se para a crítica, de impulsionar a criatividade, de permitir a todas as pessoas o exercício da reflexão, o estímulo aos sentidos, a elaboração de ideias novas e, sobretudo, a renovação das nossas esperanças na utopia de um mundo melhor para se viver.

Referências

BRANCO, S. Feminismo Agora! Notas sobre um processo de reflexão e fortalecimento. Recife, SOS Corpo, 2014.

COLLIN, F. Textualidade da Libertação, Liberdade do Texto. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, Número especial, out./1994.

HOOKS, b. Ensinando a transgredir – A educação como prática da liberdade. São Paulo, Martins Fontes, 2013.

SILVA, C. S. M. Experiências em Pedagogia Feminista. Recife, Edições SOS Corpo, 2010.

LIMA, M. J. Linha da vida ou grupo de autoconsciência: uma reflexão sobre a ótica feminista. In: RÉGIA, M., CAMURÇA, S., OLIVEIRA, E. et al. Como Trabalhar com Mulheres. Coleção Fazer, Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1988.

autoras

Adriana Renata Moreira

Feminista, de raça negra, educadora social, militante e integrante do Coletivo de Mulheres Casa Lilás.

Analba Brazão Teixeira

Sou feminista, militante da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), antropóloga, integro o coletivo SOS Corpo e sou de Natal-RN.

Áurea Araújo de Arruda

Integro a equipe do SOS Corpo, desde maio de 2001, atuando nos serviços gerais e sou responsável pela manutenção. Moro na Vila 27 de Abril.

Beth Amorim

Educadora Social do Grupo Cactos, Gênero e Comunicação, integrante da Coordenação Colegiada do Fórum de Mulheres do Paulista e participante do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE) e Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB).

Camila Santana

Tenho 27 anos, estou no processo de encontro com minha negritude. Sou lésbica, virginiana, fia d'oxum, cientista social e aspirante a educadora, recifense e caruaruense (!!!). feminista anti-patriarcal, anti-racista, anti-capitalista e anti-LGBTfóbica. Sou integrante dos coletivos FeminismoAgora!, Cabelação e Ou Vai ou Racha.

Carmen Silva

Sou feminista e educadora. Tenho 51 anos. Vim do Maranhão e moro no Recife. Sou militante da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB) e do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE). Faço parte do coletivo político-profissional do SOS Corpo.

Cirene Ferreira Mota

Negra, feminista, militante do movimento de mulheres, integrante do Coletivo de Mulheres Casa Lilás e do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE).

Ediclêa Santos

Sou feminista negra brasileira e liderança. Nasci em 10 de Abril de 1957, no Morro da Conceição, Recife-PE. Sou mãe de quatro filhos e tenho cinco netos. Comecei no movimento no Grupo de Mulheres do Morro, onde eu me descobri mulher negra e militante feminista. O movimento me transformou e eu ajudei a transformar outras vidas que sofriam violações de direito. Essa foi e é nossa missão. É pela vida de todas nós mulheres!

Irani de Almeida Brito

Negra, feminista, educadora social, militante dos movimentos de mulheres, integrante do Coletivo de Mulheres Casa Lilás, Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE) e Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB).

Irani Elias

Recifense, 52 anos, pedagoga, analista educacional, funcionária pública da educação estadual, militante feminista de esquerda.

Isis Carina Braz

27 anos, mãe solteira de dois filhos, cursando Serviço Social, moro na comunidade Sapucaia-Aguazinha. Nasci e me criei dentro de Peixinhos, Olinda. Sou gêmea e tenho sete irmãos, três homens e quatro mulheres. Minha mãe é uma guerreira e líder dentro da comunidade. Hoje me identifico feminista devido às lutas que venho travando pela melhoria da vida das mulheres.

Josefa Conceição

49 anos, nascida em Surubim-PE, ativista feminista e ativista na luta contra Aids.

Maria Bernadete

53 anos, ativista feminista e na luta contra a Aids.

Maria de Lurdes Feliciano

Tenho 56 anos de idade e 36 de profissão. Sou trabalhadora doméstica e mãe solteira. Nasci em Alagoas, na cidade de Porto Calvo. Participo do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas.

Maria José dos Santos

Integrante do grupo de mulheres Liberdade Vamosimbora e militante do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE).

Mércia Alves

Assistente social, educadora do SOS Corpo, militante feminista do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE) e Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB).

Miriam Florêncio

Facilitadora do grupo de mulheres Liberdade Vamosimbora. Agente comunitária de saúde, educadora popular na saúde da mulher e militante do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE).

Neide Silveira

Mulher negra, jaboatonense, 62 anos, professora aposentada da rede municipal de ensino, militante de esquerda, feminista e educadora popular.

Odilene Florêncio

Integrante do grupo de mulheres Liberdade Vamosimbora e militante do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE).

Pergentina Vilarim

Negra, comunista, feminista, educadora social, militante dos movimentos urbanos e de mulheres, integrante do Coletivo de Mulheres Casa Lilás e do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE).

Rivane Arantes

Formada em Direito com atuação em educação e pesquisa no SOS Corpo, onde integra o coletivo político-profissional. É militante do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE) e Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB), além de integrar o Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM-Br).

Simone Ferreira

Cientista social, educadora do SOS Corpo, militante feminista do Fórum de Mulheres Pernambuco (FMPE) e da Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB).

Venuse Braga Pires

Educadora popular, ativista feminista e integrante do Fórum de Mulheres de Pernambuco (FMPE).

Fernanda Alves

Tenho 23 anos e sou uma mulher negra feminista. Sou moradora de uma favela conhecida como favela da Xuxa, no bairro de Peixinhos em Olinda, com meu companheiro. Faço parte de um grupo de coco, sou jovem multiplicadora no projeto Mães da Saudade e desde de que conheci o feminismo percebi o sentido da frase “por que juntas somos mais fortes”.

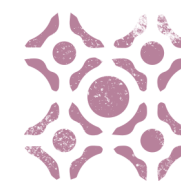
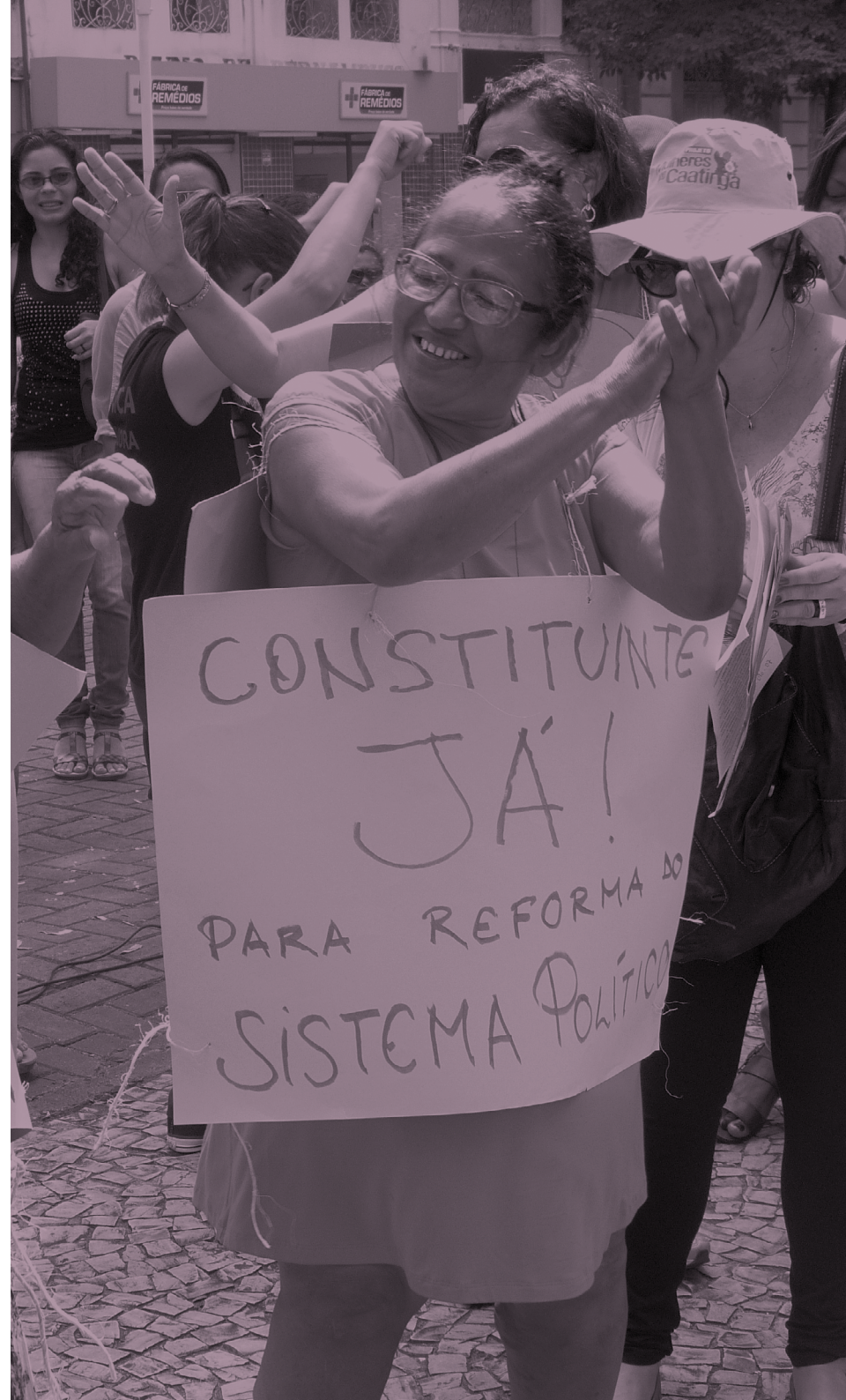
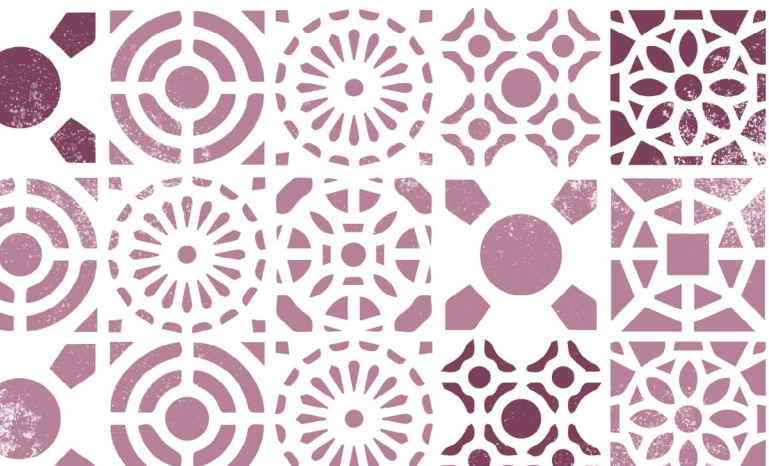
Além das autoras, participaram também em momentos do processo de sistematização:

*Claudia Andrea Costa Prates
Edilene Alves dos Santos
Evandra Dantas da Silva
Juliana Santos
Larissa Santiago
Marília G. do Nascimento
Paula Sophia Branco de Lima
Silvania Melo de França
Tatiane Santos*

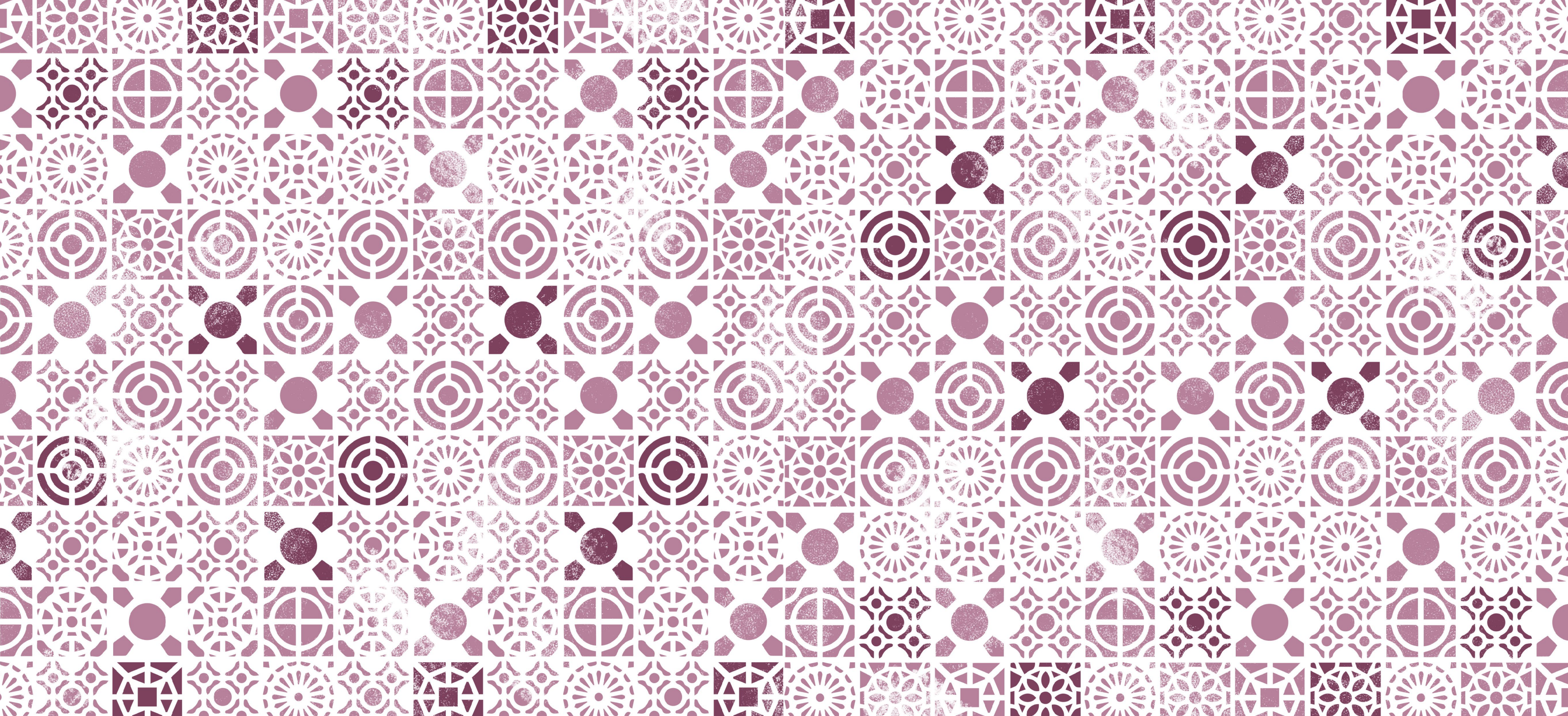


*Margarida,
sua luta
é nossa luta!*

Uma homenagem das
escritoras deste livro a
uma feminista popular
do Recife que se dedica à
construção do Fórum de
Mulheres de Pernambuco
em todos os cantos e em
qualquer ocasião.



No projeto gráfico deste livro foram utilizadas
as fontes *Another Shabby*, *Bree Serif* e *Century
Schoolbook*. O papel da capa utilizado foi o Reciclato
240 g/m² e, no miolo, o Reciclato 90g/m². Impressão e
encadernação: Gráfica Moura Ramos.
João Pessoa, Paraíba, maio de 2016.





União Europeia

ISBN 978-85-89165-37-2



9 788589 165372